

As Associações de Estudantes do ensino superior, na  
dinamização da participação cívica dos jovens  
(estudantes):  
Caso de estudo – As associações do Politécnico de Leiria

Relatório de projeto

Ana Zita Lopes Baptista de Oliveira

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Sara Mónico Lopes,  
Politécnico de Leiria

Leiria, novembro de 2021

Mestrado em Ciências da Educação e Desenvolvimento Comunitário

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Um trabalho desta natureza não é só da pessoa que o assina e defende! É o resultado de muitas horas de entrega e de partilha das dores, das alegrias e das descobertas. Quero agradecer em primeiro lugar, à minha orientadora, a Professora Sara Mónico Lopes, pelo apoio, por orientar, sem impor, por saber ouvir e interpretar as várias dúvidas, mesmo em confinamento e fora de horas.

Agradeço à minha família pela paciência, ao marido, pelo apoio e por compreender a importância deste desafio para mim, à mãe e à sogra por acolherem os netos, para que assim fosse possível trabalhar.

Agradeço ainda à Patrícia V., porque, sem saber, foram as palavras dela que deram o empurrão final! À Patrícia C. porque foi um apoio constante, incentivando, sempre disponível para ouvir um desabafo cansado. À Margarida pelo apoio na edição do texto. Às minhas colegas de mestrado, Raquel e Carmélia por injetarem uma valente dose de ambição e de curiosidade em querer saber mais e não me contentar com o bom. À Ana Paula pelas palavras de incentivo contínuo e pelo carinho.

Por fim, aos membros das AE do Politécnico de Leiria, pela generosidade das respostas e pela partilha de tantas ideias.

## RESUMO

Este trabalho tem como tema “o papel das associações de estudantes do ensino superior, na dinamização da participação cívica dos jovens (estudantes)”. Com este tema pretendeu-se alcançar o seguinte objetivo geral: analisar o papel das associações de estudantes do ensino superior, na promoção entre os seus membros, de uma cultura de participação cívica e perceber se a integração dos estudantes numa associação, tem influência na forma como estes se envolvem na comunidade académica e na comunidade local. Para alcançar este objectivo e os objectivos específicos, a opção escolhida, foi o paradigma qualitativo ou interpretativo, para a aplicação do método e dos instrumentos.

O atual estudo procura perceber como se relaciona pertencer a uma associação de estudantes do ensino superior e ser um elemento ativo na sociedade e para tanto, escolhemos como método, o estudo de caso, as cinco associações de estudantes do Politécnico de Leiria.

Assim, e considerando a abordagem de natureza interpretativa, o método e objeto de estudo, os instrumentos de recolha de dados escolhidos para procurar atender aos propósitos da investigação foram a entrevista semiestruturada, o inquérito por questionário e a pesquisa documental.

Optou-se por aplicar a entrevista semiestruturada aos estudantes que desempenham funções de direção, como presidente ou vice-presidente, e o inquérito por questionário a todos os membros das associações de estudantes do Politécnico de Leiria.

O estudo permite concluir que o associativismo tem influência na participação cívica dos membros da associação de estudantes, nomeadamente ao nível da aquisição de competências importantes para a intervenção ativa na comunidade académica e na sociedade. Contudo, verificou-se que em relação à comunidade local, a atuação da associação de estudantes não é pensada e estruturada para influenciar o desenvolvimento da mesma, nomeadamente ao nível do que é proposto para o ensino superior em termos de responsabilidade social.

### **Palavras chave**

Associações de estudantes, Associativismo, Comunidade local, Ensino superior, Jovens, Participação cívica

## ABSTRACT

The theme of this work is “the role of students’ association of higher education, in stimulating the civic participation of young people (students). With this theme, we intended to achieve the following general objective: to analyze the role of higher education students’ association in promoting a culture of civic participation among its members and to understand whether the integration of students in an association, has an influence on how these get involved in the academic community and the local community. To achieve this objective and the specific objectives, the chosen option was the qualitative or interpretive paradigm, for the application of the method and instruments.

The current study seeks to understand how belonging to a higher education students’ association can relate with being an active element in society and for that, we chose as a method, the case study, the five students’ associations of the Polytechnic of Leiria.

Thus, and considering the interpretive approach, the method and object of study, the data collection instruments chosen to seek to meet the purposes of the investigation were the semi-structured interview, the questionnaire survey and the documental research.

It was decided to apply a semi-structured interview to students who perform management functions, such as president or vice-president, and a questionnaire to all members of Polytechnic de Leiria student associations. The study allows us to conclude that associativism has an influence on the civic participation of the members of the student association, namely in terms of the acquisition of important skills for active intervention in the academic community and in society. However, it was found that in relation to the local community, the performance of the student association is not designed and structured to influence its development, namely in terms of what is proposed for higher education in terms of social responsibility.

### **Keywords**

Associativism, civic engagement, high education, local community, students’ association, young

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Abstract.....	iv
Índice Geral .....	v
Índice de Tabelas .....	vii
Índice de Figuras .....	vii
Abreviaturas.....	viii
Introdução .....	1
I - Enquadramento teórico .....	4
<b>Capítulo 1 - Participação cívica dos jovens.....</b>	<b>4</b>
1.1 A juventude – um conceito amplo e diversificado .....	5
1.2. A situação atual entre os jovens, no contexto europeu e em Portugal .....	11
1.3 A participação cívica, e outros conceitos como cidadania, capital social e socialização política.....	16
<b>Capítulo 2 – O ensino superior.....</b>	<b>18</b>
2.1 O Ensino Superior em Portugal: Breve descrição .....	18
2.2 A Importância do ensino superior no Contexto Local.....	19
2.3 Responsabilidade social das instituições de ensino superior.....	22
<b>Capítulo 3 – As Associações de Estudantes e o desenvolvimento comunitário.....</b>	<b>24</b>
3.1 O associativismo e sua importância na participação cívica.....	25
3.2 As associações de estudantes no Ensino Superior.....	28
3.3 As associações de estudantes na promoção do desenvolvimento local.....	30
II - Investigação Empírica .....	35
<b>Capítulo 1 - Abordagem Metodológica.....</b>	<b>36</b>

1.1 O porquê do estudo .....	36
1.2 Questão de Partida e Objetivos.....	38
2. Método de investigação e instrumentos/técnicas de recolha de dados .....	39
3. Participantes no Estudo .....	43
III - Apresentação e discussão de resultados .....	44
<b>Capítulo 1</b> - Caracterização das AE do Politécnico de Leiria .....	44
<b>Capítulo 2</b> – Uma visão interna da Vida das AE do Politécnico de Leiria .....	49
1 - Descrição dos resultados da aplicação do questionário .....	49
2. Descrição dos resultados da aplicação das entrevistas realizadas .....	59
2.1. A Associação de Estudantes .....	60
2.1.1. Da organização e estrutura da AE .....	60
2.1.2. Dos motivos de entrada na AE .....	60
2.1.3. Atividade desenvolvida pela AE (adesão dos estudantes).....	64
2.1.4. Desenvolver competências de participação cívica .....	65
2. Ensino Superior .....	67
3. Envolvimento na comunidade académica .....	70
4. Atividades na comunidade local.....	73
Conclusões.....	79
Bibliografia.....	84
Apêndices .....	1
Apêndice 1 .....	1
Apêndice 2.....	1
Apêndice 3 .....	2
Apêndice 4.....	3
Apêndice 5.....	25

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – A participação política da juventude em Portugal.....	16
Tabela 2 – Caracterização das AE do Politécnico de Leiria.....	46
Tabela 3 – Plano de Atividades das AE (2019 a 2021).....	48
Tabela 4 – Motivação de entrada na AE.....	61
Tabela 5 – Desvantagens de fazer da AE .....	62
Tabela 6 Tempo dispendido com as atividades da AE.....	63
Tabela 7 - Atividades prioritárias das AE .....	70
Tabela 8 - Atividades sócio-culturais .....	71
Tabela 9 - atividades realizadas ou a realizar pelas AE .....	74

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Motivos de entrada na Associação de Estudantes .....	50
Figura 2 - Associações onde participam, para além da AE.....	51
Figura 3 – Atividades que devem constar do Plano de Atividades da AE .....	53
Figura 4 – Perceções sobre a AE e a participação cívica dos estudantes .....	54
Figura 5 – Relação com a comunidade académica.....	55

## ABREVIATURAS

AE - Associação de estudantes do ensino superior

CCISP – Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos

CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas

IES - Instituições de Ensino Superior

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social

PNJ - Plano Nacional para a Juventude

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis

ORSIES - Observatório sobre Responsabilidade Social e Ensino Superior

## INTRODUÇÃO

O projeto de investigação nasce da relação feita entre duas referências: por um lado, dois estudos, um realizado em 2007 por Magalhães e Moral (2008) e outro em 2015 por Lobo, Ferreira e Rowland (2015), que analisaram, com recurso a inquéritos, a participação cívica e política entre os jovens na faixa etária dos 15 aos 35 anos, tendo ambos demonstrado um progressivo e rápido afastamento dos jovens da participação cívica da sociedade, seja ao nível das associações, seja ao nível da participação política, e por outro lado, a percepção de que este afastamento se verifica ao mesmo tempo que cresce a percentagem de população portuguesa com o ensino superior universitário e/ou politécnico.

A ideia defendida por estudos como o de Ferreira e Silva (2005) é a de que, quanto maior o grau de educação de uma pessoa, maior o interesse e a intervenção ou envolvimento nas diversas estruturas sociais, como associações culturais, solidárias, partidos políticos ou órgãos de soberania representativa (Estado).

No entanto, a relação entre estes dados obriga a levantar a questão sobre o efetivo papel do ensino superior na socialização cívica e política dos estudantes e, dentro do ensino superior, sobre o papel das associações de estudantes (AE). Enquanto estruturas representativas do direito de associação e do direito à participação na vida da instituição, que se afirmam como garante dos direitos e interesses dos estudantes, constituída e eleita de entre os próprios estudantes, sendo esta a nossa problemática.

Tendo em conta a problemática apresentada, definiu-se a seguinte questão de partida: qual o papel das associações de estudantes do ensino superior na promoção, através da sua atividade, da participação cívica dos jovens estudantes?

Pretende-se perceber se as AE, encaradas como espaços de dinamização da participação cívica, sócio-cultural e/ou ambiental, entre outras, onde os estudantes podem exercer os seus direitos e propor atividades que lhes sejam interessantes, são de facto estruturas associativas que facilitam, estimulam os estudantes, através das atividades desenvolvidas, a ser mais ativos na sociedade.

Associando a esta intenção, a premissa que a frequência no ensino superior é um fator potenciador da participação cívica ativa, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel das AE do ensino superior, na promoção entre os seus membros, de uma cultura de participação cívica e perceber se a integração dos estudantes numa AE, tem influência na forma como estes se envolvem na comunidade académica e na comunidade local.

Partindo deste objetivo, os **objetivos específicos** são conhecer os propósitos e o funcionamento das AE de uma instituição de ensino superior; conhecer as suas atividades; identificar as motivações dos jovens para integrarem a associação de estudantes; perceber a importância atribuída pelos estudantes às atividades desenvolvidas pelas AE do ensino superior; analisar a relação entre os membros da AE e a comunidade académica; analisar a relação entre a frequência no ensino superior e a participação cívica dos membros da AE; perceber se as atividades dinamizadas pelas AE valorizam e promovem a participação cívica dos estudantes e por fim, aferir se a AE planeia e realiza atividades com ligação à comunidade local, ou seja, residente na cidade onde se insere a Escola.

Tendo em conta que se pretende conhecer, compreender comportamentos e descrever perceções, a opção metodológica assenta no paradigma qualitativo ou interpretativo (Coutinho, 2011), como método o estudo de caso, as AE do Instituto Politécnico de Leiria, com recurso a uma abordagem mista nas técnicas de recolha de dados, designadamente, entrevista semiestruturada aos dirigentes das várias AE, um questionário dirigido aos membros das AE de cada escola do Instituto Politécnico de Leiria e a análise documental.

O Instituto Politécnico de Leiria (adiante Politécnico de Leiria) é composto por cinco escolas de ensino superior (saúde, engenharias, economia, educação, artes e cultura, atividades ligadas ao mar e turismo), que pelas suas especificidades, têm influência na formação de identidade dos jovens, enquanto cidadãos de pleno direito.

No que concerne à estrutura do presente trabalho, o mesmo encontra-se dividido em duas partes fundamentais, com o propósito de delimitar, os campos teóricos e empíricos, permitindo assim uma melhor compreensão de toda a investigação.

Desta forma, a primeira parte – Enquadramento teórico – integra três capítulos e serviu de suporte à nossa investigação, onde são abordados conceitos que considerámos importantes para melhor compreender a problemática em estudo.

No primeiro capítulo, analisar-se-á a participação cívica dos jovens, as perspetivas de vários autores que estudaram o grupo designado por juventude, assumindo-se a heterogeneidade do mesmo, e contrariando a ideia de aparente apatia deste grupo face ao envolvimento cívico e político, para assumir uma atitude que os descreve mais seletivos nas questões nas quais se envolvem.

Ainda no primeiro capítulo, debruçamo-nos sobre o papel das associações no desenvolvimento e na vida da democracia, nos seus vários palcos (cultura, solidariedade, cívica, política, desportiva, ambiental) que tem sido discutida por vários autores, como Pedro Moura Ferreira, Fung e Alexis de Tocqueville, que refletiram sobre as implicações e efeitos do associativismo na democracia.

No segundo capítulo analisamos o ensino superior, numa breve retrospectiva da sua história recente, a sua importância no desenvolvimento regional e local, passando pela questão da responsabilidade social das instituições de ensino superior, e a ligação com os objetivos de desenvolvimento sustentável, da Agenda 2030.

Por fim, no terceiro capítulo refletimos sobre as AE do ensino superior, a sua posição dentro das instituições de ensino superior como representantes dos direitos e dos interesses dos alunos, com direito a participar na gestão das instituições, bem como no planeamento e gestão do plano curricular e das grandes linhas das políticas educativas.

A segunda parte encontra-se dividida em três capítulos, referente à parte empírica, o primeiro capítulo diz respeito ao percurso metodológico adotado e porquê.

De seguida, avançamos para caracterização das AE do Politécnico de Leiria, para a qual se recorreu à análise documental e a questões colocadas em entrevista.

No terceiro e último capítulo, encontra-se a análise e apresentação dos resultados, obtidos com os questionários aplicados, e com as entrevistas semiestruturadas, e que pretendem corresponder a cada objetivo delineado para a presente investigação. O capítulo termina com a conclusão do estudo, onde são também apresentadas as limitações encontradas no decurso do trabalho.

# I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*“Os adolescentes e os jovens adultos são um grupo alvo importante de todas as iniciativas de desenvolvimento social, dado que, amiúde, são afetados desproporcionadamente pela pobreza, desemprego e exclusão social, [...]. Ao mesmo tempo, os jovens podem ser também um recurso importante na mobilização social necessária para combater esses mesmos problemas”.*

(Relatório do Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, à 54ª Assembleia Geral)

## CAPÍTULO 1 - PARTICIPAÇÃO CÍVICA DOS JOVENS

No início do século XX, a contribuição dos cidadãos para o sistema político assentava essencialmente no voto, os cidadãos eram chamados a avaliar o trabalho realizado pelos governantes anteriormente eleitos e a expressarem nas urnas, o seu sentido de voto.

Com a crescente complexidade do sistema político, e da própria sociedade que o suporta (e é razão de existência), bem como o desenvolvimento intelectual, cultural, social e económico dessa sociedade, proporcionado por uma melhoria contínua das condições de vida, o envolvimento (ou participação) dos cidadãos foi sendo incentivado pelos decisores, numa lógica de fortalecimento da sua legitimidade no agir, e procurado pelos cidadãos, que sentiam cada vez mais o direito e o dever de participar e influenciar as decisões e o rumo do Estado.

O precursor da relação entre cidadãos, associativismo e a democracia foi Alexis de Tocqueville, com “A Democracia na América”, resultado de uma visita à América do Norte. No entanto, a ideia da necessidade de participação cívica no contexto das democracias surge pela mão das instituições, em meados dos anos 60, como resposta à tomada de consciência dos fatores referidos no parágrafo acima, num continuum de adaptação e rejuvenescimento do sistema de governação, neste sentido podemos encontrar vários autores como Augusto (2008), Varela (2009) e (Kiilakoski, 2020).

Numa primeira fase, o envolvimento dos cidadãos surge como uma necessidade voltada para os elementos ativos da sociedade, ou seja, para os adultos trabalhadores e não necessariamente para os jovens.

Contudo, e como iremos aprofundar neste capítulo, com o adiamento da entrada no mercado de trabalho, a falência das promessas de estabilidade e desenvolvimento contínuo (com a falência do Estado Social), após as situações de rutura provocadas pelo movimento que ficou conhecido como o Maio de 68, há um crescente interesse pela chamada “juventude” e pelo seu papel no desenvolvimento das sociedades.

## 1.1 A JUVENTUDE – UM CONCEITO AMPLO E DIVERSIFICADO

Este interesse pela participação dos jovens resultou num crescendo de estudos e políticas sociais focados na juventude e na sua intervenção na sociedade, de forma ativa e intencional (Augusto, 2008; Ferreira, 2008; Ferreira e Silva, 2005; Magalhães e Moral, 2008 e Pais, 1990).

Recentemente, um estudo sobre a participação cívica da juventude (Kiilakoski, 2020) aponta como catalisador da importância da juventude na construção da democracia, a adoção, pela maioria dos países, da Convenção dos Direitos das Crianças, em 1989:

*“Article 12 famously states that «States Parties shall assure to the child who is capable of forming his or her own views the right to express those views freely in all matters affecting the child, the views of the child being given due weight in accordance with the age and maturity of the child» (United Nations 1989). This article strongly stresses the participation rights of every individual under 18 years old. [...] The article also has youth policy relevance since it stresses that more weight should be given to the views of the child when they develop. [...] when the young get older.”*

As conclusões a que chega Kiilakoski ao associar o artigo 12.º da Convenção à participação cívica dos jovens fazem-nos questionar a participação da juventude, quando a mesma é reconhecida num momento de construção do cidadão, a criança.

A definição de juventude é um conceito moderno que divide investigadores, que se posicionam face ao conceito, num ou noutro grupo conforme a teoria defendida.

No âmbito das instituições internacionais, enquanto a UNESCO definiu que a juventude compreende os sujeitos com idades entre os 15 e os 29 anos, a Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1985, no ano internacional da Juventude, enquadra este universo no

grupo etário entre os 15 e os 24 anos.

O inquérito realizado pelo Observatório da Juventude, em Portugal, em 2005, considerou que um indivíduo seria jovem entre os 15 e os 30 anos, enquanto o regime do associativismo jovem<sup>1</sup>, admite a constituição de associações de jovens que integrem pessoas entre os 12 e os 30 anos, permitindo ainda nas associações socioprofissionais, a existência de elementos jovens até aos 35 anos.

O conceito de juventude é à partida, um conceito complexo e com múltiplas definições. Há várias correntes que procuram definir o conjunto de indivíduos, dentro da faixa etária acima definida, para este estudo, importa abordar a juventude do ponto de vista da construção social e analisar os seus comportamentos, que podem ser homogêneos e acabarão por ser heterogêneos, na medida em que são sugeridos pelo senso comum e pelos discursos políticos (Pais, 1990).

Afinal, a juventude compreende um conjunto de pessoas que se identifica como uma geração, ou, por outro lado, a juventude é composta por um conjunto heterogêneo de pessoas numa determinada faixa etária – com diferenças ao nível das dificuldades, das facilidades e até de poder de intervenção nas sociedades? Como refere Abramovay & Esteves (2008, p. 4) *“não há somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades.”*

Este grupo tem sido caracterizado nas últimas décadas, pela sua novidade e singularidade, resultado em grande parte da melhoria das condições de vida, que possibilitam a estes indivíduos, prosseguir os seus estudos, adiando assim a passagem à idade adulta.

No centro de algumas das teorias, está a relação da juventude com os outros grupos sociais, sendo retratado como composto por pessoas superficiais, passivas, ou ainda, em busca do seu quadro de valores e das referências de classe com as quais se identificam, diletantes, em rutura com as regras socialmente aceites, desinteressados e distanciados dos problemas existentes. Esta ideia tem vindo paulatinamente a ser recusada por vários investigadores, ganhando força, a ideia de uma juventude com um nível de interesse igual ou superior ao revelado pelas gerações mais velhas, pondo em causa a centralidade do

---

<sup>1</sup> Publicado pela Lei n.º 23/2006, de 23/06, na sua versão atual.

critério etário e, por conseguinte, os argumentos centrados na “irresponsabilidade temporária” (Augusto, 2008, p. 165).

Assim, na relação dos jovens com a sociedade, na vertente de envolvimento associativo, importa refletir sobre a conceção sociológica da juventude, enquadrando sumariamente duas principais correntes, as teorias encontradas na literatura: a corrente geracional e a corrente classista.

Os autores Augusto (2008) e Estanque (2008) referem Pierre Bordieu como um dos principais responsáveis pela visão classista da juventude. Ficaria famosa a sua frase “*La Jeunesse n’est qu’un mot*”, que tornar-se-ia no mote para a *corrente classista*.

Para esta corrente, a reprodução social é fundamentalmente vista em termos da reprodução das *classes sociais*. Por esta razão, os trabalhos desenvolvidos nesta corrente são, em geral, críticos em relação ao conceito mais vulgar de juventude, no qual, esta se trata de uma «fase de vida» (Pais, A Construção Sociológica da Juventude - alguns contributos, 1990), e também encontramos referências a «ciclo de vida» (Lobo & Sanches, 2017).

A transição dos jovens para a vida adulta seria um mecanismo de reprodução classista, no qual os jovens à medida que completam a sua transição para a sua vida adulta deixam de se diferenciar significativamente do resto da população. As atitudes e comportamentos estão associados à sua condição de jovens e com o tempo e progressiva integração social, as diferenças vão-se esbatendo e adotam outro tipo de atitudes e comportamentos políticos (Lobo & Sanches, 2017, p. 124)

Para a corrente geracional, em qualquer sociedade há várias culturas (dominantes e dominadas), que se desenvolvem no quadro de um sistema dominante de valores. A questão essencial a discutir no âmbito desta corrente diz respeito à continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. O quadro teórico dominante baseia-se nas *teorias da socialização* desenvolvidas pelo *funcionalismo* e na *teoria das gerações* (Pais, 1990).

A corrente geracional admite uma *cultura juvenil*, que, se oporia à cultura das outras gerações, mais concretamente, das gerações “adultas”. E é nessa oposição que podemos assumir diferentes tipos de *descontinuidades intergeracionais*, falando-se ora de *socialização contínua* ora de *rupturas, conflitos ou crises intergeracionais*. Como explica (Pais, A Construção Sociológica da Juventude - alguns contributos, 1990) fala-se de

“*socialização contínua* quando, sem grandes fricções, os jovens são socializados segundo as normas e os valores predominantes entre as gerações mais velhas. E fala-se de *rupturas, conflitos* ou *crises intergeracionais* quando as discontinuidades entre as gerações se traduzem numa clara tensão ou confrontação.

Para além destas construções teóricas, já no século XXI tem crescido a referência às teorias de agência e de risco, segundo as quais, cada jovem tem a sua própria biografia de vida para escrever, mas “*o poder que as instituições têm para dar sentido às biografias está em declínio*” (Augusto, 2008, p. 160), o que aumenta o risco dos jovens, ao afastarem a importância das instituições do seu caminho de transição, para a idade adulta, entrarem num conflito que poderia explicar as suas particularidades políticas.

Isto porque os indivíduos vêm-se a si próprios assumindo a escolha da sua biografia e não tanto aquelas que antes eram consideradas *normais*” (Augusto, 2008). Esta atitude corresponde à introdução do conceito de *individualização* na análise da juventude, provocando importantes impactos no modo de analisar a relação entre os jovens e a política, nomeadamente na imagem de apatia e de desinteresse tão frequentemente associada aos primeiros.

Para Bernard Roudet (2004) os novos tipos de envolvimento político dos jovens, menos institucionalizados e mais vocacionados para um envolvimento que apenas depende do indivíduo (manifestações, assinatura de petições, entre outros), explicam-se em grande parte pelo processo de individualização defendido pelo autor, que “pode ser sumariamente definido como a vontade de cada indivíduo de escolher as suas maneiras de viver [...], assim como por um declínio do papel das instituições na construção das normas colectivas” (Roudet, 2004, p. 17).

Vistas por este prisma, as atitudes frequentemente associadas aos jovens, como a apatia, o desinteresse ou o fraco envolvimento político poderiam ser interpretadas não tanto como resultado da “irresponsabilidade temporária”, mas como um processo biográfico, de natureza seletiva e intencional, que não coincide com os modelos de participação institucionalizados (Augusto, 2008).

Para estes autores, a juventude é então encarada, não tanto como um tempo de transmissão ou de adaptação, mas como um tempo de construção crítica dos modelos políticos edificados pelas gerações anteriores, o que nem sempre resulta numa avaliação positiva

da sua intervenção política, porque esta acontece à margem dos mecanismos normalizados do sistema democrático.

Segundo Augusto (2008), o conceito de geração na sociologia ressurgiu nas últimas duas décadas, em grande medida, devido à passagem de um Estado de Providência, para uma sociedade do risco<sup>2</sup>, que colocou os jovens numa situação permanente de incerteza e insegurança.

Com o crescimento da incerteza relativamente ao emprego e à segurança, e mais recentemente ao ambiente (com as alterações climáticas), o aparente alheamento dos jovens relativamente à política que se faz na “casa da democracia”, reflecte, não um apoliticismo, mas um desencantamento/desconfiança relativamente aos mecanismos formais ou convencionais de integração política, que poderá resultar numa desinstitucionalização da ação política juvenil (Augusto, 2008; Ferreira P. M., 2016).

De acordo com Magalhães e Moral (2008), a relação da juventude com a política, e, por conseguinte, com a participação cívica, vive um paradoxo entre uma defesa acérrima da democracia (particularmente da liberdade de expressão e de associação) e uma rejeição dos modelos de funcionamento do sistema democrático.

O estudo de Magalhães e Moral, (2008) mostra, por um lado, que um terço dos jovens portugueses acredita na democracia como forma de governo, mas por outro lado, revela um nível muito baixo de confiança no governo e nas instituições que sustentam o estado democrático.

Em 2015, o estudo de Lobo, Ferreira e Rowland comparou a satisfação dos jovens com a democracia e a percentagem de jovens que responde de forma positiva, reduziu para metade, face a 2007. Ainda no estudo de 2015, os autores realçam que os mais jovens se destacam também pela percentagem daqueles que afirma não saber ou não querer responder à questão (20%).

Esta realidade é também, percecionada noutros países da Europa. Lattes (cit. por Augusto, 2008, p. 162) ao analisar as representações sociais de democracia produzidas pelos jovens da Europa do Sul, conclui que “a democracia surge associada a um desejo de liberdade, de autonomia e de respeito pelas diferenças, mais no plano existencial do que no plano

---

<sup>2</sup> Sobre a Sociedade do Risco, vide Ulrich Beck., *Sociedade de Risco: Rumo a uma Outra Modernidade*.

político [...], revelando o processo de individualização que caracteriza a experiência da vida em sociedade”

Em relação à ideia, comumente aceita, de que os jovens têm um menor interesse pela política, os dados nacionais recolhidos no estudo de 2008 “Os jovens e a Política - um estudo do centro de sondagens e estudos de opinião da Universidade Católica Portuguesa, dirigido por Magalhães e Moral - e o estudo de 2015 “Emprego, Mobilidade, Política e Lazer: Situações e Atitudes dos Jovens Portugueses numa perspetiva comparada”, dirigido por Lobo, Ferreira e Rowland, mostram que os jovens não são menos interessados ou ativos, quando comparados com o nível de interesse revelado pelas gerações mais velhas.

O estudo de Magalhães e Moral (2008) permite comparar entre os jovens e as gerações mais velhas, porque a amostra de inquiridos do seu estudo «Os jovens e a política» incluiu também a população adulta e idosa. Nesse estudo foi encontrado um padrão de curvilinearidade entre idade e vários indicadores de atitudes e comportamentos políticos, sugerindo um efeito de «ciclo de vida» (Lobo & Sanches, 2017, p. 125). No estudo, os jovens e as pessoas idosas apresentavam padrões semelhantes no baixo envolvimento na política, mas por razões diferentes: os jovens devido ao seu processo de instabilidade profissional e mobilidade, e as pessoas idosas por razões de ordem física e de dependência.

Ambos os estudos revelam a presença de um outro paradoxo, tendo em conta que o capital escolar das gerações mais novas é significativamente maior e que em todos os quadros dos estudos se verifica que são os estudantes do ensino superior ou adultos com o ensino superior que mais se interessarem pela política e pela participação ativa na sociedade, podemos afirmar que a ampliação das competências sociais e políticas dos jovens contribuiu, quando muito, para uma manutenção intergeracional de um fraco interesse pela política (Augusto, 2008).

Este paradoxo poderá ser explicado à luz da teoria da mudança de valores, que tem por base as propostas de Ronald Inglehart (1977, 1990, 1997, citado por Augusto (2008), de acordo com o qual, o aumento das competências políticas (possibilitado pelo aumento do capital escolar), assim como o aumento da segurança física (ausência de guerras ou conflitos que ponham em causa essa segurança) torna os jovens menos dependentes dos

impulsos políticos provenientes das elites e das instituições e, logo, mais autónomos no modo como desenham a sua experiência política.

Esta caracterização da juventude é ainda válida no contexto europeu, como veremos de seguida, quando compararmos os dados portugueses com a situação da juventude no resto da Europa, enquanto União Europeia.

## 1.2. A SITUAÇÃO ATUAL ENTRE OS JOVENS, NO CONTEXTO EUROPEU E EM PORTUGAL

Face ao acima enunciado, o processo de transição para o estatuto de adulto parece hoje menos previsível e mais complexo, com o desenvolvimento de competências pessoais que caracterizam a autonomia psicológica e a maturidade, bem como, na opinião de alguns autores, a autonomia financeira decorrente do ingresso no mercado de trabalho, como ponte para a transição à condição de adulto.

Compreende-se o interesse das instituições representativas da democracia, quer europeias, quer nacionais, em estudar e analisar a situação da participação dos jovens na sociedade, em várias áreas, nomeadamente, na área da participação cívica e política.

O Parlamento Europeu e a Comissão Europeia têm procurado envolver os jovens, promovendo a participação cívica, exemplos dessa procura: o Livro Branco da Juventude, no início do século XXI; o processo de recolha de dados estatísticos, numa base bianual sobre a situação social na Europa, que agrega também o ponto de situação dos jovens em várias áreas da vida; mais recentemente, a Estratégia da União Europeia para a Juventude 2019-2027, aprovada pela Resolução do Conselho da União Europeia e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros reunidos no Conselho.

Também em Portugal, o tema da juventude foi assumindo uma relevância crescente junto das instituições políticas, a partir da década de 90, exemplo disso, o estudo de Magalhães e Moral (2008) - “Os Jovens e a Política” - encomendado pelo então Presidente da República, Professor Aníbal Cavaco Silva. Com base nas conclusões deste estudo, foram lançadas várias iniciativas para promover a formação para a cidadania dos jovens, reforçando a importância do envolvimento ativo dos mesmos, como garantia da qualidade da democracia portuguesa.

Em conjunto com o estudo - “*Emprego, Mobilidade, Política e Lazer: Situações e Atitudes dos Jovens Portugueses numa Perspectiva Comparada*” - de 2015, relevam nas conclusões que, muito embora os jovens portugueses demonstrem índices baixos de participação e envolvimento, estes são mais elevados quando comparados com os dos adultos.

Nas palavras de Ribeiro e Menezes (2013), os jovens não estão satisfeitos com as formas tradicionais de participação e de política, procurando novas formas, que sejam mais dinâmicas e de acordo com os modos de vida atuais, como é o exemplo das formas de participação através da Internet.

Estas autoras compararam dados do European Social Survey (ESS)<sup>3</sup> referentes aos anos entre 2002-2010, cujos resultados sugerem diferenças notórias entre os países e diversas oscilações ao longo do tempo, e concluem que os jovens europeus revelam uma postura participativa e interventiva, mostrando índices médios de participação bastante estáveis ao longo do tempo, nos países analisados (Portugal, Suécia, Inglaterra e Polónia).

Os níveis de confiança mais elevados recaem sobre as instituições europeias, em detrimento das nacionais, e os políticos são aqueles em que os jovens têm menos confiança. De uma forma geral, estão satisfeitos com a sua vida, mas sentem-se grandes oscilações entre os vários países, que as autoras justificam com momentos concretos da vida dos respetivos países.

Não obstante as autoras referirem discursos de falta de participação dos jovens e o aparecimento de políticas educativas centradas na Educação para a Cidadania, da análise que fazem aos dados existentes, os jovens não demonstram estar desligados da sociedade civil nem alheados das questões de participação, tendo transitado para formas mais individualizadas de participar.

Em 2016, a pedido do Parlamento Europeu, foi realizado um estudo conduzido por Nancy (2016) para medir a perceção da juventude europeia em relação a temas relacionados com a crise económica sentida nos países europeus. O estudo foi realizado nos 28 estados membros e destacamos as seguintes conclusões:

- Mais de metade dos jovens europeus (57%) sentiu-se marginalizado e excluído da vida económica e social, do seu país, devido à crise económica. Dos inquiridos, 37%, não

---

<sup>3</sup> É um inquérito transnacional de cariz académico realizado a cada dois anos por toda a Europa desde 2001. É dirigido por uma equipa científica central (Core Scientific Team) liderada por Rory Fitzgerald da City, University of London do Reino Unido, O ESS mede atitudes, crenças e padrões de comportamentos de populações diversas em mais de trinta nações.

concordaram com essa afirmação, e apesar da diversidade que caracteriza os 28 estados membros, o sentimento de exclusão foi maioritário em 20 dos estados membros.

- Ao nível dos sistemas de educação, 59% dos jovens europeus está convicto que o seu sistema educativo está bem-adaptado ao mercado de trabalho, registando-se as respostas mais positivas nos países onde os jovens menos se sentem excluídos da vida económica, como na Alemanha, Malta e Dinamarca.

- Nos países mais afetados pela crise económica, como a Grécia, o Chipre, a Eslovénia, Espanha ou França, mais de metade dos inquiridos acredita que a sua educação não está adaptada às exigências do mercado de trabalho.

– Para 90% dos inquiridos é importante aprender sobre a UE, sobre o funcionamento das instituições, e reconhecem a importância de votar nas eleições para o Parlamento Europeu. Contudo, o comportamento eleitoral real é muito diferente do manifestado neste inquérito e nas eleições de 2014, a participação na votação foi de 42,61% do total de eleitores, sendo que, destes, apenas 27,8% dos votantes tinha entre os 18 e os 24 anos.

Os inquiridos responderam ainda que uma participação ativa na vida pública da EU, pode ser concretizada através de ações individuais, focadas no apoio aos mais necessitados (30% de referências em todos os países europeus) e na participação em debates políticos nas redes sociais e nas páginas oficiais das instituições europeias (21% das referências). Outras formas apontadas, mas com menor peso são: participar em manifestações (19%), aderir a associações e ONG (18%), fazer parte de iniciativas autónomas de cidadãos (17%), aderir a um partido (12%) ou a um sindicato (12%).

Outra nota relevante a retirar deste estudo: muito ativos na internet e nas redes sociais, a maioria dos jovens europeus acredita que as redes sociais representam um progresso para a democracia, por permitirem que todos participem no debate público (46%), estes dados vão no mesmo sentido do evidenciado por Ribeiro e Menezes (2013) e Ferreira (2016). Esta é a opinião da maioria dos inquiridos em 20 dos estados membros, com a Suécia à cabeça, com 71%, seguida da Finlândia com 68% e da República Checa e da Itália, ambos com 63%.

Mas, para 27% dos inquiridos, as redes sociais representam um risco para a democracia, porque pode levar a um uso inapropriado dos dados pessoais, é o caso de 47% dos inquiridos franceses, de 42% dos belgas e irlandeses, com 39%.

Ainda em matéria de envolvimento, os jovens europeus indicam que estão empenhados em adotar comportamentos que sejam sustentáveis, e um grande número de jovens europeus adaptou as suas práticas diárias, para proteger o ambiente e combater as alterações climáticas.

Apesar do esforço das instituições europeias, não existe um entendimento comum sobre a participação da juventude nos vários estados membros, como referido por (Pais, 2005 e Dypall, 2018). Assim, a integração da participação dos jovens no quadro da política europeia da juventude implica grandes mudanças de atitude, tanto dos jovens, como dos adultos, e das políticas e estruturas sociais, em linha com os considerandos expressos na Resolução 346 do Congresso das Autoridades Locais e Regionais:

*“...young people’s interest in conventional political participation, such as voting in elections, has declined over recent years due to increasing disenchantment and cynicism. However this does not mean young people are no longer interested, they still engage in democratic and civic behaviour and they still believe in democratic values. They engage in different forms of democratic activities appropriate to their own understanding of democracy and citizenship.”* (DYPALL, 2018, p. 5)

De acordo com DYPALL (2018) a promoção da participação da juventude na Europa, pelos agentes políticos, pelas instituições democráticas, pela economia e por outros agentes da sociedade, tem como objetivos, a promoção dos valores democráticos das sociedades (modernas) e um sentido de cidadania, a promoção da inclusão social e da integração dos jovens e da sua empregabilidade, mas também a gestão das mudanças sociais, políticas, económicas e culturais.

De forma crítica, o artigo aponta para o risco eminente da participação juvenil ter um valor instrumental, para lá de ser um valor em si, e os documentos políticos que têm sido produzidos, serem movidos não por um real interesse, mas pelo medo de que os jovens possam desconfiar das tendências políticas (atuais), (Augusto, 2008).

Já os atores dos atuais sistemas democráticos manifestam a convicção de que o aumento da participação dará aos (jovens) cidadãos uma sensação de poder e confiança nas democracias, enquanto que uma possível frustração dos jovens provocada por uma transição cada vez mais difícil para o trabalho e para a vida adulta e - como consequência - o risco de desmotivação, demissão, mau comportamento individual, pode conduzir esses

jovens cidadãos a aderir a outras formas de governação, nomeadamente a grupos que defendem o chamado contra-sistema.

A situação atual dos jovens em Portugal, no que se refere à participação cívica e política, bem como a importância que atribuem à democracia, é bastante próxima do quadro traçado da juventude na Europa, com exceção para os níveis de participação registados nos países nórdicos (Ribeiro & Menezes, 2013).

Também no que respeita à desinstitucionalização de que fala Augusto (2008) verifica-se que, de um modo geral, a juventude europeia afasta-se da participação cívica e política, pelos mesmos motivos encontrados em Portugal, os jovens sentem uma desconfiança crescente e desânimo face às dinâmicas institucionais e próximas dos partidos que, em conjugação com a crescente individualização da conduta dos mesmos, os aproxima de formas de participação mais individuais, e não institucionais ou formais, no mesmo sentido (Ribeiro & Menezes, 2013).

Em 2018, o Conselho de Ministros aprovou o Plano Nacional para a Juventude<sup>4</sup> (PNJ) onde se estabelece o compromisso de investir na juventude, apostando numa articulação transversal a vários ministérios com impacto na vida das pessoas jovens, nomeadamente no que respeita à educação, ao emprego e ao empreendedorismo, ao ensino superior, à saúde, à qualidade de vida, ao desporto, à cultura, ao ambiente, entre outras áreas. Na introdução ao PNJ (2018), é assumida a dificuldade de olhar para a juventude de forma homogénea e normalizadora, assumindo-se a sua heterogeneidade.

Os jovens portugueses, bem como os seus congéneres europeus, encontram-se, à semelhança das gerações mais velhas, ausentes ou desligados, na sua maioria, do papel de cidadãos, no seu conceito de ser detentor de direitos e deveres. Importa saber em que medida se sentem chamados a participar na ação política, mas também caracterizar qual o comportamento cívico esperado dos jovens. Quando acima referimos que a participação cívica dos jovens é desejada pelas instituições, pelos medias, e outros intervenientes públicos, não se define em que se traduz essa participação, aspeto que iremos discutir no ponto seguinte.

---

<sup>4</sup> Aprovado na Resolução do Conselho de Ministros n.º 114-A/2018.

### 1.3 A PARTICIPAÇÃO CÍVICA, E OUTROS CONCEITOS COMO CIDADANIA, CAPITAL SOCIAL E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

A noção de participação da juventude, que nos ocupa, define-se como um processo no qual os jovens adquirem ou reforçam a vontade de influenciar e partilhar o controlo e responsabilidade através da tomada de decisões e de utilização de recursos que estão à sua disposição e que passam a privilegiar. O jovem é aqui um ator estratégico do desenvolvimento, enquanto cidadão ativo, crítico, por aderir e assumir participar na construção da democracia.

Quando falamos sobre tomar parte na realização de um instrumento público, como um orçamento ou como outro mecanismo, como o parlamento dos jovens, a participação pode ser encarada como refere Dores (2016, p. 22) *“como um direito universal dos cidadãos, e surge ainda como uma forma de promoção da autonomia do sujeito e das comunidades”*, e também como forma de *“construir ativamente a sua cidadania”*, num processo em que o jovem desenvolve a sua consciência crítica e ganha noção do poder que tem como cidadão.”

A participação é, nesta perspetiva, um dos pilares nos quais assenta o sistema democrático, como o representa o Professor Gomes Canotilho quando identifica a democracia como um *“processo dinâmico de democratização extensivo a diferentes aspectos da vida económica, social e cultural”*, oferecendo *“aos cidadãos a possibilidade de desenvolvimento integral e de liberdade de participação crítica no processo político em condições de igualdade económica, social e cultural”* (Canotilho, 2018, pp. 288-292).

Em jeito de resenha no que respeita à participação política da juventude em Portugal podemos caracterizá-la quase por décadas, partindo da visão de Cruz (1990), Santos (2013) e Lobo e Sanches (2017) e que se sintetiza na Tabela 1.

Tabela 1 – A participação política da juventude em Portugal

Décadas	Tipo de participação	...
De 1974 a meados da década de 80	Formação de uma classe política juvenil, gerada pelo contexto histórico único do país.	A institucionalização organizada da participação política da juventude atinge o auge após o 25 de Abril de 1974

<b>Década de 80</b>	Formação de elites políticas juvenis, na sua maioria homens, estudantes, com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos, das classes média e alta.	A vida política da juventude portuguesa pode ser considerada como uma socialização política organizada
<b>Década de 90</b>	Os jovens manifestam falta de confiança nos políticos, não se sentem representados pelos partidos políticos, e regista-se um progressivo afastamento dos mesmos.	Após os anos marcadamente políticos, o desencanto com a governação e as dificuldades em implementar reformas, conduz ao decréscimo da participação política dos jovens.
<b>Primeiras décadas do século XXI</b>	Aumenta a percentagem de jovens que não têm participação política, mas estes envolvem-se em novas formas de protesto, informais, não organizadas, que surgem em novos canais de comunicação, como as redes sociais.  Surgimento de movimentos espontâneos, com reivindicações mais individualizadas.	A opção por formas de participação “não convencionais” mostra-se mais eficaz entre os jovens.  A participação política orientada para tomadas de decisão, desde a escolha dos governantes à formação da opinião pública, precisa de considerar, para além dos processos formais e organizacionais da participação política, os processos informais e focados no indivíduo.

Fonte: Elaboração própria

Como se pode ver na Tabela 1, a partir do 25 de abril de 1974, até meados da década de 80, as organizações partidárias de juventude foram os grandes instrumentos de mobilização e canalização da participação política dos jovens em Portugal. Este movimento, como sublinha Cruz (1990) demonstra-nos que a socialização política é uma das mais importantes condicionantes de participação política, e por socialização deve entender-se o contacto com práticas partidárias, mas também, com os mecanismos democráticos de tomada de decisão e da necessária fundamentação técnica e legal que qualquer decisão em matéria de política pública carece de ter para se efetivar.

Mas, com a evolução do nosso sistema político e a “normalização” da democracia, a participação política dos jovens, como nos demonstra Augusto (2008) e Magalhães e Moral (2008) e Ferreira (2008) é caracterizada por estar dependente (quase exclusivamente) de comportamentos relacionados com o grau de integração, informação, interesse e mobilização dos próprios jovens e do seu contexto familiar, social e cultural, fatores que condicionam igualmente a restante população portuguesa.

A participação está interligada ao conceito de cidadania política, que Amorim (2007, p. 367) define como “*sinónimo de participação da população no exercício do poder político (uma participação livre, autónoma e não regulada e/ou cooptada)*”.

Nesta posição de liberdade, face ao envolvimento e compromisso com a vida política da sua comunidade, nem todos os indivíduos se interessam por participar nos processos decisórios de modo ativo, o que nos leva ao início do século XXI e até à data (2021), em que os estudos de Magalhães e Moral (2008) e Ferreira e Silva (2005) indicam que a maioria (mais de 50%) dos jovens não participa nos mecanismos formais de organização política ou associativa, mas estão disponíveis para processos informais e voluntários de participação.

Em suma, a participação dos jovens na sociedade tem sido amplamente estudada, verificando-se, que quer em Portugal, quer na União Europeia, as percentagens de jovens que participam ativamente em associações civis ou que se envolvem nas estruturas formais de organização da sociedade, são numa ordem de valor abaixo dos 50%. Mas, também é importante de realçar que este grau de participação ou envolvimento não é exclusivo dos jovens, sendo também essa a realidade nas gerações mais velhas. Ora, como já referimos acima, os estudos de Magalhães e Moral (2008) e de Lobo, Ferreira e Rowland (2015) demonstram que existe uma ligação direta entre a adesão ao associativismo e a formação superior dos associados, razão pela qual, se torna incontornável debruçarmo-nos sobre o ensino superior.

## **CAPÍTULO 2 – O ENSINO SUPERIOR**

### **2.1 O ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL: BREVE DESCRIÇÃO**

Em Portugal, a rede de ensino superior está espalhada pelo continente e ilhas, com as instituições de ensino superior (IES) públicas mais distribuídas pelo país e as IES privadas mais concentradas em Lisboa, Porto e Coimbra<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> De acordo com dados de 2016, da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), os institutos politécnicos estão presentes em 36 concelhos diferentes, com um maior grau de dispersão no território português, enquanto as universidades públicas se encontravam em 15 concelhos.

A rede de ensino superior conheceu um grande impulso no século XX, principalmente a partir de 1974. De acordo com Lourtie (2013), há dois momentos basilares na evolução do ensino superior em Portugal: o período após a implantação da República e o período entre 1972 e 1980.

Em 1973 foi publicada a lei de bases do sistema educativo, do pré-escolar ao ensino superior<sup>6</sup>, que iniciou a reforma conhecida como, a Reforma de Veiga Simão. Com esta lei, e com a regulamentação posterior, criaram-se a Universidade Nova de Lisboa, a Universidade de Aveiro e a Universidade do Minho, o Instituto Universitário em Évora assim como muitos dos Institutos Politécnicos, nomeadamente o de Leiria e também as Escolas Superiores de Beja, Bragança, Castelo Branco, Funchal, Guarda, Lisboa, Ponta Delgada, Portalegre e Viseu (Lourtie, 2013).

A Revolução de Abril provocou um crescimento da procura do ensino superior, impulsionando a criação de mais IES públicas e privadas. De um ensino superior para as elites, com um reduzido número de estudantes, após o 25 de abril, o ensino superior massifica-se e diversifica-se.

O ensino superior politécnico foi consolidando a sua existência, coexistindo no ensino superior português em conjunto com o ensino universitário, e em 1986, com a publicação da Lei de Base do Sistema Educativo, assume-se a existência do sistema binário e reafirma-se as especificidades de cada ensino.

Atualmente, o ensino superior enfrenta novos desafios, como a ligação às empresas e ao mercado de trabalho, a valorização e transferência do conhecimento, numa abordagem inovadora, apoiada na investigação científica e lograr assumir-se como parceiro estratégico no desenvolvimento sustentável nos territórios onde se encontra.

## 2.2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO LOCAL

A aposta no ensino superior que, como vimos, teve o seu início com a Reforma de Veiga Simão, e que se intensificou no pós 25 de abril reconhece a importância das IES no desenvolvimento do país.

---

<sup>6</sup> Lei nº 5, de 25 de julho de 1973, Lei de Bases do Sistema Educativo.

O ensino superior (inicialmente representado pelas universidades) desempenhou um importante papel na sociedade, educando os futuros decisores, empresários, líderes e desenvolvendo as ciências naturais, humanas e sociais. Nos primeiros séculos de existência, as universidades estavam reservadas às elites, detentoras do poder político, económica e religioso, mas com os sistemas políticos liberais, democráticos, assume-se a universalidade do acesso ao ensino superior, apoiada no aumento do número de IES.

E estas, seja por estarem mais dispersas nos territórios, seja por desempenharem funções de apoio à sociedade, revelaram grande potencial para contribuir para o desenvolvimento da sociedade, nas regiões onde se inserem, como salientado por Leitão, (2016), Chankseliani, Qoraboyev e Gimranova (2021), Ferreira (2019) e Macfarlane e Burg, (2018).

Desta forma, ao papel tradicional de criadores de capital humano (através do ensino) e de conhecimento, através da investigação, as IES viram ser-lhes associada outra dimensão, a da promoção do desenvolvimento nas regiões onde se encontram, desenvolvimento este que não se circunscreve à economia, que tem um efeito multiplicador em várias áreas de desenvolvimento, ganhando também relevância o aumento das competências dos trabalhadores para se adaptarem e procurarem soluções para melhorar processos produtivos.

Este reconhecimento do aumento de competências e de desenvolvimento gerador de riqueza, leva, nas palavras de Ferreira (2019, p. 8) *“a que a educação seja o centro desta nova economia e que a capacidade de aprendizagem dos trabalhadores, assim como das organizações seja a ferramenta fundamental na nova economia”*.

Apesar deste trabalho procurar analisar o impacto das IES no desenvolvimento local, ou seja, no desenvolvimento integrado, sustentável, na relação com os indivíduos que ocupam um determinado espaço físico, uma determinada comunidade, a revisão literária aponta maioritariamente para estudos que incidem exclusivamente no impacto económico das IES, a título de exemplo (bem próximo), veja-se Lucas, Mangas, Marques e Nicolau (s.d.) ou mais recentemente Pedro, Lucas, Cadima, Nevez e Pinheiro (2019) , na medida em que assumindo os indivíduos um papel central no desenvolvimento económico, a sua educação e formação são estruturantes neste processo e representam uma mais valia para as empresas.

Os relatórios da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) demonstram que o desenvolvimento dos países está diretamente relacionado com o seu nível de educação e de investigação e desenvolvimento (ID).

Também as IES, de um modo geral, e até ao início do século XXI se mantiveram no desenvolvimento tradicional da sua função de produção de conhecimento e de capital humano, com tendência para se manterem no registo de reprodução do conhecimento, muitas vezes alheadas da sua importância em termos locais (Ferreira, 2019).

Foi, de acordo com alguns autores, a sua inclusão expressa como entidades parceiras, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS) em 2015, que deu o empurrão decisivo, para o arranque da mudança de paradigma na forma como as próprias IES se posicionavam na esfera local e regional das cidades onde se inseriam (Chankseliani, Qoraboyev, & Gimranova, 2021; Leitão, 2016).

Esta mudança de paradigma já se vinha preparando desde meados da década de 90, do século passado, como reforça um relatório da OCDE (2007):

*“In the past, neither public policy nor the higher education institutions themselves have tended to focus strategically on the contribution that they can make to the development of the regions where they are located. Particularly for older, traditional HEIS, the emphasis has often been on serving national goals or on the pursuit of knowledge (OCDE, 2007) with little regard for the surrounding environment. This is now changing. To be able to play their regional role, HEIS must do more than simply educate and research - they must engage with others in their regions, provide opportunities for lifelong learning and contribute to the development of knowledge-intensive jobs which will enable graduates to find local employment and remain in their communities.”*

Na realidade, como resume Ferreira (2019), a influência das IES no contexto local e regional tem efeitos sobre diferentes áreas, das quais nos interessam particularmente, as áreas da política, da cultura, da atratividade da região, de educação, e dos aspetos sociais, ainda que, todos se interliguem, numa visão global da importância das IES na região onde se encontram inseridas.

A autora cita trabalhos que demonstram a importância das atividades dos estudantes nas comunidades, p. exemplo, que por acontecerem fora de horas, permitem revitalizar as zonas urbanas. E cita ainda Eide e Showalter (2010) cuja investigação realizada sobre a educação evidencia a existência de benefícios sociais maiores que o somatório dos benefícios privados, ou seja, a educação traz efeitos externos positivos para a sociedade. Estes autores apontam como exemplo o impacto na cidadania, o cidadão com mais

formação tem mais consciência individual dos problemas políticos e envolve-se mais nessas questões, o que é fundamental para o funcionamento da democracia.

Face ao acima exposto, a influência do ensino superior no contexto local é atualmente um dado assumido por todos os intervenientes no desenvolvimento da cidade/região onde se encontra e essa assunção de responsabilidade traduziu-se na recente rede de IES que através do conceito de responsabilidade social, procura estruturar e uniformizar, dentro da rede, a sua atuação na sociedade.

### 2.3 RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

A inclusão das IES, no desenvolvimento da Agenda 2030 para cumprir os ODS, abriu de par em par a janela das IES para a cidade.

As IES, em conjunto com empresas e organizações da sociedade civil (associações, IPSS, ordens profissionais, entre outras) foram percebendo a urgência de devolver à sociedade, o investimento que a própria sociedade imputou nelas.

É, assim, fundamental olhar a responsabilidade social das organizações como um elemento de importância crescente no contexto institucional, independentemente do setor ou domínio de ação.

As IES portuguesas, como acima referimos, chegam à primeira década do século XXI, numa postura tradicional relativamente à sua influência na sociedade, mas fruto de vários fatores externos (provenientes de tomadas de posição internacionais; mudanças relativas a posicionamento político e estratégico, entre outras) e internos (alteração na forma de financiamento do ensino superior, maior pressão na necessidade de gerar valor, transferência e valorização do conhecimento), como refere Ferreira (2019), foram surgindo mudanças, que ganharam velocidade na segunda década deste século. Uma destas mudanças surge com o Livro Verde de Responsabilidade Social das IES, ao qual aderiram trinta instituições que assim passaram a integrar o Observatório sobre Responsabilidade Social e Ensino Superior (ORSIES), num projeto dinamizado pela Fórum Estudante, em parceria com a Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (ORSIES, 2018).

O Livro Verde apresenta uma estrutura que integra um enquadramento teórico acerca dos temas abordados e um conjunto de recomendações com referência aos temas.

Para o que nos ocupa, iremos focar-nos: (1) na dimensão do campus socialmente responsável; (2) na dimensão da formação pessoal e profissional dos estudantes e (3) na dimensão da participação social na comunidade.

A dimensão das IES como campus socialmente responsável (1) obriga a rever a abordagem tradicionalmente associada às infraestruturas e características físicas do espaço ocupado pelas IES, valorizando o envolvimento de todos os membros da comunidade académica. Como se refere em ORSIES (2018) construir um campus socialmente responsável implica integrar as preocupações de responsabilidade social de forma transversal nas atividades desenvolvidas pelas IES, nomeadamente através da promoção da participação democrática nas IES e na sociedade. Esta dimensão ilustra a construção de um efetivo acesso aos direitos humanos e ao desenvolvimento de políticas inclusivas, com base nos princípios de justiça social, equidade de género, não discriminação e respeito pelas diversidades, de forma a criar um sistema educativo que chegue a todos, promovendo assim os direitos humanos (sem esquecer a igualdade de género e não discriminação nas atividades de gestão, ensino e investigação).

Um dos principais impactos que as IES produzem é na formação dos estudantes (2), aqui assumem a sua posição privilegiada na formação de cidadãos socialmente responsáveis, que usem o seu conhecimento em benefício da sociedade, contribuindo para a construção de um mundo melhor. Nesta vertente, a responsabilidade das IES tem de passar por uma formação integral dos estudantes, para que estes construam um sentido crítico sobre os vários saberes e competências, capazes de questionar e refletir criticamente sobre a realidade em que vivem e atuam, estando esta área totalmente alinhada com o objeto deste estudo.

As recomendações presentes no Livro Verde, quanto ao tema aqui identificado em (2), reforçam que as IES devem ajudar a formar cidadãos conscientes do seu impacto na sociedade (ORSIES, 2018). E essa consciencialização passa também por fomentar o pensamento crítico, reflexivo e autónomo nos estudantes.

O Livro Verde também aborda a educação não formal, recomendando a integração da aprendizagem com serviço, ou seja, o trabalho académico dos estudantes, desenvolvido nos vários ciclos de estudos, pode articular-se com a sua integração como voluntários em projetos sociais, de resposta a necessidades concretas da comunidade, o que transmite aos estudantes, o sinal que a sua instituição apoia o voluntariado em entidades externas.

Outro dos focos de atenção do ensino superior deve ser a relação estabelecida entre as IES e a comunidade envolvente (3), assegurando que as suas atividades e *know-how* são colocadas ao serviço dos processos de desenvolvimento sustentável, através da prestação de serviços à comunidade que contribuam para a resolução de problemas sociais concretos, bem como, para a promoção do trabalho colaborativo e criação de capital social na comunidade (ORSIES, 2018).

O trabalho desenvolvido na construção do Livro Verde, por parte das instituições que compõem a ORSIES pode ser visto como um sinal da vontade das IES em assumir um papel ativo na vida das comunidades onde se inserem, através da sua participação em projetos da sociedade civil com elevado potencial de inovação e impacto social, mas também na formação dos estudantes, numa perspetiva de promoção junto destes, da necessidade de serem cidadãos socialmente responsáveis, que colocam as suas competências e capacidades ao serviço da sociedade, como também nos refere Bocsi, Fényes e Markos (2017).

Posto isto e tal como já acima mencionado, nos estudos de Magalhães e Moral (2008) e Lobo, Ferreira e Rowland (2015) é referido que a frequência no ensino superior influencia a decisão de participar em atividades de voluntariado e em atividades de índole política. Neste contexto, o Livro Verde recomenda às IES que em conjunto com as AE, promova os valores da participação ativa e de voluntariado junto dos estudantes, como forma de potenciar a formação de cidadãos ativos, críticos e envolvidos na sociedade.

Este enquadramento sobre a importância das IES para o contexto local e as recomendações que lhes são dirigidas, leva-nos a entrar no domínio das AE, nomeadamente do ensino superior, por serem uma estrutura que pretende promover a articulação entre os diversos intervenientes do meio académico e destes com a comunidade.

### **CAPÍTULO 3 – AS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES E O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO**

*Uma associação consiste apenas na adesão pública que certo número de indivíduos dá a determinadas doutrinas e no compromisso que contraem de contribuir de uma certa maneira para fazê-las prevalecer.*  
Alexis Tocqueville<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> (Tocqueville, 2005)

### 3.1 O ASSOCIATIVISMO E SUA IMPORTÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO CÍVICA

A ideia de associação, pode sumariamente descrever-se como um conjunto de pessoas que se reúne com o mesmo propósito, sendo esse propósito a junção de objetivos individuais, que são comuns, faz parte da natureza humana. As primeiras associações historicamente assinaladas são de índole corporativista, sindical ou comercial, onde os mestres de cada arte se uniam em torno de uma consciência de classe profissional e lutavam no sentido de conseguirem um pouco mais de poder, face a uma sociedade altamente hierarquizada e com o poder económico-social concentrado nas mãos da nobreza e do clero.

A necessidade do indivíduo de se associar a outros que manifestem um interesse ou preocupação semelhante à sua, faz parte da natureza humana, da dimensão de vivência coletiva.

A atividade coletiva apresenta-se como demasiado complexa para poder ter expressão através de um único órgão, o Estado. Para o nosso projeto, interessa-nos a ideia de associação cujo objetivo vai para além da defesa de interesses profissionais, ou seja, a tipologia de associação voluntária, que surge na sociedade civil.

De acordo com Ferreira (2008) as associações são estudadas pela sua importância no desenvolvimento e vivência em democracia, pelo menos desde Émile de Tocqueville, no século XIX. Este estabelece no seu livro “*A Democracia na América*”, linhas que permitem perceber como as associações são importantes num estado democrático, nomeadamente como luta organizada contra aquilo a que chama “a ditadura da maioria” (Tocqueville, 2005, p. 237), pois, as associações dão força e poder às opiniões que defendem: “*A associação reúne em feixe os esforços de espíritos divergentes e impele-os com vigor em direção a um só objetivo claramente indicado por ela.*”

Também é de Tocqueville a referência ao exercício do direito de associação, como um direito vivido em democracia, através do qual “*os homens se encontram os meios de execução se combinam, as opiniões se apresentam com aquela força e aquele calor que o pensamento escrito jamais pode alcançar*”. (Tocqueville, 2005)

A reforçar esta ideia, Archon Fung (2003) apresenta uma resenha no artigo “*Associations and Democracy*”, onde reflete sobre a relação entre as associações e a democracia.

Nesta reflexão identifica várias contribuições que as associações dão para a dinamização da vida democrática, entre elas, destacamos: (1) o facto de a existência das associações ser ela mesma a manifestação de um dos princípios fundamentais da democracia — a liberdade de expressão, interligada com o direito de associação: “*Part of the very definition of liberal democracies is that they create the space for a plurality of civic and political associations (Dahl 1989, p. 233, cit. por Fung, 2003)*”; (2) as associações podem ser importantes espaços de socialização cívica, política e cultural. Para Fung (2003, p. 520), as associações têm a capacidade de ensinar aos seus membros competências úteis para a participação política, como a participação em reuniões, o desenvolvimento em projetos, como apresentar uma ideia, uma moção, redigir uma carta a uma entidade pública, saber dirigir-se a uma plateia, planear e conduzir uma reunião, entre outras.

Outra das contribuições identificadas (3) é a função de representação de interesses junto dos decisores políticos, as associações atuam no espaço público com capacidade de intervir diretamente nas decisões, enquanto representante de um coletivo.

Por fim, (4) o envolvimento direto das associações em determinados domínios do Estado Social, permite ultrapassar algumas limitações, (Ferreira, 2008).

No estudo de Ferreira e Silva (2005), os autores salientam que o número de jovens que se identificam como associados (pertencentes a uma associação) rondava 25%, mas importa sublinhar que uma parte muito significativa se encontrava vinculada à prática desportiva, que tem pouca ou nenhuma relação com a experiência cívica.

Tendo em conta estes dados, a juventude portuguesa representada no estudo não pode beneficiar das vantagens das associações, enquanto escola de aquisição de competências cívicas, na linha do que defende Fung (2003), uma vez que apenas uma percentagem reduzida se considera associado.

Ressalva-se que os jovens associados identificam como vantagens da experiência associativa, a importância da convivialidade, a aquisição de novas competências e a prestação de um serviço aos outros.

Para Ferreira e Silva (2005) as razões desta participação reduzida estão, sem dúvida, relacionadas com a capacidade da sociedade em promover comportamentos coletivos e de cooperação, e do estudo das variáveis exploradas, verificou-se que a escolaridade, ou a falta dela, é uma das razões que mais contribui para essa participação reduzida.

Assim, a questão do associativismo está, de acordo com todos os autores já referenciados, interligada com maior ou menor participação cívica. Como já referimos, o grupo entendido como juventude, é muito heterogêneo, e os jovens manifestam-se relativamente à participação cívica e política, muito de acordo com a sua cultura juvenil (Varela, 2009).

Apesar de não ser objeto desta pesquisa, parece-nos importante frisar, neste ponto de análise da importância do associativismo, que nenhuma pessoa está imune às influências dos outros à sua volta, e que essas influências, bem como influências do contexto circundante, são determinantes nas modificações constantes do seu comportamento durante todas as fases da sua vida.

A esta influência, os autores dão o nome de “socialização”, que é importante no plano político, mas também, no plano cultural e associativo, como defendem Ferreira (2008) e Varela (2009, p. 58), de cujas palavras nos socorremos para frisar a importância da participação em associações, na *“socialização [que] pode ser desenvolvida através de processos educativos formais, mas também mediante fenómenos de identificação com grupos de referência, transmissão simples de referenciais sociais, filtragem de conteúdos, imitação, adaptação e inovação.”*

O associativismo é assim importante na participação ativa dos associados, o que reforça a questão da importância que as associações de estudantes podem ter, enquanto grupos de referência para os estudantes do ensino superior.

As referências históricas comuns, remetem as associações de estudantes do ensino superior para a representação dos estudantes em ações de reivindicação na melhoria das condições de acesso ao ensino, assim como na dinamização de atividades culturais, artísticas e sociais do interesse dos estudantes, sem esquecer a aproximação dos seus elementos à partidarização política e a grupos de apoio a distintas orientações políticas.

De acordo com Varela (2009, p. 59), a atitude e posse de recursos necessários para o exercício de uma cidadania ativa *“não são inatos, não são transmitidos geneticamente. Sendo assim, só reproduzidos socialmente, como resultado de interações específicas, é que poderão originar uma cultura cívica de participação”*.

As associações de estudantes do ensino superior, como veremos, são um espaço propício à reprodução social de interações que podem originar uma cultura cívica de participação,

pelos princípios pelos quais se regem, e pela natureza dos objetivos que levaram ao seu surgimento e posteriormente ao seu reconhecimento legal (Lei n.º 23/2006, de 23 de junho).

### 3.2 AS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR

Como desenvolvemos ao longo dos capítulos anteriores, o associativismo consegue conter dentro do seu movimento, as sementes da participação crítica, esclarecida, geradora de mais valias para a vida em democracia.

Face às vantagens do associativismo, e considerando a estrutura existente na rede de ensino superior, importa analisar as suas associações de estudantes.

O associativismo estudantil é, antes de mais, uma forma de participação política, constitucionalmente tutelada, (Constituição da República Portuguesa, artigo 46<sup>a</sup>, nº1 e nº3).

As AE, através da sua organização e estrutura, procuram promover a ligação e cooperação entre os vários sujeitos que intervêm na vida da instituição de ensino superior onde se inserem (alunos, pessoal técnico, docentes, investigadores e tutela governamental).

Em Portugal, as AE guiam-se pelo mesmo regime jurídico aplicado às associações juvenis, não obstante as regras específicas, que respeitam a sua natureza, fundada na autonomia e responsabilidade próprias de uma associação composta por estudantes adultos, de uma instituição de ensino superior. De acordo com a Lei n.º 23/2006, de 23 de junho, são AE aquelas que representam os estudantes do respetivo estabelecimento de ensino superior, como tal definido na Lei de Bases do Sistema Educativo, e no Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, independentemente da sua organização institucional.

A constituição das AE também é regulada pela lei, que prevê a necessidade prévia de aprovação de um projeto de estatutos em assembleia geral, expressamente convocada para o efeito, por um mínimo de 10% dos estudantes a representar, de forma a legitimar a formação destas associações, face ao universo de potenciais associados.

Não obstante o direito de associação, constitucionalmente previsto, a lei obriga ao cumprimento de diversos requisitos formais para que a associação seja como tal

reconhecida, para que possa ser titular dos direitos e benefícios previstos para as associações desta natureza.

Como corolário da relevância atribuída às AE, o legislador consagrou o direito destas a instalações condignas, cedidas a título gratuito nas instalações dos estabelecimentos de ensino a que se encontram afetas.

As AE do ensino superior têm também o direito de *participação na definição da política educativa, com assento* nos órgãos consultivos com atribuições no domínio da definição e planeamento do sistema educativo, quer a nível nacional ou regional, bem como o direito a emitir pareceres aquando do processo de elaboração de legislação sobre ensino, ou seja, os projetos de lei são remetidos às associações de estudantes do ensino superior, em momento prévio à sua aprovação. As associações são ouvidas em diversas áreas, nomeadamente, na definição, planeamento e financiamento do sistema educativo, na gestão dos estabelecimentos de ensino e, inclusivamente, no plano de estudos, reestruturação de cursos, graus de formação e habilitações.

Na própria instituição de ensino superior, na qual se integram, as associações têm direito a ser consultadas pelos órgãos de gestão das escolas, em relação ao plano de atividades e plano orçamental; à orientação pedagógica e métodos de ensino, e aos planos de estudo e regime de avaliação de conhecimentos, fazendo parte, nos termos dos estatutos das instituições de ensino superior, e com as devidas adaptações, dos órgãos de gestão, de avaliação e académicos das mesmas.

Eventualmente como forma de proporcionar receita às AE, está previsto o direito de estas colaborarem na gestão de salas de convívio, refeitórios, bares, teatros, salas de exposição ou de conferências, campos de jogos, entre outras.

As AE do ensino superior constituem uma componente essencial de fortalecimento dos laços sociais, no acolhimento e integração dos estudantes com o meio académico, promovem atividades de âmbito cultural, desportivo, e prestam outros serviços aos estudantes, tanto ao nível pedagógico, como de apoio social, podemos referir a esse nível, plataformas digitais de arrendamento habitacional previamente avaliadas pelas AE, apoio em situações de isolamento profilático, entre outras.

São também estruturas importantes na aquisição de informação e de competências capazes de influenciar nas resoluções coletivas de interesse para os estudantes. Enquanto órgão de representação estudantil, as AE são espaços de representação dos seus membros nas questões do dia-a-dia, e ainda, um instrumento de mobilização dos seus elementos, representando uma oportunidade de promoção da participação dos seus elementos, nos vários momentos da vida académica, dentro e fora da instituição de ensino, na e com a comunidade local, potenciando, entre outros aspetos, o envolvimento, a interação social e a cidadania dos estudantes.

### 3.3 AS ASSOCIAÇÕES DE ESTUDANTES NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

O conceito de desenvolvimento, inicialmente dirigido ao crescimento económico, foi evoluindo ao longo das últimas décadas, ao ponto de se ramificar em vários novos conceitos. De acordo com Amaro (2003) os novos conceitos são: o Desenvolvimento Sustentável; o Desenvolvimento Local; o Desenvolvimento Participativo; o Desenvolvimento Humano; o Desenvolvimento Social e o Desenvolvimento Integrado, agrupados em três grupos (ou fileiras, como os denomina o autor): a) «a fileira ambiental»; b) a «fileira» das pessoas e das comunidades; c) a «fileira» dos Direitos Humanos e da dignidade humana.

Na fileira das pessoas e das comunidades temos os conceitos de desenvolvimento local e desenvolvimento participativo. Enquanto o primeiro exprime um modelo de desenvolvimento que procura a satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida centradas numa determinada comunidade, através das capacidades existentes nessa comunidade, assumindo essa o protagonismo do desenvolvimento, o segundo acrescenta a esta definição a componente de participação ativa das pessoas da comunidade, no método a aplicar ao processo de melhoria das condições de vida das populações. Também estes conceitos têm sido integrados por organizações não-governamentais, e por várias instituições internacionais como o Banco Mundial e as Nações Unidas.

De acordo com Saúde, Lopes, e Machado (2017) o conceito de desenvolvimento local tem a sua origem na teoria do desenvolvimento endógeno de Friedmann e Weaver e de

Stöhr (1984), que surgiu em meados dos anos 70, segundo a qual, os processos de desenvolvimento devem ser dinamizados a partir do nível “mais baixo” da hierarquia territorial - o espaço local – tendo por base as potencialidades dos recursos aí existentes (físicos, humanos e culturais) e a ação do poder local que, junto com os outros atores locais, são consideradas forças determinantes na luta contra as assimetrias territoriais.

Esta teoria assenta no pressuposto de que, por ter uma dimensão mais pequena, o “local/a comunidade” consegue coordenar melhor os seus esforços, revelando maior flexibilidade e capacidade de ação sobre problemas concretos (Stöhr, 1984).

Indissociável das dinâmicas de desenvolvimento local está a educação. A relação entre educação e desenvolvimento é referida por diversos autores como Finger e Asún (2003), Chankseliani, Qoraboyev e Gimranova (2021) ou Melo (2015), naquilo que é o efeito diferenciador da educação: o enriquecimento das capacidades de *ser*, como defende Edgar Faure (1972)<sup>8</sup>, de *fazer* e de *saber* de pessoas e comunidades. A educação é promotora do desenvolvimento integrado dos territórios na medida em que fomenta a consciencialização e a participação, condições fundamentais para o sucesso de qualquer processo de desenvolvimento como nos diz Saúde, Lopes e Machado (2017).

O conceito de desenvolvimento local, como acima descrito por Amaro (2003) e a educação, enquanto permissão concedida a todos os homens de se educarem ao longo de toda a sua vida, de forma adequada em todas as etapas, e sempre numa ótica de crescente autonomia, para que se possam realizar na sua vocação e no seio da sua comunidade (Melo, 2015), partilham a mesma finalidade: alcançar melhores condições de vida e uma melhor humanização nas comunidades.

As AE inseridas ao nível do ensino superior, no domínio da educação, são um espaço dinâmico de interação entre os estudantes e que pode funcionar como espaço para que estes se cruzem com o local onde se insere a Escola e onde se movimentam e convivem.

Da pesquisa bibliográfica efetuada, são escassos os estudos ou artigos que analisem ou reflitam sobre o papel ou o impacto das AE do ensino superior, em qualquer área do saber, apenas foi possível encontrar uma tese desenvolvida sobre o papel das AE no desporto universitário; outra cujo foco é a participação das mulheres nas associações de estudantes

---

<sup>8</sup> Relatório para a UNESCO Aprender a Ser (1972).

(estudo de caso na Universidade de Aveiro) e o estudo de Estanque (2008) que não se debruçando especificamente na AE, analisa as relações das repúblicas de estudantes de Coimbra, entre si, com os restantes estudantes e com a cidade.

No entanto, as AE atuam dentro do âmbito geográfico da comunidade onde se insere a Escola ou instituição de ensino superior, pelo que nos parece incontornável olhar para as AE como agentes com capacidades e competências para procurar ser parte dos processos de satisfação das necessidades de uma determinada comunidade, numa lógica de ligação a uma rede de entidades mais abrangente.

Ainda na pesquisa relativa ao conceito de desenvolvimento local, parece-nos útil referir, como sublinha Saúde, Lopes e Machado (2017), que o desenvolvimento local é, nos dias de hoje, o palco de múltiplos perfis de política e de ação educativa que se foram configurando em função da forma como os protagonistas locais - autarcas, professores, famílias, dirigentes associativos e outros - foram interpretando o espaço comum.

Ainda sobre o desenvolvimento local, este exige o cumprimento do princípio de responsabilização mútua entre o Estado e o cidadão relativamente ao cumprimento dos objetivos da satisfação humana, assumindo o cidadão, numa lógica coletiva, uma parte ativa na construção das respostas que a sociedade necessita.

Assim, a AE do ensino superior, como uma estrutura inserida dentro da comunidade, e numa posição privilegiada ao nível da educação, pode, na relação com as diversas entidades administrativas locais, nomeadamente as autarquias (câmara e eventualmente juntas de freguesia), promover o desenvolvimento local.

De que forma podem as AE fazer parte desse processo de desenvolvimento local, é a pergunta que se impõe. Da pesquisa bibliográfica, o ensino superior aparece associado ao desenvolvimento local, em estudos de especialistas europeus, integrado no voluntariado e na responsabilidade social no ensino superior, veja-se Bocsi, Fényes e Markos (2017) e Chankseliani, Qoraboyev e Gimranova (2021).

De acordo com Bocsi, Fényes e Markos (2017), o voluntariado, ou a aprendizagem através do serviço é vista, na Europa Ocidental, pelos estudantes, como uma forma de desenvolvimento da participação cívica, com enfoque na responsabilidade social, que pode apoiá-los a encontrar o seu caminho na democracia.

Também de acordo com estes autores, o voluntariado entre os estudantes do ensino superior pode impactar positivamente determinados indicadores de eficiência e competências, em comparação com o que acontece na Europa Central e Oriental, onde o voluntariado não faz parte do currículo do ensino superior, e a atividade voluntária de alunos do ensino superior é uma espécie de iniciativa privada.

Os efeitos do voluntariado em termos de melhoria de competências dos estudantes do ensino superior, são visíveis ao nível do desempenho académico, social, cultural e de competências de participação cívica, como indicam Bocsi, Fényes e Markos (2017).

Para além do voluntariado, as AE têm a possibilidade, como também proposto pelo Livro Verde, de trabalhar em conjunto com as IES, no campo da responsabilidade social, contribuindo, entre outras coisas, para os ODS, que assumem a ambição clara de envolver os cidadãos, numa ótica de cidadania ativa e participativa, numa visão de desenvolvimento humano que chama os destinatários a tomarem parte na sua concretização.

Os ODS passaram a incluir o ensino superior, que tinha ficado ausente da agenda dos objetivos do milénio e esta chamada, sendo um benefício para o ensino superior, uma vez que os ODS cobrem uma ampla gama de questões relacionadas com o desenvolvimento socioeconómico, ambiental e tecnológico.

Um desses objetivos – o ODS 4 - reconhece a importância do ensino superior, porque se foca na necessidade de se atingir uma educação de qualidade, inclusiva e equitativa e na promoção de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos (Unidas, 2015). O referencial do ODS 4 encara as IES como importantes parceiros, enquanto instituições cuja missão é promover o desenvolvimento do conhecimento e da inovação. A par das IES, os estudantes, representados pelas AE, podem tomar parte das atividades e dos projetos que visem atingir os ODS.

As AE no desenvolvimento das suas atividades de representação dos direitos e dos interesses dos estudantes, bem como no cumprimento dos seus direitos de participar na gestão e definição das estratégias das instituições de ensino superior, podem ter um papel importante no desenvolvimento local.

Pelo exposto, apesar da bibliografia nesta área ser escassa, consideramos que, através das suas atividades culturais, de receção aos estudantes, através do apoio a atividades desenvolvidas pelas Escolas, em estreita ligação com a comunidade, as AE podem ser agentes do desenvolvimento local, contribuindo com a sua missão, quer para as recomendações do Livro Verde, quer para os ODS.

Em suma, ao aprofundar o estudo sobre a atividade das AE do ensino superior, com ênfase no que pode ser o seu papel na promoção da participação cívica dos jovens estudantes, apercebemo-nos, em primeiro lugar, que a ausência de estudos sobre estas organizações, compostas maioritariamente por jovens, é estranha, mas que pode ser justificada por duas ordens de razão: o ensino superior como opção de vida para a maioria dos jovens adultos ainda não é uma realidade, o que pode afastar este grupo de um possível estudo específico e só no início do século XXI (como vimos supra), as IES passaram a ser vistas não apenas como estruturas que promovem o conhecimento e garantem a sua transmissão, para passarem a ser encaradas como entidades com responsabilidades ao nível da formação dos estudantes como cidadãos dotados de espírito crítico, ativos na sociedade onde se inserem e responsáveis pelo seu desenvolvimento e dos outros.

Face a esta abordagem à formação superior, na qual as IES são responsáveis socialmente por ter um papel ativo na experimentação de novas realidades e na promoção da autonomia individual de cada estudante, e também pelo desenvolvimento social, cultural e económico da região onde se insere, torna-se premente refletir sobre os mecanismos disponíveis para que IES e AE possam em conjunto: lançar campanhas de promoção da participação cívica para estudantes; dinamizar ações de formação para docentes sobre a educação para a cidadania, promover a reflexão no âmbito dos conteúdos programáticos dos ciclos de estudos e promover um programa anual de debates temáticos sobre cidadania nas IES, recomendações expressas no Livro Verde (ORSIES, 2018, p. 43).

Em conjunto, estas entidades podem responder às dúvidas que os jovens levantam sobre a importância de intervir na sociedade, através de mecanismos estruturados de socialização política e associativa, pois, como refere Ferreira (2008) no artigo que provocou a irritação inicial deste projeto, o tipo de associação em que o jovem se insere é muito importante para o seu envolvimento presente e futuro, na participação cívica.

## II - INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

## CAPÍTULO 1 - ABORDAGEM METODOLÓGICA

O processo de investigação comporta três fases principais: a fase conceptual, a fase metodológica e a fase empírica (Fortin, 2009).

Na fase da Metodologia pretende-se descrever e tornar claro o plano seguido para dar resposta às “irritações”<sup>9</sup> sentidas pela investigadora e que impulsionaram o estudo neste ou naquele sentido. Assim, neste capítulo abordamos, primeiramente, a problemática ou problema de investigação que *«tem a importante função de focalizar a atenção do investigador para o fenómeno em análise, desempenhando o papel de “guia” na investigação»* (Coutinho, 2011), passando para a questão de partida e os objetivos definidos para a investigação.

Num segundo momento, descrevemos o método de investigação escolhido, a população alvo, os instrumentos de recolha de dados utilizados, a sua descrição e a maneira como foram aplicados, na linha do que nos diz Coutinho (2011, p. 219).

### 1.1 O PORQUÊ DO ESTUDO

O contacto com dois estudos, um de Magalhães e Moral (2008) e outro de Lobo, Ferreira, Rowland (2015), que analisaram, com recurso a inquéritos, a participação cívica e política entre os jovens na faixa etária entre os 15 e os 35 anos e que demonstraram um progressivo e rápido afastamento dos jovens da participação cívica e política e a constatação de que este afastamento se verifica ao mesmo tempo que cresce a percentagem de população com o ensino superior universitário ou politécnico, fez soar algumas campanhas.

De acordo com uma ideia comumente aceite na sociedade, quanto maior o grau de educação de uma pessoa, maior o sentido crítico e disponibilidade para participar na sociedade, através da intervenção ou envolvimento nas diversas estruturas sociais, como associações culturais, solidárias, partidos políticos ou órgãos de soberania representativa (Estado).

---

<sup>9</sup> “Qualquer investigação tem por ponto de partida uma situação considerada como problemática, isto é, que causa mal-estar, uma irritação, uma inquietação (...)”. (Fortin, 2009)

No entanto, da análise dos dados suprarreferidos, fica a dúvida: qual será, de facto, o papel do ensino superior na socialização cívica e política dos estudantes? E qual o papel das AE, representações plenas do direito de associação e de participação na vida da instituição, que se afirmam como estrutura representativa dos direitos e interesses dos estudantes, constituída e eleita pelos próprios estudantes?

Efetuada a revisão de literatura, confirma-se que a participação dos cidadãos nas associações tem efeitos na sua forma de atuar na sociedade, estando mais despertos e sendo mais participativos.

Dos estudos e teorias analisadas, destacamos o artigo de Ferreira (2008) por analisar a influência do associativismo na cultura cívica dos jovens portugueses e que aponta nas suas conclusões para a importância da área de intervenção e da natureza da associação na resposta à questão de saber se pertencer a uma associação tem influência na participação cívica dos jovens.

A ação dos jovens adultos na(s) comunidade(s) onde se inserem é procurada, incentivada e reconhecida como necessária quer pelas instituições públicas e políticas, quer pela comunidade em geral, no entanto, como referido, o estudo apresentado pelo Observatório Permanente da Juventude e publicitado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (Lobo, Ferreira, & Rowland, 2015), revela que os jovens adultos, entre os 18 e os 30 anos não sentem motivação para a participação ou envolvimento em atividades associativas ou de intervenção na comunidade, seja ela de natureza política ou cultural, solidária ou ambiental, aproximando-se dos 50% a percentagem de jovens portugueses que não têm qualquer participação cívica ativa.

Estes dados não são exclusivos da realidade nacional, estando próximos da média europeia, como demonstram estudos patrocinados pela União Europeia (DYPALL, 2018), que tem investido, na redução desse *gap* entre os jovens e as instituições europeias (UE, 2018).

As IES assumem um papel importante no desenvolvimento cultural, cívico, científico, a nível nacional e local, pelo que procuramos também perceber se o papel e a importância assumidos pelas IES, e aceite por todos, se se concretiza efetivamente no percurso académicos dos jovens enquanto estudantes no ensino superior, nomeadamente, se os estudantes, enquanto frequentam o ensino superior, também assumem uma participação

ativa em associações, organizações sociais, ambientais ou culturais, ações de solidariedade ou voluntariado, nas regiões onde se inserem as IES.

## 1.2 QUESTÃO DE PARTIDA E OBJETIVOS

Apresentado o problema que guia a nossa investigação, importa traduzi-lo numa questão ou numa pergunta de partida<sup>10</sup>: Qual o papel das associações de estudantes do ensino superior na promoção, através da sua atividade, da participação cívica dos jovens estudantes?

Pretende-se perceber se as AE do ensino superior, encaradas como espaços de dinamização da participação cívica, sócio-cultural e/ou ambiental, entre outras, onde os estudantes podem exercer os seus direitos e propor atividades que lhes sejam interessantes, são de facto estruturas associativas que facilitam e estimulam os estudantes, através das atividades desenvolvidas, a ser mais ativos na sociedade.

Com esta pretensão, associada à premissa de que a frequência no ensino superior é um fator potenciador da participação cívica ativa, o objetivo geral deste estudo é analisar o papel das AE do ensino superior, na promoção entre os seus membros, de uma cultura de participação cívica e perceber se a integração dos estudantes numa AE, tem influência na forma como estes se envolvem na comunidade académica e na comunidade local.

Considerando este objetivo, importa definir, de seguida, os **objetivos específicos**:

- Conhecer os objetivos e o funcionamento das AE de uma instituição de ensino superior;
- Conhecer as atividades desenvolvidas pelas AE;
- Identificar as motivações dos jovens para integrarem a AE;
- Perceber a importância atribuída pelos estudantes às atividades desenvolvidas pelas AE do ensino superior;
- Analisar a relação entre os membros da AE e a comunidade académica;
- Analisar a relação entre a frequência no ensino superior e a participação cívica dos membros da associação de estudantes;
- Perceber se as atividades dinamizadas pelas AE valorizam e promovem a participação

---

<sup>10</sup> “Para desempenhar corretamente a sua função, a pergunta de partida deve ter um certo número de qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência” (Quivy & Campenhoudt, 2008).

cívica dos estudantes;

– Aferir se a AE planeia e realiza atividades com ligação à comunidade local, ou seja, residente na cidade onde se insere a Escola.

## 2. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO E INSTRUMENTOS/TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Considerando os objetivos do presente estudo, que pretende compreender, descobrir significados e perceber o papel das AE do ensino superior, na promoção entre os seus membros, de uma cultura de participação cívica e perceber se a sua integração tem influência na forma como estes se envolvem na comunidade académica e na comunidade local, a opção escolhida, foi o paradigma qualitativo ou interpretativo, para a aplicação do método e dos instrumentos.

Coutinho (2011, p. 16) afirma que “A abordagem interpretativa/qualitativa das questões sociais e educativas procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos”, procurando conhecer as interpretações que constroem e o significado que representam para si.

O atual estudo procura perceber como se relaciona pertencer a uma associação de estudantes do ensino superior e ser um elemento ativo na sociedade e para tanto é necessário delimitar um pequeno grupo que possa ser estudado em profundidade, pelo investigador, o que nos levou a escolher como método, o estudo de caso, como apresentado por Yin (2001) como um método a utilizar quando o investigador quer saber o “como” ou “porquê” e não tem controlo sobre os acontecimentos.

Sendo objetivo característico deste método (ou estratégia como o designa Yin (2001) ermitir uma investigação limitada, com fronteiras em termos de tempo, eventos ou processos (Coutinho, 2011), em detalhe e em profundidade, junto de um pequeno grupo ou organização, bem definido, optou-se pelo “estudo de caso”, as cinco associações de estudantes do Politécnico de Leiria.

Assim, e considerando a abordagem de natureza interpretativa, o método e objeto de estudo, os instrumentos de recolha de dados escolhidos para procurar atender aos propósitos da investigação foram a entrevista semiestruturada, o inquérito por questionário e a pesquisa documental.

A entrevista e o questionário são instrumentos de colheita de dados utilizados recorrentemente na investigação, porque permitem recolher informação junto dos participantes relativamente aos factos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, aos sentimentos e às atitudes (Fortin, 2009, p. 245).

Considerando que as AE são compostas por elementos que podem ter entre si, funções muito distintas, que influenciam diretamente a sua participação e perceção dos acontecimentos, optou-se por aplicar a entrevista semiestruturada aos estudantes que desempenham funções de direção, como presidente ou vice-presidente, uma vez que, pelo seu papel na associação, têm uma visão mais abrangente da associação, enquanto organização e enquanto entidade que se relaciona com todos os órgãos institucionais que estruturam e definem uma instituição do ensino superior (docentes, órgãos de administração da instituição, entidade externas). A entrevista semi-estruturada é utilizada quando o entrevistador quer compreender a significação dada a um acontecimento ou a um fenómeno na perspetiva dos participantes (Fortin, 2009, p. 247).

No caso da presente investigação, foi elaborado um guião de entrevista semiestruturada<sup>11</sup>, com quatro categorias temáticas, a saber: associação de estudantes, frequentar o ensino superior, envolvimento na comunidade académica e atividades na comunidade local.

De forma a assegurar a legitimidade da realização do presente estudo, a anuência para participar nas entrevistas por parte dos participantes, foi conseguida através de uma declaração de consentimento informado<sup>12</sup>, como preconizado por Fortin (2009) e Guerra (2006).

Atendendo ao contexto pandémico vivido, no momento da recolha de dados, as entrevistas foram realizadas na plataforma *Zoom*, através de link disponibilizado pela investigadora para o efeito. No momento inicial foi transmitido a cada entrevistado os objetivos do estudo, assegurando-lhes o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, informando-os ainda da sua liberdade de desistência ou de não resposta a qualquer uma das questões, cumprindo, assim, os princípios éticos preconizados por Fortin (2009, p. 121) e Guerra (2006, p. 22) “[...] os dois princípios éticos, que são o de *informar correctamente os indivíduos acerca dos objectivos da investigação e o de*

---

<sup>11</sup> Ver apêndice 1.

<sup>12</sup> Ver apêndice 2.

*proteger as fontes, devem ser garantidos; o resto é uma interacção entre actores racionais capazes de relacionamento humano”.*

De referir que não houve qualquer oposição nem desistência por parte dos estudantes entrevistados, tendo as entrevistas sido gravadas em áudio, sob autorização prévia dos mesmos, permitindo-nos recolher, integralmente, toda a informação disponibilizada.

Efetuada as entrevistas semiestruturadas, procedeu-se à transcrição integral das mesmas e findo este processo, iniciou-se a análise de conteúdo, adoptando determinados procedimentos: transcrição das entrevistas, leitura das mesmas, construção de sinopses e análise descritiva (Guerra, 2006) usando para o efeito o software MAXQDA.

Para apoiar na análise, foi criada uma matriz de análise<sup>13</sup>, organizada com recurso às categorias e subcategorias, já identificadas no guião da entrevista, construindo assim as sinopses das mesmas<sup>14</sup>.

Para além das entrevistas, afigurou-se como um instrumento pertinente, o recurso ao inquérito por questionário para recolher dados referentes aos restantes membros das AE, mas cuja participação pode estar focada apenas numa das áreas de intervenção da associação. Esta ideia justifica a aplicação do questionário, porque a sua visão da associação pode ser menos institucional e logo, tenham uma opinião diferente dos dirigentes associativos, num misto entre ser membro ativo da associação e ser estudante (com a perspectiva de quem usufrui nas atividades realizadas).

O questionário é um instrumento de recolha de dados que permite traduzir os objetivos de um estudo de forma mensurável, que apesar de não aprofundar como a entrevista, colhe informação factual sobre os participantes, as situações conhecidas por si e ainda sobre atitudes, crenças ou intenções, como nos diz Fortin (2009).

O questionário aplicado era composto por 18 perguntas, divididas em 16 perguntas fechadas com escolha múltipla (algumas com gradação) e 2 perguntas abertas. Escolheu-se perguntas fechadas de escolha múltipla e aplicou-se a escala de enumeração gráfica e a escala de Likert, para caracterizar e qualificar as opiniões e perceções dos participantes

---

<sup>13</sup> Ver apêndice 3

<sup>14</sup> Ver apêndice 4.

Nas palavras de (Guerra, 2006) “*as sinopses são sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e são fêis, inclusive na linguagem, ao que disseram os entrevistados.*”

em vários temas relacionados com a atuação da AE, bem como, para caracterizar comportamentos e escolhas dos próprios. Através das perguntas estruturadas consegue-se oferecer um leque variado de respostas e através das perguntas abertas deu-se oportunidade aos jovens de expressarem e explicarem as suas opiniões.

As questões foram agrupadas por categorias de temas, à semelhança do que foi feito no guião da entrevista e as perguntas abertas e os dados demográficos incluídos no fim do questionário, conforme propõe Fortin (2009).

Terminada a primeira versão do questionário, esta foi sujeita a um pré-teste, tendo sido remetida a 14 pessoas, sendo que 8 delas eram estudantes do ensino superior, que pertenciam a associações de estudantes, em instituições de ensino superior distintas, e representativas da população visada, e as restantes 6 pessoas, por se considerarem experientes na arte de construir um questionário e capazes de detetar os erros técnicos e gramaticais.

Após a recolha das observações e sugestões das pessoas que receberam o pré-teste do questionário, o mesmo foi melhorado e depois enviado por e-mail, para a conta de e-mail institucional das AE, ao cuidado dos presidentes das associações de estudantes, com uma introdução sobre o que se pretendia com o instrumento<sup>15</sup>.

Foi utilizada ainda a pesquisa ou análise documental, processo de seleção, tratamento e interpretação da informação existente em documentos que podem encontrar-se em vários suportes (texto, áudio...). Não é uma técnica exclusiva dos métodos de investigação do paradigma qualitativo, mas adequa-se aos temas como fenómenos sociais, demográficos e socioeconómicos, mudanças sociais, sistemas de valores e da cultura.

Nesta investigação em concreto, a análise documental consistiu na análise de documentos oficiais: os Estatutos de cada associação de estudantes do Politécnico de Leiria, os seus planos de atividades (ano 2019 e/ou 2020) e a legislação que regula as associações juvenis e de estudantes do ensino superior.

---

<sup>15</sup> Ver Apêndice 5.

Os dados retirados desta análise serviram de base para a caracterização das diferentes AE, e os seus planos de atividades ajudaram a confirmar os dados recolhidos quer na entrevista, quer nos questionários.

Na aplicação desta técnica, importa, nas palavras de Bryman (2012, p. 562) verificar se os documentos analisados respondem aos seguintes critérios:

*“Criteria for evaluating the quality of documents are: authenticity; credibility; representativeness; and meaning. The relevance of these criteria varies somewhat according to the kind of document being assessed.”*

Os documentos analisados foram remetidos pelos elementos da direção, por altura da entrevista realizada, pelo que cumpre os critérios acima, os documentos legais foram descarregados da página oficial do Diário da República.

### 3. PARTICIPANTES NO ESTUDO

Neste estudo, que pretende debruçar-se sobre as associações de estudantes do ensino superior, mais concretamente, do Politécnico de Leiria, a população alvo é composta por todos os membros das AE, das cinco escolas da referida IES, que por motivos de salvaguarda do anonimato, serão identificadas por letras: A, B, C, D e E.

### III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

#### **CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO DAS AE DO POLITÉCNICO DE LEIRIA**

Nos Estatutos do Politécnico de Leiria<sup>16</sup> (adiante estatutos), está regulada a forma de participação das AE das cinco escolas integradas na instituição, e o direito de estarem representadas em diversos órgãos do Politécnico.

É-lhes reconhecido a presença de um representante no Conselho Académico, bem como um representante designado por todas AE no Conselho de Avaliação e Qualidade.

No âmbito das Escolas, no Conselho de Representantes, para além dos estudantes eleitos, é permitida a participação de um representante da AE, ainda que sem direito de voto.

Os estatutos reconhecem ainda uma proteção reforçada aos ex-membros e membros da AE, no âmbito de procedimento disciplinar, prevendo que a aplicação de determinadas sanções mais graves, careçam de parecer favorável do conselho académico, convocado especialmente para o efeito.

Como já referido atrás, na revisão de literatura, o associativismo no ensino superior estabelecido na lei n.º 23/2006, de 23 de junho, reconhece-lhe normas próprias, pela importância da participação e envolvimento dos estudantes, na vida das IES.

De forma muito resumida, e no âmbito do presente estudo, sublinhamos as seguintes notas, em relação ao atual regime do associativismo no ensino superior:

- Vigora o princípio da autonomia na elaboração dos estatutos e outras normas internas, como as regras para a eleição dos órgãos sociais, a gestão e administração da vida da associação, no respeito pela lei e pelos princípios da liberdade, da democraticidade e da representatividade.

---

<sup>16</sup> O Politécnico de Leiria é uma instituição pública de ensino superior, que iniciou a sua atividade em 1980, integrando, progressivamente as escolas superiores, localizadas nas cidades de Leiria (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Escola Superior de Tecnologia e Gestão e Escola Superior de Saúde), Caldas da Rainha (Escola Superior de Artes e Design) e Peniche (Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar), que hoje constituem o Politécnico de Leiria.

- Após a sua constituição, as AE têm de ser reconhecidas pelo membro do Governo responsável pelo ensino superior, e só pode ser reconhecida uma AE por estabelecimento de ensino, prevalecendo aquela que tiver maior número de associados efetivos.
- As AE têm direito a dispor de instalações próprias nos estabelecimentos de ensino, cedidas a título gratuito, mediante protocolo a celebrar com as respetivas escolas.
- O regime legal reconhece às AE o direito a participar nos órgãos consultivos, a nível nacional e regional, no domínio da definição e planeamento do sistema educativo, bem como a participar na elaboração da legislação sobre o ensino superior (p. ex. matérias da gestão dos estabelecimentos, forma de acesso ao ensino superior; ação social escolar; plano de estudos, entre outros).
- Devem ser consultadas pelos órgãos de gestão das escolas, sobre o plano de atividades e orçamento; orientação pedagógica e métodos de ensino; planos de estudo e regime de avaliação de conhecimentos.
- Podem colaborar na gestão de salas de convívio, refeitórios, bares, e demais instalações existentes nos edifícios escolares ou afetos a atividades escolares que se destinem ao uso dos estudantes.
- As AE podem participar na elaboração das bases da política de ação social escolar, e nos respetivos programas.

As AE, como entidades associativas, são constituídas por órgãos sociais, que regem e gerem a associação e suas estruturas, sendo elementos potenciadores da participação cívica dos seus membros.

Os órgãos sociais das AE são a Assembleia Geral, representada pela Mesa, a Direção e o Conselho Fiscal. A Assembleia Geral é o órgão deliberativo máximo, composta por todos os estudantes, no caso das AE do Politécnico, a AE E, é exceção, tendo optado estatutariamente, por restringir os membros da Assembleia Geral aos estudantes com qualidade de sócios e quotas pagas. A Mesa da Assembleia é responsável por presidir, orientar os trabalhos das reuniões gerais de Estudantes, e convocar todas as reuniões.

A Direção é o órgão executivo, ao qual compete dirigir a AE, cumprindo os objetivos estabelecidos nos Estatutos e no Plano de Atividades. E por fim, o Conselho Fiscal é o órgão fiscalizador.

De seguida, apresentamos esquematicamente, a caracterização das AE do Politécnico de Leiria.

Tabela 2 – Caracterização das AE do Politécnico de Leiria

	Estatutos		Órgãos		
Associações Estudantes	Princípios	Objetivos (síntese)	Assembleia Geral e Mesa	Direção	Conselho Fiscal
<b>A</b>  (duração de mandato de 1 ano)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representatividade</li> <li>• Democraticidade</li> <li>• Participação</li> <li>• Independência</li> <li>• Autonomia</li> <li>• Igualdade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representação e defesa dos direitos e interesses dos estudantes;</li> <li>• Promoção da participação dos estudantes na discussão dos problemas educativos</li> <li>• Ligação à realidade socioeconómica, cultural e política do País</li> <li>• Integrar os estudantes na vida académica</li> <li>• Promover uma política de igualdade de oportunidades</li> <li>• Cooperar com organismos estudantis nacionais e estrangeiros, e com as restantes Associações de Estudantes do Politécnico de Leiria</li> <li>• Organizar, promover e apoiar atividades de âmbito cultural, desportivo, cívico, científicas, recreativo e educacionais</li> <li>• Apoiar as atividades dos Núcleos de Estudantes da Escola</li> </ul>	<p>Todos os estudantes fazem parte da AG.</p> <p>A Mesa é composta por Presidente e 2 secretários</p>	<p>Composta por Presidente, 2 Vice, Tesoureiro, Secretário, Secretário do Conselho Nuclear, Secretário para a Comissão de Finalistas e Vogais.</p>	<p>O Conselho Fiscal é composto por Presidente e 2 vogais.</p>
<b>B</b>  (duração de mandato de 1 ano)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Democraticidade</li> <li>• Independência</li> <li>• Autonomia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representação e defesa dos interesses de todos os estudantes</li> <li>• Promover a formação cívica, cultural e científica de todos os sócios;</li> <li>• Promover uma estreita ligação entre os estudantes e as realidades socioeconómicas, culturais, políticas e científicas;</li> <li>• Defender e promover os valores fundamentais do ser humano</li> <li>• Contribuir para a participação dos seus membros na discussão de problemas educativos;</li> <li>• Cooperar com outras estruturas federativas que congreguem associações de estudantes, internas e externas à academia de Leiria</li> <li>• Cooperar com os demais órgãos.</li> </ul>	<p>Todos os estudantes matriculados na Escola são membros da AE.</p> <p>A Mesa é composta por Presidente, Vice-Presidente e dois secretários</p> <p>(atualmente, foram eleitos mais 3 suplentes)</p>	<p>Composta por Presidente, 3 Vice, Tesoureiro, 2 Secretários, e seis Vogais.</p> <p>(atualmente, foram eleitos mais 5 suplentes)</p>	<p>Composto por Presidente, Vice, Secretário e 2 vogais.</p> <p>(atualmente tem mais 3 suplentes)</p>

<p><b>C</b></p> <p>(duração de mandato de 1 ano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Democraticidade</li> <li>• Independência</li> <li>• Autonomia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representar os estudantes e defender os seus interesses;</li> <li>• Promover o conhecimento, formação cívica, física, cultural, pedagógica e científica dos estudantes;</li> <li>• Desenvolver a cooperação e solidariedade entre os estudantes, através de iniciativas relativas à problemática da juventude e do associativismo e do ensino superior</li> <li>• Estabelecer a ligação da Escola e dos seus associados à realidade socioeconómica do País;</li> <li>• Defender e promover os valores fundamentais do ser humano</li> <li>• Inculcar nos estudantes preocupação sobre as problemáticas no ensino superior, para que tenham um papel ativo, defensivo e reivindicativo na sociedade</li> <li>• Participação na discussão dos Planos de Saúde Nacionais;</li> <li>• Cooperar com todas as estruturas federadas, organismos estudantis, nacionais ou estrangeiros;</li> <li>• Editar documentos relevantes para os membros da associação e também restante meio escolar;</li> <li>• Organizar encontros, colóquios, conferências e seminários;</li> <li>• Representar os alunos em todas as atividades.</li> </ul>	<p>Todos os estudantes matriculados na Escola são membros da AE.</p> <p>A Mesa é composta por Presidente, dois secretários e 2 suplentes.</p>	<p>É composta por Presidente, 7 Vice, Tesoureiro, 3 Secretários, e sete suplentes</p>	<p>O Conselho Fiscal é composto por Presidente, Secretário, relator e 2 suplentes</p>
<p><b>D</b></p> <p>(duração de mandato de 1 ano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representatividade</li> <li>• Democraticidade</li> <li>• Participação</li> <li>• Independência</li> <li>• Autonomia</li> <li>• Igualdade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A representação e defesa dos direitos e interesses de todos os estudantes,</li> <li>• Participar em todas as questões de interesse dos seus membros, como política e legislação educativas e ação social;</li> <li>• Promover a formação cívica, cultural e científica de todos os sócios;</li> <li>• Estabelecer uma relação entre a escola e os estudantes e as realidades socioeconómicas, culturais, políticas da região;</li> <li>• Defender e promover os valores fundamentais do ser humano,</li> <li>• Cooperar com outros organismos estudantis nacionais e estrangeiros e com as restantes Associações de Estudantes;</li> <li>• Fomentar iniciativas próprias e atividades extracurriculares para a valorização dos alunos, da comunidade em geral e das áreas de ensino lecionadas na escola.</li> </ul>	<p>Todos os estudantes de licenciatura e mestrado compõem a AG.</p> <p>A Mesa é composta por Presidente e 2 secretários e um suplente</p>	<p>É composta por Presidente, 2 Vice, dois secretários, dois tesoureiros, Vogal e um suplente.</p>	<p>O Conselho Fiscal é composto por Presidente, secretário, um vogal e um suplente.</p>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Representatividade</li> <li>• Democraticidade</li> <li>• Independência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contribuir para a formação dos estudantes da Escola, através de atividades culturais, físicas, desportivas e político-sociais;</li> <li>• representar o conjunto dos</li> </ul>	<p>A AG é composta pelos sócios</p>	<p>É composta por Presidente,</p>	<p>O Conselho Fiscal é composto</p>

<p><b>E</b></p> <p>(duração de mandato de 1 ano)</p>		<p>estudantes da escola e defender os seus interesses;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• intervir em todas as questões de interesse estudantil, como a democratização do ensino e a contribuição desta para o desenvolvimento socioeconómico da região;</li> <li>• apoiar a atividade escolar</li> <li>• promover o debate sobre as questões sobre o ensino superior, e o politécnico;</li> <li>• incentivar a participação estudantil a todos os níveis de decisão e atuação;</li> <li>• garantir a intervenção estudantil e a liberdade de expressão interna;</li> <li>• combater quaisquer ações que impeçam as decisões democráticas e maioritariamente aprovadas.</li> </ul>	<p>efetivos (estudantes que de forma voluntária se inscreveram e pagam quotas)</p> <p>A Mesa é composta por Presidente, Vice-presidente, secretário e dois vogais</p>	<p>2 Vice, secretária, tesoureira e três vogais.</p>	<p>por Presidente, secretária, um relator e dois suplentes.</p>
------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração própria

Relativamente aos planos (Tabela 3), importa esclarecer que, na maioria das situações, o plano foi aprovado no final de 2019 (início de 2020, consoante a tomada de posse dos órgãos), tendo sofrido alterações e adiamentos, devido à pandemia provocada pelo SARS CoV-2.

Tabela 3 – Plano de Atividades das AE (2019 a 2021)

<p><b>A</b></p> <p>(duração de mandato de 1 ano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhoramento da Reprografia</li> <li>• Realização Atividades Lúdicas (modo online)</li> <li>• Organização da Entrega das Pastas</li> <li>• Organização de Desafios</li> <li>• Realização Atividades Lúdicas (modo Presencial)</li> <li>• Organização da Semana Académica e Receção ao Caloiro</li> </ul>
<p><b>B</b></p> <p>(duração de mandato de 1 ano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de palestras e formações</li> <li>• Melhoramento da Reprografia</li> <li>• Semana Académica e Receção ao Caloiro</li> <li>• Torneios Desportivos</li> <li>• Gala de Prestígio</li> <li>• Entrega das Pastas</li> <li>• Welcome to Leiria</li> <li>• Realização atividades Lúdicas</li> </ul>
<p><b>C</b></p> <p>(duração de mandato de 1 ano)</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantir oferta diversificada e a preço baixo de material académico;</li> <li>• Organizar palestras e workshops online sobre diversos temas</li> <li>• Sensibilizar os estudantes para as alterações climáticas, o desperdício alimentar, o consumo excessivo de álcool e tabaco;</li> <li>• Sensibilizar os alunos sobre o dever de respeitar a cidade que nos acolhe e seus moradores;</li> <li>• Concurso de fotografia;</li> <li>• Organizar o Torneio de Setas</li> <li>• Organização do jantar e gala de finalistas;</li> <li>• Bênção dos Finalistas</li> <li>• Participar em ações de voluntariado.</li> </ul>

<b>D</b> (duração de mandato de 1 ano)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A realização de atividades recreativas e culturais (conversas, debates, oficinas, workshops, feiras e exposições culturais de estudantes);</li> <li>• Torneios Desportivos;</li> <li>• Participar e promove ações de manifestação estudantil, com um marcado cariz político (discussão em torno da propina, condições das infraestruturas utilizadas pelos estudantes e manifestações pela igualdade de género).</li> </ul>
<b>E</b> (duração de mandato de 1 ano)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realização de Stand Up Comedy,</li> <li>• Aquela Semana Digital, Atividades/competições no âmbito do desporto,</li> <li>• Gala de Natal</li> <li>• Projeto de âmbito Sustentável, durante todo o ano,</li> <li>• formação na área de Linguagem Gestual</li> <li>• Bênção de Finalistas, o Traçar da Capa, Semana Académica,</li> <li>• Receção ao Caloiro e Erasmus,</li> <li>• Manutenção da Reprografia.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria

## CAPÍTULO 2 – UMA VISÃO INTERNA DA VIDA DAS AE DO POLITÉCNICO DE LEIRIA

### *I - DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO*

Neste ponto, procuramos organizar, analisar e interpretar de modo sistemático os dados obtidos. Assim, numa primeira fase, a descrição dos resultados obtidos com a aplicação do questionário e das entrevistas, e numa segunda fase procuraremos responder aos objetivos traçados, com a interpretação dos dados obtidos.

Como já acima referido, o questionário<sup>17</sup> foi elaborado com recurso à ferramenta Google Forms, pelos constrangimentos de mobilidade derivados da pandemia. Foi dirigido a todos os membros das cinco AE do Politécnico de Leiria, cerca de 106<sup>18</sup>, exceto os membros dirigentes entrevistados. O questionário *online*, sob a forma de *link*, foi remetido para o e-mail institucional de cada AE e solicitado ao/à dirigente associativo que o remetesse aos membros.

Após o envio do e-mail, e conforme sugere Coutinho (2011, p. 281), foi remetido um lembrete após duas semanas do envio do mesmo, para o preenchimento e partilha do formulário por entre os membros das respetivas associações de estudantes. Foram

<sup>17</sup> Ver Apêndice 5

<sup>18</sup> A AE A tem 21 membros, a AE B tem 33 membros, a AE C tem 30 e tanto a AE D, como a AE E têm 17 membros (aquando da entrevista, foi-nos informado que dos 17 membros eleiros da AE D apenas 10 membros estavam em funções).

recolhidos 70 formulários, que representa uma taxa de participação de 59%.

Em relação ao género dos respondentes, constata-se o predomínio de estudantes do género feminino com 46 elementos (66%), relativamente ao género masculino com apenas 24 estudantes (34 %). Em relação à idade, a média situa-se nos 21 anos, a pessoa mais jovem a participar tem 18 anos e a mais velha 35 anos.

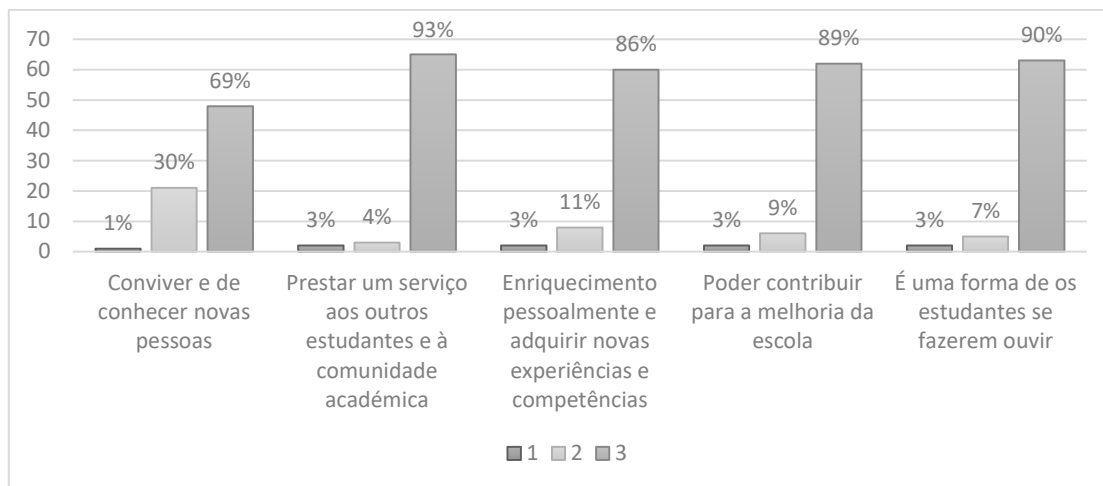
Esta população frequenta o ensino superior em média há 3 anos, realçando-se que o mesmo número de participantes: 35% respondeu 2 anos, e outros 35% respondeu 3 anos, nos extremos temos 4 estudantes a frequentar o ensino superior há 1 ano e um participante que frequenta o ensino superior há 11 anos.

Em relação à categoria dinâmica da AE, os participantes foram inquiridos sobre os motivos de entrada, forma de contacto com a associação, se participam noutras associações, qual o grau de envolvimento do participante nas atividades desenvolvidas pela associação e que tipo de atividades consideram prioritárias, sobre a sua perceção quanto ao papel da AE na educação e promoção da participação cívica dos estudantes.

Em relação aos motivos de entrada, como podemos ver na figura 1, 93% dos participantes apontam como o motivo mais importante para entrar na AE, prestar um serviço aos outros estudantes e à comunidade académica, e ser uma forma de os estudantes se fazerem ouvir, regista 90% dos participantes a considerar o motivo, como o mais importante.

Os motivos ligados ao enriquecimento pessoal e aquisição de novas competências, bem como poder contribuir para a melhoria da escola surgem como o motivo mais importante para 86% e 89% dos participantes. Conviver e conhecer novas pessoas surge como o motivo mais importante para 68,6% dos participantes e 30% dos participantes aponta este como um motivo mais ou menos importante (com escala de 2, entre 1 a 3).

*Figura 1 - Motivos de entrada na Associação de Estudantes*



Questionados sobre como estabeleceram o primeiro contacto com a AE, 80% respondeu que tinha sido convidad@ por um membro da associação, enquanto 20% tomaram a iniciativa de procurar um membro com a intenção de aderir.

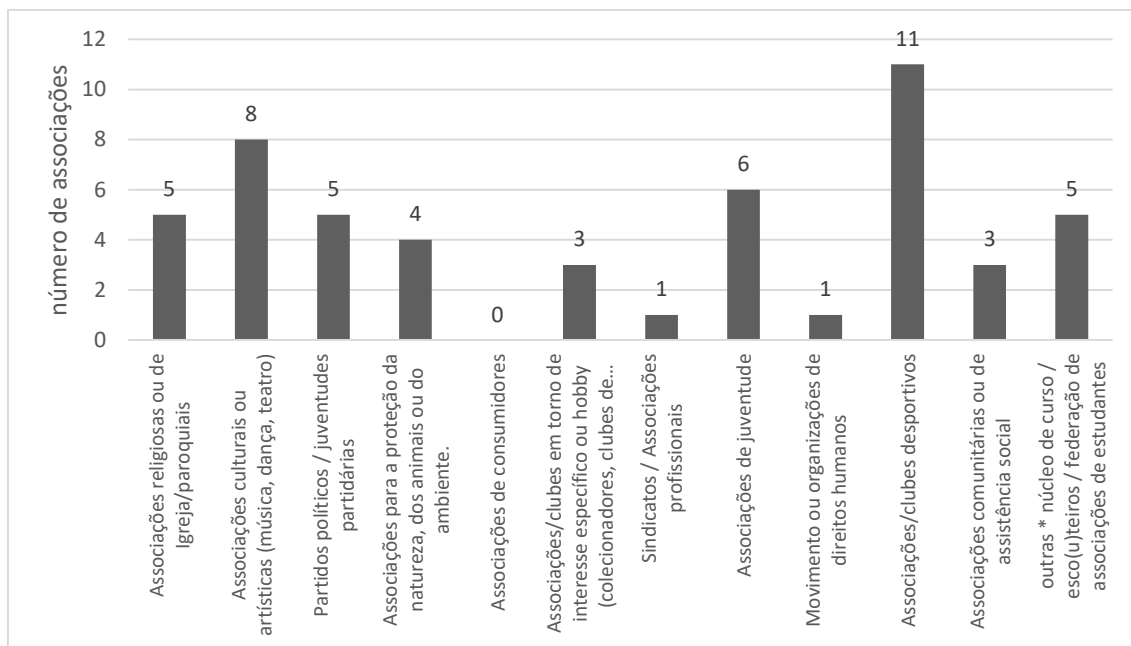
Para além de participar na AE, foi perguntado se participavam noutras associações, ao que 43% respondeu que sim, tendo a maioria, 57%, respondido que não.

Foi questionado aos participantes que responderam que sim, em que associações participavam, tendo sido disponibilizado um conjunto predefinido de tipologias de associações e a possibilidade de introduzir outras.

Do universo dos 30 participantes, perto de metade (13) respondeu que participava em duas ou mais associações, para além da AE, registando-se que 4 dos participantes participa em 3 a 5 associações, para além da AE.

A distribuição pelas várias tipologias de associações pode ser vista no gráfico abaixo:

Figura 2 - Associações onde participam, para além da AE



Assinala-se que em 30 respostas, 12 participam em associações ou clubes desportivos, e 8 em associações culturais ou artísticas, sendo este grupo, em conjunto com as associações de juventude (6), o que reúne a maior fatia de escolha dos participantes.

No âmbito das atividades realizadas pela AE, foi questionada a frequência com que participam nas mesmas, tendo 59% respondido que participa com muita frequência (mais de 80% das atividades realizadas) e 31% respondeu que participa em 40% a 80% das atividades realizadas (com alguma frequência).

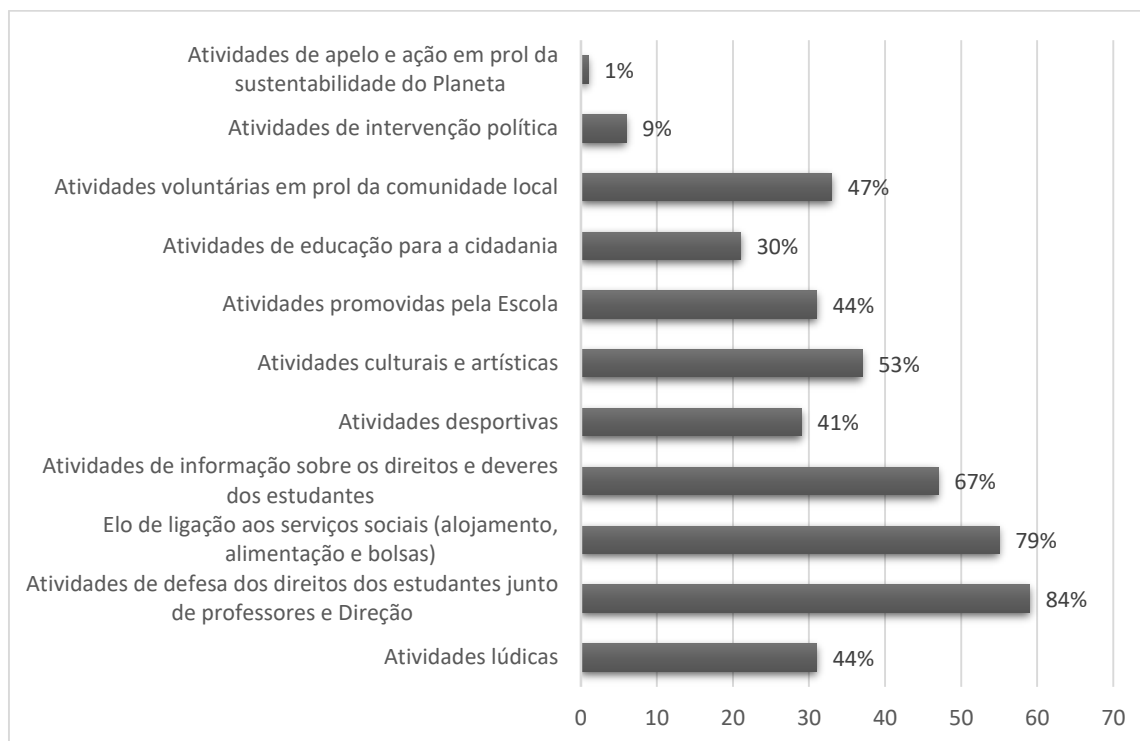
Foi pedido aos participantes que indicassem cinco atividades que consideravam ser prioritárias, num plano de atividades da AE. As atividades foram predefinidas, tendo sido deixado espaço para que indicassem livremente, outras que entendessem adequadas.

Como indicado na figura 3, 84% dos participantes escolhe como atividade prioritária, as atividades de defesa dos direitos dos estudantes junto de professores e Direção da escola, seguido de 79% que considera como prioritário, a AE ser elo de ligação aos serviços de ação social (alojamento, alimentação e bolsas) e de 67% que considera prioritárias atividades de informação sobre os direitos e deveres dos estudantes.

No intervalo entre os 53% e os 40% estão as atividades culturais e artísticas (53%), as atividades voluntárias em prol da comunidade local, com 47% das respostas, as atividades promovidas pela Escola e as atividades lúdicas, ambas com 44% das respostas e as atividades desportivas com 41%.

Abaixo de 40%, mas ainda com 30% de respostas temos as atividades de educação para a cidadania.

Figura 3 – Atividades que devem constar do Plano de Atividades da AE



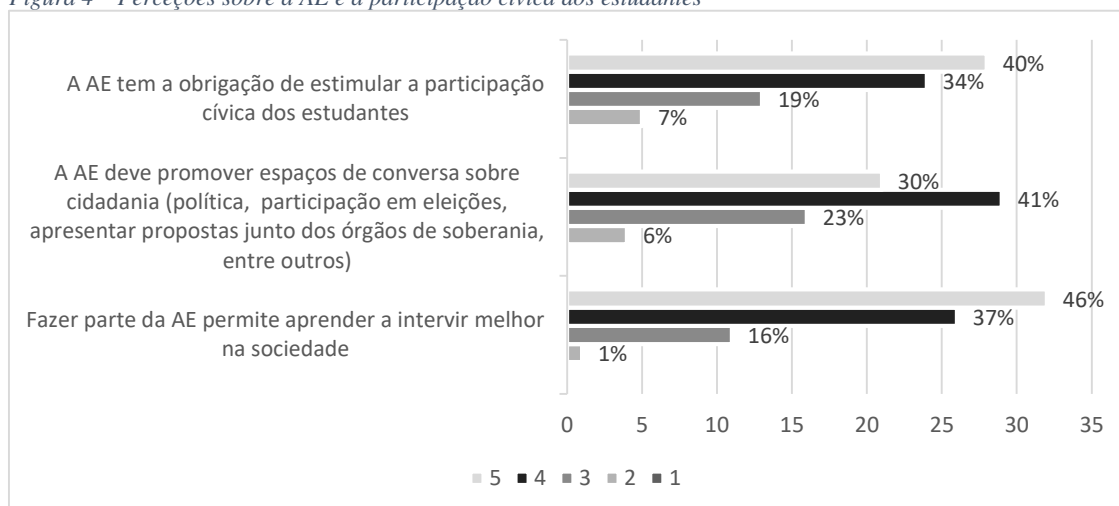
Assinala-se ainda que as atividades que receberam menos concordância foram atividades de intervenção política, com 9%. Sublinha-se que na categoria de “outras” há uma resposta relacionada com atividades de apelo e ação em prol da sustentabilidade do Planeta.

Ainda na categoria referente à AE e à perceção do que deve ser a ação desta na participação ativa e cívica dos estudantes, foram colocadas três afirmações, pedindo-se aos participantes que classificassem as mesmas, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a “discorda totalmente” e 5 a concorda totalmente.

Conforme figura 4, 40% dos participantes concorda totalmente com o envolvimento direto da AE na estimulação da participação cívica dos estudantes, e 34% concorda com a mesma afirmação, registando-se apenas 7% dos participantes a discordar da mesma.

Quanto à atuação da AE na promoção de espaços de conversa sobre cidadania, regista-se que há uma pequena alteração nos valores, com 41% a concordar com a afirmação e 30% a concordar totalmente. A taxa de participantes que não concorda, nem discorda, é um pouco superior do que nas restantes afirmações, registando 23%.

Figura 4 – Percepções sobre a AE e a participação cívica dos estudantes



Por fim, fazer parte da AE permite aprender a intervir melhor na sociedade, para 46% dos participantes merece concordância total, a que se somam 37% que concordam com a mesma, tendo sido registado apenas 1% de participantes que discordam da afirmação.

Na secção do questionário pensado para a reflexão sobre o ensino superior, questionou-se se os participantes faziam parte de alguma associação antes de ingressar no ensino superior, a maioria (56%) respondeu que não, e 44% respondeu que fazia parte de alguma associação.

Ao grupo que respondeu que não, pediu-se que indicasse até que ponto concordava com a afirmação que a entrada no ensino superior tinha tido influência na decisão de entrar numa associação, neste caso, na AE. Nesse universo, composto por 39 participantes, 41% indicou que não concorda nem discorda dessa afirmação, sendo o grupo com mais peso, seguido pelo grupo de participantes que respondeu que concorda (23%) e que concorda totalmente (18%).

Do outro lado, temos 8% de participantes que discorda totalmente e 10% que discorda.

Quanto à afirmação: frequentar o ensino superior fez-me perceber que posso ser mais ativo na sociedade, verifica-se que há 44% dos participantes que concorda totalmente e 44% que concorda com a afirmação. Apenas 10% classifica a afirmação com “não concorda nem discorda” e 1% discorda totalmente com a afirmação.

Foram realizadas questões sobre a relação entre a AE e os órgãos da Escola, para analisar a percepção dos participantes. Assim, na opinião de 76% dos participantes, as atividades

da AE são apoiadas pela direção da Escola, registando-se 4% de respostas negativas e 4% para o “não sei”. Uma taxa de 11% optou por “não respondo”.

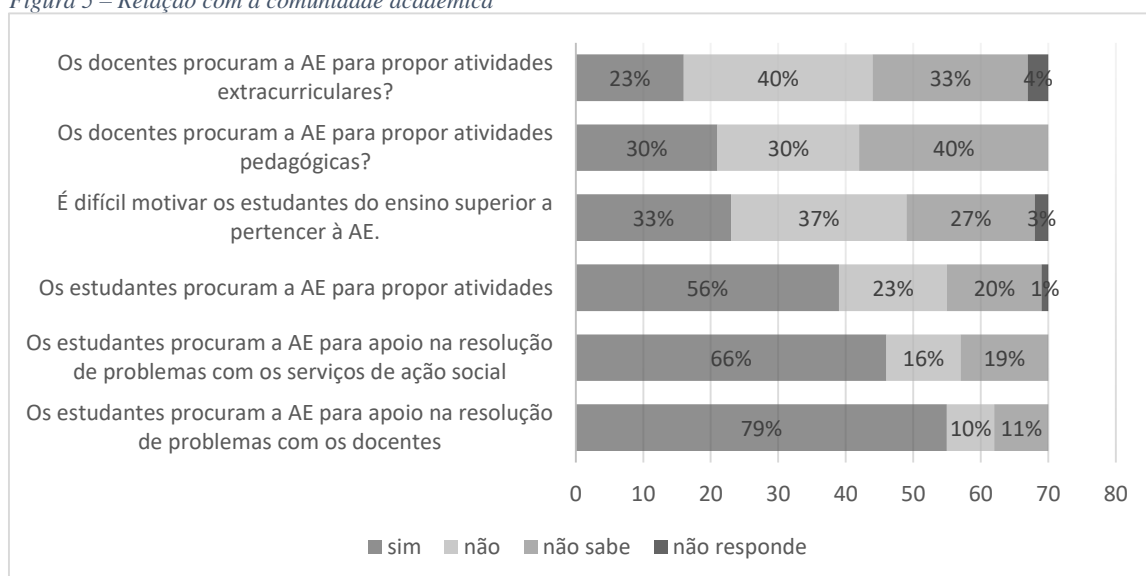
Também na opinião de 76% dos participantes, os estudantes têm uma representação adequada nos órgãos do Politécnico de Leiria, e apenas 10% responde que não, enquanto 4% responde que não sabe e 6% afirma não responder.

Os participantes, enquanto membros da AE, sentem na sua maioria, 67%, que a direção da Escola envolve a AE nas atividades extracurriculares que promove para a comunidade académica e local, enquanto 7% entende que não. Aqui, a taxa de participantes que assume não saber é de 16%, enquanto 10% não responde.

Relativamente ao envolvimento da comunidade académica com a AE, nomeadamente, com as atividades realizadas, 64% respondeu que a comunidade académica participa com alguma frequência (entre 40% a 80% das atividades realizadas) e 20% respondeu que participa em mais de 80% das atividades realizadas (com muita frequência) e apenas 9% respondeu que raramente participam.

Ainda dentro da categoria de análise do envolvimento com a comunidade académicas, os participantes foram questionados quanto à sua opinião relativamente às afirmações constantes da figura 5.

Figura 5 – Relação com a comunidade académica



De destacar que 79% dos participantes é da opinião que os estudantes procuram a AE para os apoiar na resolução de problemas com os docentes, e 66% também acredita que a AE é o apoio dos estudantes na resolução de problemas com os serviços de ação social. Em relação à iniciativa de propor atividades, 56% dos participantes reconhece que os estudantes procuram a AE com essa intenção, e 23% entende que não, enquanto 20% não sabe.

Nas restantes três afirmações, os participantes dividem as suas opiniões entre o sim e o não, de forma mais igual, sendo nas questões relacionadas com a relação dos docentes com a AE que se verifica maior equilíbrio entre o sim e o não.

Quanto à dificuldade em motivar estudantes para pertencer à AE, os participantes dividem-se, 33% acredita que é difícil, e 37% acredita que não é difícil. A percentagem de participantes que não sabe ou não responde é de 27% e 3%, respetivamente.

Ainda na perspetiva da relação entre a AE e o Politécnico de Leiria (enquanto estrutura formal), 94% dos participantes é da opinião que a AE deve fazer parte de uma estratégia do Politécnico de Leiria que impulse a educação para a cidadania junto dos estudantes.

No questionário procurou-se também obter dados sobre a forma como os participantes veem a relação entre a AE e a comunidade local (a cidade).

Numa primeira questão, que indicassem se concordavam com a afirmação: “*o facto de pertencer à AE mudou a visão que tinha da comunidade local*”. Aqui, 27% dos participantes concordam totalmente com a afirmação e 20% concorda com a mesma. Assinala-se no extremo, que 2% discorda totalmente e 7% discordam dessa afirmação.

Aos participantes que responderam afirmativamente à questão anterior (concordam e concordam totalmente) foi pedido que explicassem por poucas palavras como mudou a forma de ver a comunidade, as respostas foram bastante variadas, contudo algumas respostas com um sentido semelhante, podemos agrupar.

Assim, 24% das respostas estão ligadas à organização e dificuldade de acesso à comunidade local: “*existe um "fosso" entre a cidade e os estudantes do ensino superior. As relações com a Câmara Municipal são um reflexo desse "fosso" e nem sempre é fácil organizar atividades que não sejam apenas para a academia.*” (Q13) “*Percebi quais eram os maiores problemas com que os estudantes se debatiam na cidade*” (Q54); no mesmo sentido, 6% das respostas mencionam a dificuldade em se integrar ou interagir com

a comunidade local *“pensava que a comunidade local era mais acessível aos estudantes mas afinal não”* (Q45), *“pouco interativa e participativa”*(Q21); já 9% das respostas indicam proximidade e identificação com a comunidade local: *“A comunidade local provou a força que o movimento associativo estudantil participando na sua luta”* (Q43).

Já 39% das respostas afirmam que ficaram a conhecer melhor a cultura, as histórias que compõe a comunidade local, graças à participação na AE, *“Comecei a ter atenção aos pormenores que existem na comunidade local e antes passavam despercebidos”* (Q15), *“Perceber a comunidade local e a sua cultura”* (Q40), *“Fiquei a entender melhor o pensamento dos habitantes (...)”* (Q49), *“Sem a AE nunca teria conhecido Leiria da forma que conheci, não teria tido contacto com elementos de outras escolas e certamente não teria conhecido tão bem todas as histórias desta bela cidade”* (Q35).

Relativamente à questão sobre a organização de atividades, por parte da AE, abertas à comunidade local, onde está inserida a Escola, 58% dos participantes responde que sim, enquanto 17% responde que não e 24% afirma que não sabe.

Para aferir a opinião da população alvo quanto à importância do impacto dos estudantes na cidade, foi perguntado se concordavam que o único impacto era ao nível financeiro, a maioria discorda (24%) ou discorda totalmente (31%), mas assinala-se que 7% concorda totalmente e 14% concorda com a afirmação. Surge ainda uma percentagem considerável de participantes que não concorda nem discorda (23%).

Aos participantes que responderam negativamente à questão anterior (discordam e discordam totalmente) foi pedido que explicassem de que forma os estudantes têm impacto na cidade. As respostas foram bastante variadas, contudo algumas respostas tinham um sentido semelhante, que agrupámos em 4 grandes grupos: 66% refere que os estudantes trazem vida e alegria à cidade (movimento e dinamismo social), enquanto 7% fala num acréscimo ao nível do turismo, 14% sublinha o conhecimento e a inovação que a presença dos estudantes e do ensino superior trazem à cidade e 7% refere ainda o aumento de investimento em infraestruturas na área da saúde, do desporto, por forma a dar resposta às necessidades reportadas pelos estudantes, enquanto residentes na cidade.

Por último, quisemos saber se os participantes, enquanto membros da AE, sabem se a AE procura fazer parcerias com associações, entidades privadas que funcionam na cidade, tendo 90% afirmado que sim, e 10% referiu que não sabia.

Em síntese, relativamente às questões colocadas em relação à AE, podemos afirmar que mais de 80% dos participantes, foi convidado por um membro da AE a fazer parte e aceitaram porque ao entrar na AE, fizeram-no com sentido de prestar serviço aos estudantes e à comunidade académica, funcionando como caixa de som aos direitos e aspirações dos estudantes, intervindo na vida da Escola.

A confirmar a ideia recolhida na revisão de literatura, como refere Ferreira e Silva (2005), 57% dos membros da AE não pertenceu a nenhuma associação antes de entrar na AE e dos membros que já tinham pertencido, ou que pertencem atualmente, mais de metade dá nota de uma dupla filiação, ou seja, pertencem a mais de duas associações, simultaneamente.

Em linha com os motivos de entrada, 84% dos participantes escolhe as atividades de defesa dos direitos dos estudantes como principal atividade a ser desenvolvida pela AE, seguida de perto com o apoio aos estudantes a resolver questões com os serviços de ação social, e as ações de informação aos mesmos sobre os seus direitos e deveres. Com percentagem inferior, mas ainda relevante, apontam como atividades importantes a desenvolver pela AE, atividades de índole cultural e de voluntariado na comunidade.

A maioria dos participantes reconhece que pertencer à AE os muniu de ferramentas importantes em matéria de participação cívica e de intervenção direta na sociedade e apesar da maioria concordar que a AE deve promover e estimular a participação cívica dos estudantes, apenas 30% dos participantes concorda totalmente com isso, apesar de 94% dos participantes, noutra dimensão do questionário, concordar que o Politécnico, em conjunto com a AE deve promover a educação para a cidadania junto dos estudantes.

A maioria dos participantes percebe uma relação de proximidade com os órgãos do Politécnico e com a escola, afirmando que a Direção aborda a AE para realizar atividades na Escola. Também se assinala que os participantes sentem que os estudantes estão adequadamente representados nos órgãos do Politécnico.

A maioria responde que a comunidade académica está envolvida de forma positiva com a AE, participando frequentemente ou com alguma frequência nas atividades organizadas por esta.

A maioria dos participantes concorda que fazer parte da AE mudou a sua visão da comunidade onde estão inseridos, porque passaram a compreender melhor alguns pontos

de tensão entre os habitantes e os estudantes e situações problemáticas para as quais não estariam despertos, de outra maneira.

Ainda relativamente ao impacto do ensino superior na comunidade local, a larga maioria dos participantes afirma que este impacto não se limita à questão económica, alargando-se ao desenvolvimento cultural, social, e inclusivamente, de melhoria de infraestruturas de saúde e do desporto, das quais os habitantes beneficiam.

## *2. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS*

Como já referido, foi dirigida uma entrevista semiestruturada<sup>19</sup> aos dirigentes associativos, das cinco associações de estudantes do Politécnico de Leiria, dois do sexo feminino e três do sexo masculino, que obedeceram ao seguinte critério de inclusão: um dirigente por AE, que pertencesse à Direção da AE, tendo o primeiro contacto sido estabelecido com a/o presidente da Direção, e nos casos que não foi possível, por organização de agendas dos próprios (conclusão do curso e ingresso no mercado de trabalho, ausência do país), a entrevista foi dirigida a um membro da direção indicado pelo/a presidente.

As entrevistas procuraram conhecer e compreender a forma de organização e estrutura, perceber quais os motivos que levam os estudantes a fazer parte da associação, e neste tópico, perceber quais as vantagens e desvantagens apontadas pelos entrevistados, pois esses dados ajudam a compreender a importância dada pelos estudantes às atividades promovidas e realizadas pela AE e por fim, com as atividades desenvolvidas pela AE se há, em primeiro lugar, uma intenção consciente de quem organiza, de transmitir conhecimentos e competências de participação cívica e em segundo lugar, não obstante a inexistência de intenção, se a própria pertença à AE, desenvolve competências de participação cívica, como apontado por Estanque (2008), Ferreira e Silva (2005), Fung (2003) e Tocqueville (2005).

Da análise de conteúdo feita às entrevistas realizadas, foi possível comparar as informações prestadas pelos entrevistados com a análise documental supra, feita aos

---

<sup>19</sup> Ver apêndice 1

estatutos, e perceber que, os estudantes têm a preocupação de constituir os órgãos sociais, em cumprimento do previsto nos estatutos.

## *2.1. A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES*

### *2.1.1. DA ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DA AE*

No início da entrevista, foi colocada uma questão relativamente à organização e estrutura de cada AE, no sentido de fazer a ponte entre os estatutos e plano de atividade, com a apresentação de cada dirigente. As AE em análise apresentam uma organização com alguns aspetos distintos entre si, como o número de elementos dos órgãos, a existência de núcleos nas AE A, AE B e AE E, que na AE C assumem a estrutura de departamento. A AE D, apesar de previsto nos estatutos, a possibilidade de existência de núcleos de curso, no ano letivo em análise, não teve núcleos, tendo o entrevistado demonstrado interesse em promover a sua existência.

Esta questão permitiu conhecer a estrutura das AE pela voz dos seus atuais dirigentes, o que traduziu para o real e concreto, os dados recolhidos durante a análise documental e acima já descritos.

Nas entrevistas de Maria, Manuel e Clara foi ainda possível perceber quais as principais fontes de receitas da AE, este dado não foi diretamente questionado, mas é importante no momento de realizar atividades:

*[...] as receitas da reprografia [...], apoios concedidos pelos SAS. (Maria, AE A)*

*[...] temos uma reprografia, [...] um funcionário, [...] fazemos o pagamento dos salários. Nós fazemos o pagamento dos impostos. Nós fazemos a compra a fornecedores, os pagamentos a fornecedores, [...]. Cada associação acaba por ter um pouco a sua filosofia e a sua forma de estar, depende muito também das fontes de financiamento que têm. [...], recebemos um subsídio por parte do Politécnico de Leiria, [...]. Devemos estar a falar, talvez, de trinta e seis a trinta e oito mil euros anuais para todas as associações de estudantes repartidas pelo número de estudantes (...). Manuel, AE B*

### *2.1.2. DOS MOTIVOS DE ENTRADA NA AE*



Procurámos também perceber um dos obstáculos apontados na literatura, quanto aos motivos de não participação em associações, e se este ocorria nas AE, a falta de tempo (Ferreira & Silva, 2005). Um dos motivos (desvantagens) para não participar, referido por todos os entrevistados, é a falta de tempo, comprovando o que se encontra na literatura. Outro dos motivos de não participação e referido por três entrevistados, Maria, Manuel e Bruno é o individualismo dos estudantes, que argumentam estar focados na frequência e conclusão do curso, como único objetivo no ingresso e frequência no ensino superior, fator também referido por Augusto (2008), como se documenta na Tabela 5.

Tabela 5 – Desvantagens de fazer da AE

Dirigente	Excertos das sinopses das entrevistas
Maria AE A	<i>A maior desvantagem, [...] aquilo que faz as pessoas não quererem participar numa associação de estudantes, é o trabalho, é todo um trabalho extra, que não é remunerado [...]. Querem fazer o curso, [...], e não querem ter mais trabalho. [...] por exemplo, já estou de férias, eu podia estar na praia, podia estar numa esplanada, [...], mas não, tenho deveres a cumprir, tenho coisas a tratar, então vou ter [...] que abdicar desse tempo [...].</i>
Manuel AE B	<i>O que nós sentimos é que os estudantes são cada vez mais individualistas, têm um bocadinho mais dificuldade nas relações pessoais, não compreendem as vantagens, ou melhor, não sei se é por eles não compreenderem a vantagem de estar numa associação e aquilo que pode fazer para a formação deles ou se eles acham que não tem capacidades para estar numa associação, às vezes acho que pensam, não sou capaz, aquela pessoa é que tem o perfil para... A grande desculpa é sempre, isso dá demasiado trabalho e eu não tenho tempo. Estou focado no meu curso, e nós tentamos dizer não, [...] há pessoas que passam na associação e que passam pelos órgãos todos a fazer o curso com altíssimas médias dentro do prazo, organizam as atividades na mesma, não tem a ver como isso.</i>
Clara AE C	<i>[...] é o tempo que a associação de estudantes ocupa. Ainda é bastante, dependendo também do cargo que a pessoa tem. [...] A questão não terem tempo para fazer parte de uma associação de estudantes, as pessoas sabem que requer tempo e é uma verdade, quem realmente coopera e tem vontade de fazer as coisas. O tempo é uma parte importante.</i>
Bruno AE D	<i>[...] uma parte da nossa equipa, estava sempre trabalhar e trabalhos finais e uma grande parte das pessoas que estão envolvidas na associação de estudantes, são pessoas novas, [...] este foi o primeiro contacto político, ou provavelmente, o segundo contacto político que tiveram a sério, de trabalhar numa associação de estudantes, de</i>

*trabalhar de uma forma coletiva, então houve muitas questões individualistas, mas nós não podemos censurar isso, [...], combater os tempos e a falta de tempo e o trabalho, porque a maioria de nós, somos estudantes [...].*

Pedro  
AE E

*[...] é o tempo que leva, não terem tempo, ou não se interessarem o suficiente, pelo que a associação de estudantes faz, para não estarem na associação de estudantes, acho que são estas as duas características que afastam mais as pessoas de se juntarem.*

Outra desvantagem apresentada pelos dois entrevistados que estão há mais tempo na AE foi a exposição pública a que estão sujeitos, as críticas e comentários dos estudantes:

*Mais desvantagens, [...] os comentários e a desvalorização das pessoas, e dos estudantes que não valorizam este trabalho, porque pensam que é fácil, [...] tomar certas decisões, há certos comentários que não são tão agradáveis de ouvir. (Maria, AE A)*

*[...] não é fácil estar num cargo e sermos suscetíveis a apontarem-nos o dedo, e a falar em nós, agora com as redes sociais, acontece [...], toda a gente, tem uma opinião, são qualquer coisa e nós somos alvos de críticas e nem toda a gente é capaz de lidar com isso e se sente confortável com isso. (Manuel, AE B)*

Para perceber se que a atividade associativa consome, de facto, muito tempo, questionamos quanto tempo, em média, os entrevistados despendiam com a AE. Todos confirmaram a necessidade de despende de algumas horas por semana, conforme os períodos de atividade seja mais ou menos intensos.

*Tabela 6 Tempo dispendido com as atividades da AE*

Dirigente	Excerto das sinopses das entrevistas
Maria AE A	<i>O ideal seria, por dia, a falar talvez não da parte da direção, não os vices presidentes, mas os restantes membros, se dedicassem talvez uma, duas horas, à associação, todos os dias, as tarefas, nem que seja só para organizar o dia [...].</i>
Manuel, AE B	<i>Se cada um dedicar uma hora, haverá alturas em há um pico de trabalho e outros em que, na altura das avaliações ninguém aparece aqui. [...]. Infelizmente, nem todos participam da mesma forma, o que é mais frequente é, eu se pedir alguma coisa, eles fazem, [...].</i>
Bruno, AE D	<i>Mas, pelo menos duas horas por dia, e às vezes, um fim de semana dedicava, às vezes, mais de três ou quatros, dependendo se fossem coisas importantes, por isso, em média dedicava, sim, dez horas semanais, oito horas semanais.</i>

Pedro | [...] um presidente ainda despende de grande tempo para a associações estudantes, não  
querendo mentir, mas se calhar uma horinha por dia, para tratar de assuntos  
AE E | relacionados como e-mails, como as reuniões, com burocracia de documentos, [...].

### 2.1.3. ATIVIDADE DESENVOLVIDA PELA AE (ADESÃO DOS ESTUDANTES)

Ainda dentro da categoria de análise da associação de estudantes, procurámos perceber se os estudantes participavam nas atividades promovidas pela AE (como participantes, e ao fazer parte da AE como membro dos órgãos), procurando com esta questão recolher dados sobre a importância atribuída pelos estudantes à AE.

Da revisão de literatura feita, nomeadamente nas conclusões do estudo de Ferreira e Silva (2005), os jovens portugueses têm-se afastado progressivamente do associativismo, sendo os motivos apresentados muito variados. Nesta pesquisa procurou-se perceber a realidade das nas AE do Politécnico de Leiria.

Neste campo, as respostas não foram todas no mesmo sentido, tendo Maria, Manuel e Bruno apresentado respostas que indicam dificuldade na captação de estudantes para participar nas atividades (com exceção para as atividades lúdicas) organizadas pela AE, enquanto Clara e Pedro indicam não ter sentido dificuldades, em nenhuma das vertentes.

Para Maria, Manuel e Bruno:

*Eu sim, senti muito isso. [...], há já poucas pessoas predispostas a entrar numa associação de estudantes. Volta o motivo do trabalho extra, do ter que abdicar do tempo, são esses os maiores, depois que isso até podia ser um trabalho extra, mas se fosse um trabalho extra, remunerado. (Maria, AE A)*

*[...] há um afastamento mesmo muito grande entre os estudantes, de todo o movimento associativo, é nacional. [...]. (Manuel, AE B)*

*Agora depende do tipo de atividade, se organizar um curso de formação sobre como fazer um CV, eu sei que vou ter pouca gente, se eu organizar um curso sobre como é que é a sua primeira reunião para o primeiro emprego, sei que vou ter pouca gente. [...] voltado para o voluntariado, [...], eu vou ter muito pouca gente, é difícil. Se for para [...] uma festa, [...] aqueles eventos que nos tragam grandes sensações, naquele momento, vamos ter muita gente. (Manuel, AE B)*

*Temos muita dificuldade em captar os estudantes, quando uma associação de estudantes fica desligada durante cinco, seis anos, [...]. E existe, e isto aconteceu na D, estamos a tentar recuperar isso*

*aos poucos. É um trabalho, um trabalho a fundo, mas já aconteceu em muitas faculdades, acontece, [...].*  
(Bruno, AE D)

Por outro lado, a Clara e o Pedro dão testemunho de outra realidade, declarando que sentem a presença dos restantes estudantes. No caso de Clara e Pedro, apesar de fazerem parte dos órgãos, não são presidente ou vice-presidente, o que poderá influenciar a sua perceção, quanto à facilidade de captação de estudantes para os órgãos, na medida em que é tradicionalmente, um trabalho dos presidentes das AE:

*[...] maior dificuldade que existe, e agora com isto da pandemia, torna-se ainda mais difícil, é nós não conhecermos os novos estudantes. Porque o ano passado houve muitos membros que eram finalistas licenciados e saíram.*

*Sim, a opinião que eu tenho, destes dois anos, acho que sim. [...] na entrega das pastas dos finalistas, todos vieram. [...] depois on-line tivemos a gala de Natal, tivemos muita gente a assistir. [...]. Os diretos que fizemos, também tivemos sempre muita adesão por parte dos estudantes, tínhamos noventa e tal pessoas a ver. [...] a gala natal presencial também tivemos muitos alunos, era paga [...].* (Clara, AE C)

*[...] da nossa associação nunca tivemos qualquer tipo de problema, até porque temos outras entidades, tal como a comissão de praxe e até mesmo os núcleos, que nos ajudam em tentarmos integrar toda a escola e todos os alunos para as atividades, e nunca tivemos problemas de não conseguir ter gente suficiente para algo ou alguma incapacidade de promover algo. [...]essa situação do associativismo ter descido em número de envolvidos ou número de pessoas interessadas, [...] as associações que não provocam nos jovens a ambição de quererem pertencer ou quererem fazer algo pela associação e não tanto pelas associações de estudantes dos politécnicos.* Pedro, AE E

Apesar de não ter sido questionado de forma direta, e de poder integrar-se em mais do que uma categoria de análise, importa assinalar a elevada abstenção dos estudantes nos diversos atos eleitorais que ocorrem ao longo do tempo nas Escolas e no Politécnico, e que é um sinal negativo, da participação dos jovens, conforme dá nota Maria, da AE A:

*A importância de votar, nós temos muita abstenção, [...], quer seja para a associação de estudantes e núcleos, seja para os restantes conselhos e [...] não perceberem a importância que ele tem. [...] votamos para o provedor do estudante, [...], numa escola de dois mil e tal pessoas, haver oitenta votos ou duzentos, ou para a associação de estudantes este ano, foram duzentos votos, em dois mil alunos, dois mil e tal alunos, ou seja, apenas duzentos escolheram, quem é que queriam que os fosse representar.*

#### **2.1.4. DESENVOLVER COMPETÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO CÍVICA**

Quanto ao potencial de desenvolvimento de competências ao nível da participação cívica dos membros dos órgãos da AE, todos os entrevistados respondem no mesmo sentido, afirmando que o trabalho desenvolvido enquanto membros da AE tem impacto na sua capacidade de atuar na sociedade, de forma positiva. Indicam as várias competências adquiridas, nomeadamente: a) em matérias administrativas, b) contacto com o outro/ com as instituições, c) a resolução de problemas há até a referência a escrever atas e ofícios, competências referidas por (Fung, 2003), quando descreve as competências que o associativismo desenvolve no cidadão, que o preparar para intervir na sociedade, a capacidade de trabalhar em equipa, a capacidade de falar em público, a satisfação de atingir objetivos traçados por um bem comum, entre outros, como se evidencia nos excertos seguintes, retirados das entrevistas realizadas:

#### Aspetos administrativos e o contacto com o outro

*[...] aprendemos,[...] coisas que não aprendíamos se só estivéssemos no curso, aprendemos a fazer [...] documentos, [...] as burocracias, [...], a maneira como podemos chegar ao outro e a maneira de estar, [...]: “- ok, então eu vou a certo local, tenho que estar de determinada maneira, por exemplo, vou a um evento, esta tem de ser a minha postura, tenho de cumprimentar”, às vezes, em alguns eventos, tenho de cumprimentar com aquele “Excelentíssimo”, isso também dá aquela, enfim, saber [...] o porquê de ter que fazer [...].* Maria, AE A

#### Aspetos administrativos

*Eu aprendi a fazer atas, eu aprendi a fazer requerimentos, eu aprendi a fazer declarações, coisas que eu sei que nunca iria aprender no curso, só com essas atividades extracurriculares, e estas funções, é que me dão estes conhecimentos.* Maria, AE A

#### Contacto com o outro e a resolução de problemas

*[...] a grande vantagem, é ter a capacidade de pegar no telefone e resolver um problema. Essa é maior delas todas. O facto de organizarmos atividades e de lidarmos com pessoas e termos aquele... ir a uma reunião, por exemplo, onde vai estar um presidente da Câmara, onde vai estar o Presidente do Politécnico, que tens de ir lá discutir o horário do funcionamento dos autocarros. Isso implica-te uma preparação, mas [...] aquele contacto, é deixar de ter o medo, depois de ter a experiência uma primeira vez, uma pessoa percebe que não é um bicho de sete cabeças, mas deixar de ter o medo de estar sentado com um presidente de Câmara, um Presidente de uma instituição pública e lidar com o problema, dizer não, [...].* (Manuel, AE B)

#### Vantagens

*[...] sim, acho que se aprende muita coisa. Há muita coisa que eu sei hoje, que não fazia ideia, se estivesse do lado de fora, a parte da cooperação, o envolvimento neste tipo de atividades e entre outras,*

*na representação dos estudantes, nos nossos interesses. Se não for a associação a defendermos, [...] não vamos a lado nenhum, mas é por aí também que vem a parte do associativismo, que juntos somos mais fortes.* (Clara, AE C)

*[...] aprende-se muito partes que não se aprendem simplesmente, a frequentar um curso. Acho que temos partes burocráticas que conseguimos aprender algumas coisas. [...] mas também de contabilidade, de saber gerir pessoal, saber gerir várias situações. [...] entre um curso e entre um trabalho que não é realmente um trabalho, é uma associação, mas conseguimos aqui ter algumas partes iguais de uma empresa. [...] também em termos de dever cívico, acho que é uma grande ajuda fazer parte associações de estudantes que vai libertar em nós algo positivo relacionado com o dever cívico também.* (Pedro, AE E)

## 2. ENSINO SUPERIOR

Na parte teórica deste estudo, pudemos ver como ter frequentado o ensino superior é uma variável que influencia de forma positiva, o envolvimento e participação cívica dos cidadãos. No artigo de Ferreira (2008) e em Ferreira e Silva [2005] as pessoas que frequentaram o ensino superior surgem de forma mais expressiva como membros de associações da sociedade civil.

Procurámos analisar qual a relação entre o ensino superior e a participação cívica dos membros (ativos) das AE, através de questões para refletir sobre a tipologia de atividades organizadas, apresentando as recomendações do livro verde das IES (ORSIES, 2018).

De forma generalizada, os entrevistados responderam que não desenvolveram atividades dentro dessa temática, quer por iniciativa da própria AE, quer com o apoio ou a parceria do Politécnico de Leiria. Todos demonstraram interesse e apoio a atividades desse género, reconhecendo que a importância de promover questões ligadas com a educação para a cidadania no ensino superior.

*“infelizmente não consegui desenvolver muitas atividades este ano, porque eu entrei no primeiro mandato no final do semestre de 2019 (dezembro) e 2020 inteiro. [...], todas as atividades que conseguimos fazer foi online em tentarmos recordar momentos e fazer pequenos jogos on-line. [...] às vezes, os estudantes não querem participar nas associações de estudantes e nos núcleos que traz muito esta parte da cidadania, do estar preocupado com o outro, poder envolver-se em vários assuntos.”* Maria, AE A

*“É, mais na questão da responsabilidade social, ou seja, vamos organiza, uma atividade sim, mas temos que associar um fim a isto e que seja ajudar alguma causa. E tem sido sempre mais nessa vertente, da parte da responsabilidade cívica, o que nós tentamos é com os comportamentos que os estudantes têm ao longo da noite, nos bares e tudo mais. Temos tentado ir um bocadinho por aí [...].”* Manuel, AE B

*“Eu sei que há ONGs e outras associações que estão a desenvolver esse trabalho, eu conheço a Amnistia Internacional, sei que ela existe em [...] sei que a amnistia internacional, defende muita parte os direitos humanos e que temos a oportunidade de assinar [...] Acho que são parcerias, sem dúvida interessantes, porque acho que há muita gente tem, não conhece também esse tipo de associações e o trabalho que elas desenvolvem. [...] Nós estamos formados por defender os interesses dos estudantes aqui, mas eu acho que são eventos interessantes e deveriam ser dinamizados.” Clara, AE C*

*“E com esta conversa toda, estou a ter muitas ideias para o plano de atividades do ano que vem, isto está a ser muito útil nesse aspeto, conheço pessoas dentro dessas organizações [...].” Clara, AE C*

Sequencialmente, colocámos também questões para perceber qual a relação entre as AE e os órgãos de gestão do Politécnico de Leiria das Escolas, considerando o papel das AE na vida e na gestão das IES, nomeadamente, tendo lugar nos órgãos de gestão das IES (veja-se o Conselho Geral), com direito de voto.

*[...], é nos conselhos da escola, nos Conselhos de Representantes, no Conselho Pedagógico, depois no Conselho Académico, no Conselho Geral do Politécnico, isto é muito importante porque é aqui que se fazem as grandes decisões, e é aqui que realmente, os estudantes têm grande impacto. [...], no Conselho de Representantes da nossa escola são cinco alunos que podem participar, no Conselho Pedagógico são oito alunos [...]. Também temos o Conselho Geral ou Académico, estes são do Politécnico, e são órgãos onde todas as decisões são tomadas, [...]. A eleição do diretor da escola, [...] e os estudantes estiveram nesta escolha e puderam participar na eleição.*

*Eu estou inserida nos quatro Conselhos, realmente é uma grande aprendizagem, consigo perceber onde é que eu posso ajudar os meus estudantes. E mais do que fazer estas atividades para os estudantes, é mesmo participar nestes Conselhos. [...] poder modificar dentro da sala de aula, é participar nestes Conselhos. (Maria, AE A)*

*[...] temos participado na elaboração da legislação nacional. Vamos ao ENDA – Encontro Nacional de Direções Associativas, [...] estive na assembleia da Federação Nacional de Associações de Ensino Superior Politécnico, é uma federação que engloba as associações de estudantes dos politécnicos e emit[e] parecer, ajuda a elaborar as propostas de leis e as nossas moções para o parlamento, para o ministério, para o governo, para o CCISP, para o CRUP, [...], sobre situações que sejam muito próprias da vida estudantil. Bolsas, alojamento, alimentação, tudo, tudo.*

*[...] Da parte para a sociedade, [...] quem passa pela associação, pelos órgãos sociais, tem uma aprendizagem nesse sentido. É inevitável, a não ser que [...] esteja mesmo muito fechado dentro da escola. [...] acabar por haver uma relação com a sociedade, e com a cidade. [...] aqui aprende que tem que pagar impostos, aprende o que é que são os impostos, aprende o que é o IVA. [...] perceber que existe aquele Conselho, que existe o orçamento participativo, para nós chegarmos a este fim, temos que passar por estes passos todos, e temos que nos relacionar com esta entidade, [...], queres organizar um arraial, tens de pedir um parecer à PSP, [...]. (Manuel, AE B)*

*[...] Não temos nenhum lugar [nenhum estudante da AE eleito nos órgãos], o que é estranho. [...] as eleições para o conselho pedagógico e de representante ainda vão acontecer. [...] uma coisa positiva que fizemos este mandato, foi mais a nível político, tentámos politizar as pessoas: “O que é que se passa? Por que é que a propina existe? Porque é que existe tanto desinvestimento no ensino superior?”. Tentamos sempre ser uma ponte entre o Politécnico de Leiria e a Escola, sobre as questões de pessoas a passarem fome, [...], na parte social e na parte política estivemos muito ativos.*

*[...] O Politécnico, não ajuda, não está presente, tenta sempre excluir-nos quando são as coisas importantes, tentam sempre excluir-nos das atividades mais importantes, [...], quando é para questões eleitorais, mandou sempre os documentos para todos os alunos, com uma ata, mas os alunos vão olhar para aquilo, [vão perguntar]: “O que é isto?”, e vão eliminar, e às vezes o Politécnico de Leiria tem o dever de informar e parece que não informa e quando informa, informa muito mal. (Bruno, AE D)*

Relativamente à relação com a direção de cada uma das Escola, todos os entrevistados foram unânimes em qualificar a relação com a direção, como de entreatajuda e de proximidade.

*[...] há uma relação de muita proximidade entre o diretor, as subdiretoras, e nós, estudantes, [...] e conversamos e estão sempre disponíveis para nós. E se precisamos de alguma coisa, [...], acho que a parte da disponibilidade mesmo para os nossos eventos, só se for mesmo impossível, é que não fazem ou não participam, [...]. (Clara, AE C)*

*[...] escola ajuda-nos e tenta sempre facilitar ao máximo as nossas atividades. [...] algo que precisemos, estão ao nosso lado para nos ajudar, seja em termos de licenciamento, em termos de material, requerimentos tentam ajudar ao máximo os alunos. Como IPL, não consigo dizer grande coisa, só ser mesmo falando da escola. (Pedro, AE E)*

Na vertente do impacto que o ensino superior pode ter na consciencialização e promoção da participação cívica entre os estudantes, é importante realçar um facto, relativamente recente (o processo de Bolonha), de redução do número de anos na formação superior.

Nas palavras de dois dos entrevistados, o período de tempo atual de uma licenciatura encurta o tempo de socialização e de envolvimento dos estudantes, prejudicando os benefícios do envolvimento do estudante na vida da comunidade académica:

*[...] Muitas vezes, as diferenças ocorrem, mas o estudante como só cá está três anos, nem se apercebe dessa diferença. Maria, AE A*

*E quando nós passámos a ter as formações apenas a três anos, é um lusco fusco. Chegas, és caloiro, não conheces nada, nem ninguém, [...], chegas ao segundo ano, se não estiveres a pensar em ir de Erasmus, podes começar a envolver-te, no terceiro ano, já estás preocupado em acabar o curso, em*

acabar o estágio, [...]. nós tínhamos uma prática de bacharelato mais licenciatura, cinco anos, [...] e isso fazia com que as pessoas se conhecessem, houvesse uma relação completamente diferente, e havia depois mais predisposição para participar nos órgãos associativos, precisamente pela diferença que isso fazia. Agora, como é tudo muito rápido, [...], muito exigente também em termos académicos, e também a maturidade é diferente. Manuel, AE B

### 3. ENVOLVIMENTO NA COMUNIDADE ACADÉMICA

Da leitura de Ferreira (2008), uma das conclusões relativamente à relação entre pertencer a uma associação e ser mais participativo na sociedade, é que essa relação é tanto maior, quanto a associação em si também tenha objetivos de intervenção na sociedade.

Assim, as questões foram elaboradas no sentido de procurar perceber se as atividades desenvolvidas pelas AE tinham um caráter formativo ou de intervenção, ou se eram lúdicas, perceber se as atividades dinamizadas pelas AE valorizam e promovem a participação cívica dos estudantes.

As respostas obtidas apontam, maioritariamente, para a realização de atividades viradas para a comunidade académica, com um teor lúdico, de promoção do convívio e da interação social. Todos os entrevistados indicaram essa tipologia de atividade, como prioritária:

Tabela 7 - Atividades prioritárias das AE

#### **Dirigente**

#### **Excertos das sinopses das entrevistas**

Maria, AE A	[...] as semanas académicas e as receções ao caloiro, os alunos adoram, [...].
Manuel, AE B	[...] temos que continuar a organizar a semana académica e a receção ao caloiro, são os grandes eventos académicos. Tem um impacto muito grande na vida dos estudantes, marcam o início, marcam o fim do percurso académico. [...] quando nós falamos atividades lúdicas, seja nas nossas festas, os nossos arrais, seja no âmbito da praxe, na semana académica, na receção, nós temos tido a mesma participação.
Clara, AE C	[...] torneios de setas, [...] também costumamos fazer torneio de matraquilhos, isto é algo que os estudantes costumam gostar bastante, (...). A nossa gala de Natal [...] temos o desfile do caloiro e o Festival da cerveja, também é algo que, às vezes, associações acabam por se envolver, porque basicamente a associação desenvolve atividades que possam ser proveitosas [...].

Bruno, AE D

*Queremos desenvolver no próximo ano é um convívio. [...] faz falta, [...] um convívio académico, como deve ser, com música, com pessoas a cantarem. As festas são importantes. [...], principalmente agora, fazem uma falta tremenda e dá para perceber.*

Os entrevistados referiram ainda a organização de atividades sócio-culturais, como peddy papper, eventos culturais, algumas atividades desportivas, como se apresenta na Tabela 8.

Tabela 8 - Atividades sócio-culturais

**Atividades  
realizadas**

**Excertos das sinopses das entrevistas**

*Culturais*

- [...] este ano focámos muito nas redes sociais, fizemos questionários do que é que as pessoas estão a fazer ou, por exemplo, do que foram os melhores momentos que passaram em Leiria, [desafiar] a porem fotografias de um momento em Leiria, que gostaram muito, aos finalistas, para tentarmos dinamizar muito as nossas redes sociais [...] Maria, AE A  
- [...] tivemos atividades na área cultural, há sempre mais estudantes a participar [...]. (Bruno, AE D)  
- [...] os eventos culturais têm forte impacto, tanto aos estudantes que neste ano não tiveram nada, [...] para poderem desanuviar e pensarem outra coisa sem ser só estudo ou no seu curso.” Pedro, AE E

*Aprofundamento  
temático das áreas  
de estudo*

[...] tivemos umas atividades quando foi isto da quarentena, no ano passado, (...) profissionais para falar, ou para esclarecer os nossos estudantes em lives no nosso IG, foi uma das coisas que decidimos fazer. [...] atividades que sejam relacionadas com o curso, mas também possam ser gerais e para os estudantes, falarem uns com os outros, e se conhecerem também de alguma forma. (Clara, AE C)

Para além destas atividades, os entrevistados referem atividades que apelam à participação cívica dos estudantes, mas reconhecem que as mesmas não são populares entre os estudantes, e que têm cariz mais de sensibilização. A exceção a este registo é assumida por Bruno, que defende a politização dos estudantes:

*[...] fazemos é uma publicação a apelar ao voto, informar os estudantes que estão deslocados, como é que podem requerer o voto antecipado ou pelo correio? É essa a dinâmica que temos tido mais. [...].” Manuel, AE B*

*[...] quando há atividades a decorrer no politécnico, alguma informação que seja relevante partilhar com os estudantes, o Politécnico envia-nos e-mail, ou através do instagram, envia-nos as publicações e o que nós fazemos é partilhar por e-mail para o estudante ou então através de nossas redes sociais, [...]. Então, essa parte da sensibilização, para vários assuntos, [...], tentamos sempre fazê-lo através das redes sociais ou do e-mail, [...]. Mas tentamos sempre que os estudantes votem, e quando há eleições, houve a eleição dos conselhos, [...], é importante que votem, é mais neste sentido geral. (Clara, AE C)*

*[...] como associação de estudantes, [n]as eleições para presidente da República, tentamos com que os estudantes que não pudessem ir ao conselho deles votar, que pudessem votar em [...]. (Pedro, AE E)*

*[...] queríamos ter feito parte da organização do primeiro desfile pride em Leiria. Era para ter sido o ano passado, mas com o COVID acabou por não acontecer.<sup>20</sup> (Manuel, AE B)*

*[...] associação de estudantes tem o dever de politizar os estudantes e de trazer os estudantes para a política [...], também consciencializar os problemas e de mostrar aos estudantes que existem problemas. E que existe uma maneira de combatê-los, com uma forma coletiva de reunir os estudantes, ver que a associação de estudantes é o órgão [...] representante dos estudantes, acima de tudo. [...] temos um grande contacto próximo com o movimento democrático das mulheres e [...] nós até estivemos, quando houve o dia da mulher, elas fizeram uma manifestação em Lisboa e nós, a associação de estudantes, estivemos lá presentes.” (Bruno, AE D)*

A organização de atividades de solidariedade social ou de voluntariado, por parte das AE, foi também objeto de questão. As respostas variaram um pouco de entrevistado para entrevistado, tivemos o Bruno, com um perentório “*Voluntariado, não.*”, contudo é perceptível, de forma geral, que as AE organizam essas atividades de forma pontual, isolada, nas palavras de Manuel “*depende muito de quem vem para os órgãos sociais*”, uma das entrevistadas refere inclusivamente “*fizemos uma doação a um canil em Leiria. [...] não foi nenhum tipo de parceria, [...] quisemos fazer essa doação* (Clara, AE C).

A adesão a este tipo de atividades, por parte dos estudantes, parece pesar na decisão das AE em realizar atividades para além das tradicionais atividades lúdicas acima referidas: *Se organizar um curso de formação sobre como fazer um CV, eu sei que vou ter pouca gente, se eu organizar um curso sobre como é a sua primeira reunião para o primeiro emprego, sei que vou ter pouca gente. Se eu tentar organizar o núcleo temático, esteja voltado para o voluntariado, [...] vou ter muito pouca gente, é difícil. Manuel, AE B*

---

<sup>20</sup> A 1ª Marcha pelos Direitos LGBTQIA+ de Leiria aconteceu em outubro com a participação da AE A, AE B e AE C.

#### 4. ATIVIDADES NA COMUNIDADE LOCAL

De acordo com a revisão de literatura, são escassos os estudos ou artigos relacionados com o impacto sociocultural ou cívico da atividade das AE nas cidades ou nas comunidades onde se encontre inserida a instituição de ensino superior. Foi possível encontrar referência ao papel das Tunas, no desenvolvimento cultural dos seus elementos, Elísio Estanque fala das repúblicas de estudantes em Coimbra, (2008) mas, de um modo geral, não foi possível encontrar estudos portugueses que relacionem o ensino superior, as suas associações de estudantes e a participação cívica.

No entanto, este impacto é sentido pelos entrevistados, como já tinha sido encontrado nas respostas ao questionário, com maior enfoque nos problemas existentes: *“não é fácil para quem está numa câmara ter oito mil estudantes na cidade, que às três e quatro da manhã, estão a fazer barulho à porta de um apartamento e para alguém está a tentar descansar, para no dia a seguir, às nove da manhã estar a trabalhar* (Manuel, AE B), mas reconhecendo a necessidade de reforçar algumas ligações positivas já existentes, que não estão sistematizadas e formalmente articuladas.

Considerando o objetivo desta pesquisa - perceber qual o envolvimento das AE na comunidade local - colocaram-se questões que pretendem aferir se as AE planeiam e realizam atividades que liguem os estudantes à comunidade local, residente na cidade onde se insere a Escola.

De uma forma geral, todos os entrevistados responderam que apenas as semanas académicas e receções ao caloiro eram abertas à comunidade local:

*[...] envolvermos a comunidade [...], nós tentamos, mas o nosso lugar de pertença é na D, onde trabalhamos e onde faz sentido divulgar as coisas.* Bruno, AE D

*[...] aquilo que tem sido a prática usual, é não. Para semana académica e receção, porque estão abertos a todos, para toda a gente.* Manuel, AE B

*[...] realmente acho que não há muita interação entre a cidade e os estudantes através de nós.* Clara, AE C

*[...] apenas os estudantes podem participar, como foi o caso, vários eventos: como bailes de gala, festas exclusivas para estudantes, mas mesmo em todos os nossos eventos, tais como semana académica, receções, festas de cursos, tentamos também integrar a parte da comunidade.* Pedro, AE E

No entanto, todos os entrevistados identificaram atividades seja de ordem cultural, ambiental, de solidariedade social ou de voluntariado, nas quais as AE tiveram intervenção direta ou de apoio à sua realização.

Na tabela 9, procuramos, de forma não exaustiva, elencá-las:

Tabela 9 - atividades realizadas ou a realizar pelas AE

<b>Atividades</b>	<b>Excertos das sinopses das entrevistas</b>
<b>Voluntariado</b>	<p><i>O pelouro solidário, em termos de atividades, gostaríamos de ter feito recolha de bens essenciais no mês da mulher, para dar a instituições, como pensos higiénicos, tampões, cuidados de higiene básica, que gostávamos de ter recolhido, infelizmente não foi possível.</i></p> <p><i>[...] oferecer aos nossos estudantes a possibilidade de fazer voluntariado nestes locais. (...) E nós anunciamos e os nossos estudantes podem fazer voluntariado na Cruz Vermelha e a Cruz Vermelha indica quando é e qual. Maria, AE A</i></p> <p><i>[...] mesmo que fosse voluntariado, porque houve, fizemos uma parceria com a cruz vermelha para a doação de sangue e tivemos alguns estudantes a ir. Clara, AE C</i></p> <p><i>[...] apoia outras instituições que fazem essas limpezas de praia e as limpezas dos resíduos e também apoia, penso que foi um dos núcleos, lançou uma ação dessas e a associação de estudantes apoiou tanto com promoção, tanto com membros a ajudar também na atividade.</i></p> <p><i>[...] voluntariado, [...] fazemos ações de banco alimentar para essas pessoas e de cabazes de Natal, [...]. Pedro, AE E</i></p>
<b>Apoio a associações sem fins lucrativos ou IPSS</b>	<p><i>[...] há dois ou três anos, trabalhámos com a Caritas jovem, [...], onde davam explicações a crianças, [...] que vinham, estavam nas residências que a Igreja tem dos refugiados. [...] comprámos algum material escolar para estes jovens, depois chegámos junto à comunidade académica, por cada cinco euros que juntarmos, conseguimos atribuir uma mochila, uns cadernos, umas canetas, uns lápis, umas borrachas, e umas afiadeiras, [...]. tivemos de pagar uma multa por causa da reprografia, [...] e deram-nos a escolher, pagar a multa ou entregar a uma entidade ou IPSS. Nós escolhemos o Lar [...], com quem trabalhamos e a quem nós fizemos esse donativo. O núcleo de curso de [...], todos os anos organiza uma Lan Party, nós colaboramos e juntamos sempre cerca de três toneladas de alimentos para dar ao centro de acolhimento de Leiria, que faz parte da Igreja, [...]. Manuel, AE B</i></p> <p><i>[...] houve um evento que foi realizado pelo Núcleo de [...] de solidariedade para ajuda, [de uma] associação, e nós também tentamos integrar em todos os eventos que fazemos, o povo, [...]. Pedro, AE E</i></p>

<p>Apoio à realização de atividades do Politécnico</p>	<p>[...] No dia da criança, nós temos os colegas da educação básica que fazem n atividades no Estádio e tudo mais, estão lá, perdem o dia para aquilo. Mas, é tudo muito ligado à escola e nós queremos criar uma dinâmica própria dos estudantes na cidade, e isso é que era aquilo que é o que eu gostava que fosse o próximo passo. Manuel, AE B</p>
<p>Conhecer o património cultural</p>	<p>[...] peddy papper, tinham que responder a questões sobre a cidade. [...] Vão conhecer um pouco a cidade, porque temos pontos estratégicos, [...] os novos alunos também aderem muito bem [...] não conhecem a cidade, tem de responder a questões se não, não passam à próxima fase. Maria, AE A</p> <p>[...] Câmara aprovou [...], que os estudantes do Ensino Superior naquele ano, durante uma semana, por exemplo, não pagavam as idas aos museus aqui da cidade. [...] nós temos disponibilidade para ir com os caloiros a conhecer estes espaços, fazemos um peddy papper pela cidade [...]. Manuel, AE B</p>
<p>Dinamizar atividades culturais fora da Escola</p>	<p>[...] um concurso de fotografia [...] para ter as fotografias expostas ao longo da cidade, [...], sendo um concurso da Associação de estudantes e arranjarmos alguma maneira das pessoas votarem na fotografia que mais gostaram [...]. [...] acabamos por nunca chegar a dinamizar essa atividade, [...] Clara, AE C</p> <p>[...] Nós queríamos fazer uma feira, onde as pessoas podiam vender as artes. [...] mas isso caiu um bocado por terra. Depois também com o confinamento [...]. Bruno, AE D</p> <p>[...] festivais que envolvem a Escola, e alunos [...] e envolvem a escola inteira na comunidade e acho que a associação de estudantes tem de voltar a participar, [...], queremos participar para o ano. Bruno, AE D</p>

Na relação com a comunidade local, foi referida a autarquia - Câmara Municipal de Leiria - e considerando a situação de três AE terem em comum a mesma cidade, um dos entrevistados apontou uma dificuldade, que considera acrescida, do ponto de vista da realização de atividades em parceria com a Câmara Municipal ou com outras entidades, que nos parece relevante mencionar, pois pode ser útil na análise da relação entre as AE e a comunidade local:

[...] temos cerca de seis mil estudantes, temos muito mais estudantes do que as outras escolas juntas, mas mesmo assim é muito difícil nós falarmos com propriedade, em representar os estudantes, porque [...] existem outras duas associações de estudantes e eles também têm a mesma autoridade do que nós a representar os colegas deles. Se eu vou uma reunião de câmara, nunca posso falar pelos estudantes de leiria, falo pelos estudantes da minha escola! Isso também faz com que o nosso envolvimento seja sempre muito do género: - “Eu gostava de me comprometer, mas não posso comprometer sem falar com os meus colegas [das outras associações de estudantes].” Manuel, AE B

## SÍNTESE E DISCUSSÃO DOS DADOS APRESENTADOS

Aplicados os instrumentos metodológicos e apresentados os resultados, cumpre agora, de forma sintética, fazer a relação entre os resultados e os objetivos a que nos propusemos no início deste projeto.

O objetivo geral traçado para o presente trabalho de investigação estava, na verdade, dividido em dois, “*analisar o papel das AE do ensino superior, na promoção entre os seus membros, de uma cultura de participação cívica E perceber se a integração dos estudantes numa AE, tem influência na forma como estes se envolvem na comunidade académica e na comunidade local*”, revelando-se, através dos resultados apresentados no presente capítulo, que as AE são importantes na promoção de uma participação cívica entre os seus membros, bem como na relação que estes têm com a comunidade académica. Em relação à comunidade local, este papel acaba por ser reduzido, ainda que todos os participantes no questionário e todos os entrevistados reconheçam a sua importância. Tal constatação só foi possível através do alcance de todos os objetivos específicos constantes do ponto 1.2 do Capítulo 1, da II Parte e os quais se convocam, de seguida.

Em relação ao primeiro objetivo, as AE têm na sua génese princípios que se interligam com o conceito de participação cívica, ou seja, nos seus estatutos, e como podemos descrever no momento da caracterização, estão fixados os princípios da Representatividade, da Democraticidade, da Participação, da Independência e da Autonomia, ainda que seja interessante sublinhar que os princípios eleitos por cada AE não são todos comuns e coincidentes, este quadro de valores é importante, segundo Ferreira (2008) e Ferreira e Silva (2005), na avaliação da importância que as associações têm, na promoção da participação cívica dos seus associados, na medida em que nas associações mais viradas para a realização de atividades culturais ou desportivas, não se verificou, por parte dos associados, uma especial sensibilidade para a participação cívica ou política.

Verificou-se também que todas as AE cumprem as disposições legais relativamente aos órgãos, ainda que, dois dos entrevistados assumam que as competências de cada órgão se encontram diluídas entre os membros, num argumentário que pretende dar a todos os membros o mesmo nível de envolvimento na AE, este aspecto de relativização das estruturas tradicionais é referido por Augusto (2008), como sinal da rutura que os jovens procuram

fazer. Curiosamente, as AE que assumiram esse argumento, registaram menor percentagem de participação no questionário e maior superficialidade nas respostas dadas na entrevista.

Foi possível identificar as motivações dos jovens para integrarem a AE e verificou-se que são semelhantes nos resultados do questionário e na entrevista. Os membros das AE sentem-se motivados a fazer parte, porque querem representar os seus colegas e defender os direitos e interesses de todos (comunidade) junto das várias entidades que se reúnem em torno da Escola, demonstrando assim que reconhecem a importância da AE e a importância de existir um conjunto de pessoas que se dispõem a representar um grupo. Estas características dos membros, são também referidas por Ferreira e Silva (2005) em relação aos jovens associados.

Considerando que a literatura apontava para jovens que se envolviam na sociedade, ou em associações, de forma seletiva e individual, porque reconheciam como importantes e interessantes para o seu “grupo”, realçamos que, tanto no questionário como na entrevista, os membros das AE afirmam que os jovens estudantes (seus colegas) aderem às AE com facilidade, o que, nos parece, demonstrar que valorizam o trabalho desenvolvido pelas AE, ainda que dois dos entrevistados deixem a nota de preocupação relativamente à dificuldade dos jovens em assumirem compromissos, o que leva a algum afastamento da própria associação.

A relação entre os membros da AE e a comunidade académica foi também analisada e os resultados demonstram que estes reconhecem que têm uma relação mais próxima com a comunidade académica (docentes, órgãos da IES e serviços de ação social e não docentes), graças à AE, e às atividades que a mesma possibilita. Os membros também reconhecem o conjunto de competências e de habilidades que foram adquiridas nesse processo.

Assumindo-se desde já a limitação da aplicabilidade dos resultados deste projeto, não podendo ser extrapolados para todas as AE do país, acreditamos, no entanto, que fazer parte de uma AE durante a frequência no ensino superior, tem influência direta e positiva na participação cívica dos seus membros. Todos os resultados, seja do questionário, seja da entrevista, apontam para a aquisição de uma maior consciência dos mecanismos formais de participação em sociedade, nomeadamente o contacto com entidades administrativas e privadas. Para além desta consciencialização, os entrevistados assumem a necessidade de seguir certos procedimentos, e aceitam-nos como adequados para atingir os objetivos a que cada AE se propõe.

Apesar disto, os resultados também demonstram que as AE não realizam atividades viradas para a comunidade local onde se inserem, apesar de ser expressivo em ambos os instrumentos aplicados, que todos reconhecem a importância dos estudantes e do Politécnico de Leiria nas cidades onde se encontra. Os entrevistados reconhecem a realização de atividades pontuais e espontâneas de voluntariado, em parceria com associações que atuam localmente, mas também reconhecem que o seu “cliente” são os estudantes da Escola onde a AE se insere, e que apenas de forma ocasional, as atividades da AE podem também ser para os habitantes da cidade, com a exceção feita à semana académica e receção ao caloiro.

Também se verifica que não estão sensíveis, de um modo geral, para assumirem a promoção de comportamentos e atitudes relacionadas com a educação para a cidadania dos estudantes do ensino superior. E, não obstante, algumas das AE estudadas, têm inscrito nos seus objetivos enquanto organização, promover a formação cívica, cultural e científica e defender e promover os valores fundamentais do ser humano. Os dirigentes reconhecem que, no momento de planear e realizar as suas atividades, estas têm uma componente fortemente lúdica e pouco estruturada no sentido de passar conhecimentos ou de realizar atividades de voluntariado e participação cívica. Na ausência de estudos ou literatura relacionada com o tema, refere-se aqui o Livro Verde das IES (ORSIES, 2018), uma vez que recomenda que a IES em parceria com as AE, promova ações de educação para a cidadania.

Na mesma linha do parágrafo anterior, verificou-se que as AE não incluem de forma consciente e programada, atividades que possam aproximar os estudantes da comunidade local, ou que possa contribuir para o seu desenvolvimento social, cultural, desportivo ou ambiental (o fator económico é externo a este estudo e independente da vontade das AE). Os resultados do questionário e das entrevistas confirmam que há vontade de aproximação e que os membros das AE reconhecem até, a necessidade de envolver a comunidade local, porque afinal, só se gosta daquilo que se conhece.

## CONCLUSÕES

O início desta pesquisa dá-se através do contacto com dois estudos, um de Magalhães e Moral (2008) e outro de Lobo, Ferreira e Rowland (2015), que analisaram a participação cívica e política entre os jovens na faixa etária entre os 15 e os 35 anos. Estes estudos demonstraram um progressivo e rápido afastamento dos jovens, da participação cívica e política, enquanto processo no qual os jovens adquirem ou reforçam a vontade de influenciar e partilhar o controlo e responsabilidade através da tomada de decisões que influenciem a vivência em sociedade.

A constatação seguinte, de que este afastamento se verifica ao mesmo tempo que cresce a percentagem de população com o ensino superior universitário ou politécnico, fez soar algumas campanhas.

De acordo com uma ideia suportada pelos estudos de Ferreira e Silva, (2005), Magalhães e Moral (2008) e Lobo, Ferreira e Rowland (2015), quanto maior o grau de educação de uma pessoa, maior o sentido crítico e disponibilidade para participar na sociedade, através da intervenção ou envolvimento nas diversas estruturas sociais, como associações culturais, solidárias, partidos políticos ou órgãos de soberania representativa (Estado).

Da análise dos dados suprarreferidos, ficou a dúvida: qual seria, de facto, o papel do ensino superior na socialização cívica e política dos estudantes? E, considerando a participação dos estudantes nas instituições de ensino superior, que têm, legalmente reconhecido, o direito de participar na gestão da própria instituição, qual seria o papel das AE nessa matéria?

Efetuada a revisão de literatura, confirmou-se que a participação dos cidadãos nas associações, consoante a natureza e objetivos da própria associação, tem efeitos na sua forma de atuar na sociedade, estando mais despertos e sendo mais participativos.

Dos estudos e teorias analisadas, destacamos o artigo de Ferreira (2008) por analisar a influência do associativismo na cultura cívica dos jovens portugueses e que aponta nas suas conclusões para a importância da área de intervenção e da natureza da associação na resposta à questão de saber se pertencer a uma associação tem influência na participação cívica dos jovens.

Como referido no estudo apresentado pelo Observatório Permanente da Juventude e publicitado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (Lobo, Ferreira, & Rowland, 2015), os jovens adultos, entre os 18 e os 30 anos não sentem motivação para a participação ou envolvimento em atividades associativas ou de intervenção na comunidade, seja ela de natureza política ou cultural, solidária ou ambiental, aproximando-se dos 50% a percentagem de jovens portugueses que não têm qualquer participação cívica ativa.

Estes dados não são exclusivos da realidade nacional, estando próximos da média europeia, como demonstram estudos patrocinados pela União Europeia (DYPALL, 2018), que tem investido, na redução desse *gap* entre os jovens e as instituições europeias (UE, 2018).

As IES assumem um papel importante no desenvolvimento cultural, cívico, científico, a nível nacional e local, pelo que procuramos também perceber se o papel e a importância assumidos pelas IES, e aceite por todos, se se concretiza efetivamente no percurso académicos dos jovens enquanto estudantes no ensino superior, nomeadamente, na promoção entre os estudantes, de serviço voluntariado e participação ativa em associações, organizações sociais, ambientais ou culturais, ações de solidariedade ou voluntariado, nas regiões onde se inserem as IES.

Procurou-se dar resposta a estas questões, através da análise à organização e estrutura das AE do ensino superior, bem como motivos de entrada, atividades desenvolvidas para a comunidade académica e comunidade local, por parte das AE. Não foi possível localizar estudos que já tenham analisado esta temática, o que dificulta a comparação dos resultados obtidos, com realidades próximas.

O objetivo geral foi analisar o papel das AE do ensino superior, na promoção entre os seus membros, de uma cultura de participação cívica e perceber se a integração dos estudantes numa AE, tem influência na forma como estes se envolvem na comunidade académica e na comunidade local.

Considerando este objetivo, foram definidos como objetivos específicos: conhecer os objetivos e o funcionamento das AE de uma instituição de ensino superior; conhecer as atividades desenvolvidas pelas AE; identificar as motivações dos jovens para integrarem a AE; perceber a importância atribuída pelos estudantes às atividades desenvolvidas pelas

AE do ensino superior; analisar a relação entre os membros da AE e a comunidade académica; analisar a relação entre a frequência no ensino superior e a participação cívica dos membros da associação de estudantes; perceber se as atividades dinamizadas pelas AE valorizam e promovem a participação cívica dos estudantes; e aferir se a AE planeia e realiza atividades com ligação à comunidade local, ou seja, residente na cidade onde se insere a Escola.

Considerando os objetivos suprarreferidos, a opção metodológica escolhida foi de cariz qualitativa, alicerçada num estudo de caso, com recurso a técnicas mistas de recolha de dados, como descrito acima, na parte empírica.

Em relação ao primeiro objetivo, concluiu-se que as AE têm na sua génese, princípios que se interligam com o conceito de participação cívica e, este quadro de valores é importante, segundo Ferreira (2008) e Ferreira e Silva (2005), na avaliação da importância que as associações têm, na promoção da participação cívica dos seus associados, na medida em que naquelas mais viradas para a realização de atividades culturais ou desportivas, os associados não se demonstraram mais participativos.

Verificou-se também que todas as AE cumprem as disposições legais relativamente aos órgãos, ainda que, dois dos entrevistados assumam que as competências de cada órgão se encontram diluídas entre os membros, num argumentário que pretende dar a todos os membros o mesmo nível de envolvimento na AE, este aspecto de relativização das estruturas tradicionais é referido por Augusto (2008), como sinal da rutura que os jovens procuram fazer.

Foi possível identificar as motivações dos jovens para integrarem a AE, concluindo que os membros das AE se sentem motivados a fazer parte, porque querem representar os seus colegas, defender os direitos e interesses de todos (comunidade), com sentido de serviço, sendo estas características também referidas por Ferreira e Silva (2005) em relação aos jovens associados.

Considerando que a literatura apontava para jovens que se envolviam na sociedade, ou em associações, de forma seletiva e individual, porque reconheciam como importantes e interessantes para o seu “grupo”, realçamos que, tanto no questionário como na entrevista, os membros das AE afirmam que os jovens estudantes (seus colegas) aderem às AE com facilidade, o que, nos parece, demonstrar que valorizam o trabalho desenvolvido pelas AE.

A relação entre os membros da AE e a comunidade académica foi também analisada e os resultados demonstram que estes reconhecem que têm uma relação mais próxima com a comunidade académica (docentes, órgãos da IES e serviços de ação social e não docentes), graças à AE, e às atividades que a mesma possibilita.

Quanto às vantagens assumidas por todos de fazer parte da AE, concluímos que os membros reconhecem a aquisição de competências e de habilidades que foram adquiridas nesse processo e que lhes serão úteis no mercado de trabalho e na intervenção cívica, na sociedade e na comunidade académica, na linha do defendido por Fung (2003).

Neste ponto, assume-se a limitação da aplicabilidade dos resultados deste projeto, não podendo ser extrapolados para todas as AE do país, mas acreditamos que estes resultados demonstram que fazer parte de uma AE durante a frequência no ensino superior, tem influência direta e positiva na participação cívica dos seus membros. Todos os resultados, seja do questionário, seja da entrevista, apontam para a aquisição de uma maior consciência dos mecanismos formais de participação em sociedade, nomeadamente o contacto com entidades administrativas e privadas.

Apesar disto, os resultados também demonstraram que as AE não realizam atividades viradas para a comunidade local onde se inserem, apesar de ser expressivo em ambos os instrumentos aplicados, que todos reconhecem a importância dos estudantes e do Politécnico de Leiria, nas cidades onde se encontram. Apesar disso, os resultados do questionário e das entrevistas confirmam que há vontade de aproximação e que os membros das AE reconhecem a necessidade de envolver a comunidade local.

Também se percebe que não estão sensíveis, de um modo geral, para assumirem a promoção de comportamentos e atitudes relacionadas com a educação para a cidadania dos estudantes do ensino superior. Os dirigentes reconhecem que, no momento de planear e realizar as suas atividades, estas têm uma componente fortemente lúdica e pouco estruturada no sentido de passar conhecimentos ou de realizar atividades de voluntariado e participação cívica. Na ausência de estudos ou literatura relacionada com o tema, refere-se aqui o Livro Verde das IES (ORSIES, 2018), uma vez que recomenda que a IES em parceria com as AE, promova ações de educação para a cidadania.

Quanto a limitações podemos apontar o facto do estudo ter sido realizado durante o contexto pandémico (2020-2021, o que dificultou, de certa forma, a recolha de dados com

os inquiridos por questionário, nomeadamente em duas das AE analisadas, e não ser possível no tempo deste mestrado, aprofundar esta temática junto de outras AE do país, uma vez que temos consciência que há muitas diferenças entre AE, de acordo com o número de estudantes e até de acordo com as estruturas das próprias AE, que em muitas instituições são associações académicas, com uma realidade bem diferente em termos de áreas de atuação.

Quanto a linhas futuras, parece-nos que esta ausência de atividades vocacionadas para a promoção da educação para a cidadania, está relacionada com o cariz voluntarista e de carolice dos próprios estudantes, que não têm tempo para experienciar e refletir sobre as atividades passadas, presentes e futuras. Atrevemo-nos a dizer que estas fragilidades podem ser colmatadas através de apoios institucionais, seja do Estado, das autarquias ou das próprias IES, por forma a tornar as AE aliadas na luta contra o progressivo afastamento dos jovens do espaço social, com tudo o que isso representa de empobrecimento da democracia e da nossa sociedade.

Esperando que com esta investigação se tenha alcançado os objectivos propostos, tendo consciência da insuficiência bibliográfica em relação ao associativismo estudantil no ensino superior, nomeadamente no seu potencial enquanto promotor da participação cívica ativa dos estudantes, fazemos votos que este estudo seja o início de outros estudos que se complementem!

## BIBLIOGRAFIA

- Amaro, R. R. (1 de junho de 2003). Desenvolvimento — um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *Cadernos de Estudos Africanos*, pp. 35-70. doi:10.4000/1573
- Amorim, M. d. (2007). Cidadania e Participação Democrática. *Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia* (pp. 366-379). Florianópolis: s.d.
- Augusto, N. M. (2008). A juventude e a(s) política(s): Desinstitucionalização e individualização. *Revista Crítica de Ciências Sociais n.º 81*, pp. 155-177.
- Bocsi, V., Fényes, H., & Markos, V. (2017). Motives of volunteering and values of work among higher education students. *Citizenship, Social and Economics Education, Vol. 16(2) 117-131*. SAGE. doi:10.1177/2047173417717061
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. Oxford, Inglaterra: OxfordUniversity Press.
- Canotilho, J. J. (2018). *Direito Constitucional e Teoria da Constituição*. Coimbra: Almedina.
- Chankseliani, M., Qoraboyev, I., & Gimranova, D. (2021). *Higher education contributing to local, national, and global development: new empirical and conceptual insights*. Obtido de Higher Education 81:109–127: <https://doi.org/10.1007/s10734-020-00565-8>
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Cruz, M. B. (1990). A participação política da juventude em Portugal - As elites políticas juvenis. *Análise Social, vol. XXV*, pp. 223-249.
- Dores, S. A. (2016). Missão em Prol da Juventude: O Programa “Parlamento dos Jovens” no Algarve. Universidade do Algarve, Faro.

- DYPALL. (2018). *Analytical paper on Youth Participation*. Obtido de DYPALL Developing Youth Participation at Local Level: <https://dypall.com/wp-content/uploads/2019/08/Analytical-paper-on-youth-participation-Youth-Partnership-EC-CoE.pdf>
- Estanque, E. (2008). Jovens, estudantes e ‘repúblicas’: Culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 81, pp. 9-41.
- Esteves, L., & Abramovay, M. (2008). Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. *VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA*. Lisboa: s.d.
- Ferreira, E. (2019). *A Importância das Instituições de Ensino Superior no desenvolvimento regional de Portugal, tese de doutoramento não publicada*. Évora: Universidade de Évora.
- Ferreira, P. (2008). Associações e Democracia - Faz o associativismo alguma diferença na cultura cívica dos jovens portugueses? *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 57, pp. 109-130.
- Ferreira, P. M. (2016). A participação social e política. Coord. José Machado Pais, *Os jovens portugueses no contexto da Ibero-América* (pp. 93-108). Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.
- Ferreira, P. M., & Silva, P. A. (2005). *O Associativismo Juvenil e a Cidadania Política*. Obtido de Arquivo Português de Informação Social (APIS0017): <http://hdl.handle.net/10400.20/39>
- Finger, M., & Asún, J. M. (2003). *A Educação de Adultos numa encruzilhada - Aprender a nossa saída*. Porto: Porto Editora.
- Fortin, M.-F. (2009). *O Processo de Investigação - da concepção à realização*. LUSOCIÊNCIA - Edições técnicas e científicas, Lda.
- Fung, A. (2003). *ASSOCIATIONS AND DEMOCRACY: Between Theories, Hopes, and Realities*. Obtido de Annual Reviews Sociology: [www.annualreviews.org](http://www.annualreviews.org)
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Lisboa: Principia.

- Kiilakoski, T. (2020). *Perspective on Youth Participation - Finnish Youth Research Network*. Obtido de Dypall: <https://dypall.com/library/>
- Leitão, A. (2016). A Universidade e o desenvolvimento de competências-chave para o desenvolvimento sustentável . *Revista Eletrónica de Investigação e desenvolvimento, Vol 1, n.º 6*, pp. 37-55.
- Lobo, M. C., & Sanches, E. (2017). Os jovens perante a política: Mudanças e continuidades entre 2007-2015 - Cap 3. Em V. S. al.], *Geração Milénio? Um retrato social e político* (pp. 123-152). Lisboa: ICS - Imprensa de Ciências Sociais.
- Lobo, M. C., Ferreira, V. S., & Rowland, J. (2015). *Emprego, Mobilidade, Política e Lazer: Situações e Atitudes dos Jovens Portugueses numa perspetiva comparada*. Lisboa: Universidade de Lisboa ICS.
- Lucas, E., Mangas, N., Marques, J. P., & Nicolau, A. (s.d.). *A importância do ensino superior politécnico em Portugal para o desenvolvimento regional - o caso do Politécnico de Leiria*. Leiria.
- Macfarlane, B., & Burg, D. (2018). *Rewarding and recognising academic citizenship*. London: Leadership Foundation for Higher Education.
- Magalhães, P., & Moral, J. S. (2008). *OS JOVENS E A POLÍTICA - Um estudo do Centro de Sondagens e Estudos de Opinião da Universidade Católica Portuguesa*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Melo, P. M. (2015). *APRENDER A SER: Um Estudo em duas escolas portuguesas*. s.d.
- Nancy, J. (2016). *European Youth in 2016 - Special Eurobarometer of the European Parliament*. European Parliamentary Research Service.
- OCDE. (2007). *Higher Education and Regions: Globally Competitive, Locally Engaged*, <https://doi.org/10.1787/9789264034150-en>. Paris: OECD Publishing.
- ORSIES, O. d. (2018). *Livro Verde da Responsabilidade Social e Instituições de Ensino Superior*. Lisboa: PRESS FORUM, SA - Comunicação Social.

- Pais, J. M. (1990). A Construção Sociológica da Juventude - alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), pp. 139-165.
- Pais, J. M., Cairns, D., & Pappámikail, L. (2005). Jovens Europeus: Retrato da diversidade. *Tempo Social*. doi:DOI: 10.1590/S0103-20702005000200006
- Pedro, O., Lucas, E., Cadima, R., Neves, S., & Pinheiro, F. (2019). *O Impacto Económico do Politécnico de Leiria no Desenvolvimento da Região - Ano letivo 2017/2018*. Leiria: Politécnico de Leiria.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ribeiro, A., & Menezes, I. (2013). Participação cívica e política dos jovens europeus: Alienação ou tempos de mudança? Em *O não-formal e o informal em educação: centralidades e periferias : atas do I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação, III Encontro de Sociologia da Educação*. Braga: Universidade do Minho Centro de Investigação em educação.
- Roudet, B. (2004). Entre responsabilisation et individualisation: les évolutions de l'engagement associatif. *Lien Social et Politiques*, 51, pp. 17-27. Obtido em fevereiro de 2021, de <https://www.erudit.org/fr/revues/lsp/2004-n51-lsp758/008866ar/>
- Santos, F. R. (2013). *Indignados e à "rasca": Práticas e significados do activismo juvenil em tempos de internet*. Lisboa: Tese de doutoramento não editada, em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa.
- Saúde, S., Lopes, S., & Machado, F. (2017). A Sustentabilidade da Educação Enquanto Fator Promotor do Desenvolvimento Local: Reflexões a Partir do Estudo de Caso de um Município do Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, nº 48, pp. 55-69.
- Stohr, W. B. (Jul-Set de 1984). Changing External Conditions and a Paradigm shift in Regional Development Strategies. *Estudos de Economia*, vol. IV, n.º 4, pp. 461-485.

- Tocqueville, A. d. (2005). *A Democracia na América*. São Paulo: Martins Fontes.
- UE, U. E. (18 de dezembro de 2018). Estratégia da União Europeia para a Juventude 2019-2027. *Resolução do Conselho da União Europeia e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros reunidos no Conselho relativa ao quadro para a cooperação europeia no domínio da juventude*.
- Unidas, N. (setembro de 2015). *Objetivo de Transformar o nosso Mundo: a Agenda 2030, para um Desenvolvimento Sustentável*.
- Varela, A. (abril de 2009). *Jovens e Política: o papel da socialização na participação política. tese de mestrado não publicada*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de Caso - Planejamento e Método - 2ª edição*. Porto Alegre: Bookman.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### Guião de entrevista

Categories de análise	Subcategorias	Objetivos	Questões
Associação de estudantes	Organização e estruturas	Conhecer a organização e o funcionamento de uma AE	Como está organizada a Associação, com pelouros e núcleos? Quantos membros tem?
	Motivação para participar	Identificar as motivações de entrada;	Enquanto dirigente, quais são os motivos que levam os estudantes a envolver-se com a AE? Que vantagens há em pertencer à AE? ao nível da vertente social e académica (pública)? E que desvantagens encontras em pertencer a AE? Na qualidade de dirigente, quanto tempo por semana/mês dedicas às atividades da AE?
	Atividade desenvolvida pela AE	Perceber a importância atribuída pelos estudantes às atividades desenvolvidas pelas associações de estudantes do ensino superior; Conhecer as atividades desenvolvidas pelas AE	Na tua opinião, o que deve ser prioritário, como atividades, numa associação de estudantes?
	Desenvolver competências de participação cívica	Perceber se as atividades dinamizadas pelas AE valorizam e promovem a participação cívica dos estudantes; Analisar a relação entre a frequência no ensino superior e a participação cívica dos membros da associação de estudantes;	Considera que a AE é uma escola de participação cívica? A associação quando prepara uma atividade tem em conta uma vertente mais pedagógica, que transmita informação sobre forma de participar dos estudantes na vida da Escola/Politécnico?

Frequentar o Ensino superior		Analisar a relação entre a frequência no ensino superior e a participação cívica dos membros da associação de estudantes	Um estudo de 2017 indica que há cada vez menos jovens a participar em associações. Tendo em conta a tua experiência como dirigente, a associação tem dificuldade em captar estudantes para as suas atividades? Qual o papel que o Politécnico tem nas vossas atividades?
			Consideras que os estudantes estão mais disponíveis/mais recetivos para intervir na sociedade através de atividades isoladas e ocasionais, direcionada para uma atividade de voluntariado (ambiental, protesto político, p. exemplo)?
envolvimento na comunidade académica		– Analisar a relação entre os membros da AE e a comunidade académica	Qual o papel que o Politécnico tem nas vossas atividades? (igual em cima para outro objetivo) Na tua opinião, consideras que a AE deve promover iniciativas culturais? Que outras atividades identificas como atividades importantes de desenvolver? O livro verde das IES refere a importância das escolas em conjunto com as associações de estudantes desenvolverem atividades de promoção da educação para a cidadania. A AE da qual fazes parte promove atividades pensadas para isso? Ou atividades da equidade de género e da não discriminação?
atividades na comunidade local		Perceber se a AE planeia e realiza atividades que liguem os estudantes à comunidade local, ou seja, residente na cidade onde se insere a Escola	A associação tem um plano anual de atividades com atenção à cidade onde se insere, dá exemplos? nomeadamente criando parcerias com outras associações? O trabalho na AE mudou a tua relação com a comunidade onde a associação está inserida? Em que aspetos?

## APÊNDICE 2

### Consentimento Informado

Na qualidade de dirigente da Associação de Estudantes da Escola Superior de ( \_\_\_\_\_ ) do Politécnico de Leiria, declaro que aceito contribuir para o estudo subordinado ao tema “O Papel das Associações de Estudantes do Ensino Superior, na dinamização da participação cívica dos jovens estudantes: Caso de estudo – As associações do Politécnico de Leiria”, da autoria de Ana Zita Lopes Baptista de Oliveira, no âmbito do projeto de Mestrado em Ciências da Educação: Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário, ministrado pela Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria, do Politécnico de Leiria.

Foram-me transmitidos e compreendo os objetivos principais deste estudo, pelo que a minha participação é efetuada de forma totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Considerado que me foi dada, pela investigadora, a garantia de que os dados recolhidos a meu respeito, através da realização de uma entrevista semiestruturada, serão utilizados única e exclusivamente para esta investigação, dou o meu consentimento para que os mesmos sejam objeto de tratamento e processamento.

Leiria, \_\_ de julho de 2021

O/A Presidente da Associação de Estudantes da \_\_\_\_\_,

\_\_\_\_\_

A Investigadora,

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE 3

### Grelha da matriz de análise

Categorias de análise	Subcategorias	Excertos retirados da entrevista semiestruturada
Associação de estudantes	Motivação para participar	
	Atividade desenvolvida pela AE	
	Desenvolver competências de participação cívica	
envolvimento na comunidade académica		
atividades na comunidade local		

## APÊNDICE 4

Sinopse da entrevista realizada a Maria

Categorias / Subcategorias	Excertos da entrevista realizada
Envolvimento na comunidade acadêmica	também é uma vantagem de pertencer à associação, é o conhecer pessoas, é fazer amigos fora do contexto do curso, é conhecer várias pessoas, várias mentalidades, várias ideias, porque todos pensamos de maneira diferente. E também estar mais perto do professor, de perceber a posição deles, professores, não docentes, funcionários, tudo, técnicos.
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>Por vezes, é muito desafiador gerir um grupo de trabalho que não está motivado ou que não lhes apetece, e acabam sempre por ser os mesmos e as pessoas que estão sempre a trabalhar, também ficam frustradas, porque são sempre os mesmos, mas sim, senti muita dificuldade em trazer jovens, em trazer pessoas da escola, importadas.</p> <p>Temos malta que entra para o ensino superior, que não sabe o que é, o que faz uma associação de estudantes, talvez a falta de informação também seja um grande problema, tive pessoas a perguntar o que é que é um núcleo de estudantes, que é que eles faziam, o que é que é a Associação, ainda há aquela, que vem do secundário, porque muitas vezes nós entramos, fazemos meia dúzia de festas e é isto uma associação de estudantes, e pensam que a associação de estudantes do ensino superior é isto, fazem festas, e em Associações, talvez académicas, já se consegue perceber mais o que eles fazem, porque têm maior influência sobre o estudante e a informação corre mais depressa, quando são associações de estudantes por escola, por vezes acho que ainda é mais difícil passar essa informação, talvez a falta de informação, também seja um problema das pessoas perceberem o que é que é, uma associação, o que ela faz, seja estudante, seja de fora, mas tive muita dificuldade, depois também tive muita dificuldade em, isso mesmo, os alunos estarem motivados a participar nas atividades ou querer participar, por mais diversas que sejam, isto seja, quer sejam proporcionadas pela associação, pela escola. Por exemplo, um concurso de leitura, não querem, não querem.</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	aqui no ensino superior não tem muita volta a dar, eles têm de nos ouvir e ponto. Pode entrar por um ouvido a 100 e sair a mil, mas têm de nos ouvir e às vezes os estudantes não têm consciência disso, de que nós podemos lá chegar. Nós podemos realmente mudar a nossa escola.
Envolvimento na comunidade acadêmica	Nós realmente se nos unirmos, conseguimos fazer diferença nos problemas maiores e que importam realmente, que fazem a diferença. Muitas vezes, as diferenças ocorrem, mas o estudante como só cá está três anos, nem se apercebe dessa diferença.
Envolvimento na comunidade acadêmica	mas fizemos um rali, um rali tascas que tinha a parte da festa, mas depois tinham peddy papper, tinham que responder a questões sobre a cidade. E as pessoas muitas vezes vão, nem é pela bebida, é pela convivência com os colegas, pelo estar, pelo poder participar, com os amigos e conhecer. Então vão conhecer um pouco a cidade, porque temos pontos estratégicos, eles vão, e muitas vezes, os novos alunos também aderem muito bem a isto, não conhecem a cidade, tem de responder a questões se não, não passam à próxima fase. Isto acaba por ser muito interessante, são atividades que passa por dinamizar, em que eles se possam divertir e que ao mesmo tempo possam aprender e estar com os amigos, porque isto, acho que passa a voar, e então nós temos que dar aos nossos estudantes, maneiras em que se conheçam e interajam, seja entre anos, seja entre turma
Envolvimento na comunidade acadêmica	nós temos muita dificuldade em que os novos estudantes conseguissem criar laços com estudantes do segundo ano e do terceiro e mesmo os do primeiro ano, que se conseguissem conhecer melhor e por vezes estas atividades, até mesmo a praxe que não é, não é realizada pela associação de estudantes, pode proporcionar estes momentos, mas acho muito importante nós também, proporcionarmos certos momentos, como, nós tentámos fazer, mas com o COVID não deu, fazer sessões de cinema ao ar livre, por exemplo, ou aqueles buzz (questionários), em que as pessoas vão e têm que clicar no botão com as várias cores. Este são tipo de coisas em que as pessoas vão, se divertem, estão lá com amigos, acabam por também aprender alguma coisa por estas questões. E é bom para quem não gosta da praxe, por exemplo, porque a maior atividade que existe é a praxe, em que eles fazem muitas atividades, em que se conhecem uns aos outros, mas também as associações têm de proporcionar essas atividades para quem não gosta, né? E depois, acho que também é importante nós envolvermo-nos com as atividades que a escola já proporciona, ajudar a desenvolvê-las, a dinamiza-las, também publicitar, e também a dizer: “- Olhe, eu acho que a atividade é boa, mas podemos melhorar isto aqui, porque vai chamar mais estudantes”.

Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>papel fundamental de uma associação, para além das atividades todas que possam ser desenvolvidas, aqui também muito nas redes sociais, nós este ano focámos muito nas redes sociais, fizemos questionários do que é que as pessoas estão a fazer ou, por exemplo, do que foram os melhores momentos que passaram em Leiria, coisas que quando tudo passasse que gostariam de voltar a repetir, por exemplo, a porem fotografias de um momento em Leiria, que gostaram muito, aos finalistas, para tentarmos dinamizar muito as nossas redes sociais para os estudantes também tentarem desligar um pouco das aulas online e tudo mais, pois é, somente tudo o que seja bênçãos. Eu acho que é muito importante, porque são momentos que definem etapas, que estamos aqui a fechar um ciclo e acho que é muito importante haver estas atividades e que sejam dinamizadas.</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>pequeno momento de convívio que eles nos podem perguntar pelos professores, que aquela questão em que o professor é bom?, é mau? aquelas coisas entre estudantes. E acho que foi muito bom, e é uma coisa que eu gostava que se mantivesse, receber estudantes desta maneira. E depois é claro, para o ano, se houverem praxes presenciais, aqui mostrar os dois mundos, dar a conhecer aos estudantes a escola, e dar a conhecer também a praxe, “- Isto funciona assim, em cada curso é diferente, em cada escola é diferente”, receber os alunos da melhor maneira, em que se sintam integrados e possam saber a quem é que podem recorrer ou não, consoante o caso e também para começar a conhecer os restantes alunos, porque acho que é muito importante um aluno que entrou agora ou um aluno do segundo ano, poder falar com aluno do terceiro, têm mais experiência porque já passou, e assim consecutivamente.</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>associação, além destas atividades em que devem sempre participar, é nos conselhos da escola, nos Conselhos de Representantes, no Conselho Pedagógico, depois no Conselho Académico, no Conselho Geral do Politécnico, isto é muito importante porque é aqui que se fazem as grandes decisões, e é aqui que realmente, os estudantes têm grande impacto. Em cada Conselho, no Conselho de Representantes da nossa escola são cinco alunos que podem participar, no Conselho Pedagógico são oito alunos e aqui, o ideal é ser sempre um por cada curso, infelizmente, quase nunca isso acontece, né? Também temos depois o Conselho Geral ou Académico, estes são do Politécnico, e são órgãos onde todas as decisões são tomadas, desde o calendário escolar, quando é a eleição do diretor da escola, ainda há pouco tempo, foi a eleição do diretor para a nossa escola, que mudou da professora Sandrine, para o professor Pedro Moroso e os estudantes tiveram nesta escolha e puderam participar na eleição</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>não concordamos que este calendário seja feito assim, porque não nos vai beneficiar, vamos ser prejudicados. E é bom, membros da associação, estarem presentes nestes órgãos. Eu, neste momento, estou inserida nos quatro Conselhos e realmente é uma grande aprendizagem, consigo perceber onde é que eu posso ajudar aqui os meus estudantes. E mais do que fazer estas atividades para os estudantes, é mesmo participar nestes Conselhos, porque as atividades são essenciais, para que eles se divirtam, se conheçam, para que tenham a melhor experiência académica possível. Mas realmente para poder modificar dentro da sala de aula, é participar nestes Conselhos.</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>se tivesse tido um mandato, era uma das coisas que eu gostava, de me ter preocupado em fazer atividades em que “- ok, isto não pode ser, não pode ser só a parte gira de festas e atividades lúdicas, mas também de, o que é que podemos fazer para aumentar aqui a parte de conhecimentos”, como eles puderem participar nestes concursos de escrita, talvez a tipo de concurso, que eu acho muito importante, valorizei muito, fiz parte do júri neste concurso de escrita, e eles têm um livro com todos os textos que ganharam, “Prosa e Verso”, o tema deste ano era “A árvore”, foi a nossa escola que faz, está aqui o símbolo da nossa escola, novembro de 2020, e depois em parceria com a ESAD, fizeram pequenos desenhos para ilustrar os nossos textos. Eu acho que isto é fabuloso, porque está aqui a estimular outra parte, que muitas vezes, porque é assim, eu posso ter entrado para o curso de Educação social, mas a minha paixão pode ser escrever</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>Também gostava de ter feito algo direcionado para cada curso, atividades relacionadas com cada curso, seja conferências, também falar com os núcleos, ser a ponte, dar ideias que pudessem dinamizar, por exemplo, um dia da educação social e haver uma conferência com pessoas ilustres na área de educação social, noutro dia, na educação básica, no outro dia sobre desporto, porque isso também é importante, porque, às vezes existem conferências, mas as salas enchem muito depressa e não dá oportunidade para todos estudantes. Então se for para cada curso, é mais fácil, também era algo que gostava que tivesse sido desenvolvido, mas, infelizmente estávamos de mão atadas, mas seria muito importante, as conferências são atividades de grande aprendizagem, “atividades”, mas que são grandes aprendizagens e que se for com pessoas da área em que eu estou inserida, rapidamente me estimula a ir ver e era isto que também se pretendia, e foi abordado entre mim e os núcleos no meu primeiro mandato,</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>é verdade que temos a bênção, vamos conseguir juntar, mas talvez no próximo semestre já vamos conseguir juntar mais pessoas, fazer esse tipo de atividades com mais alunos e também professores.</p>
Envolvimento na comunidade acadêmica	<p>As atividades aqui também apelam à educação cívica que as pessoas devem ter e a preocupação, não foi possível</p>

Envolvimento na comunidade académica	na [parte] solidária, a nossa ideia era fazer uma parceria com a Cruz Vermelha, porque aqui é mais fácil dar diretamente, mas temos uma parceria com uma empresa, de formação, porque eles dão formação, porque não tem nada a ver com a nossa escola, por isso é que nós aceitámos, mas que complementa a formação que os estudantes queiram ter, mesmo durante a fase em que estão tirar a licenciatura, formações, por exemplo, de como lidar com a violência doméstica, por exemplo, aqui para serviço social e como tinham áreas da nossa escola, fizemos a parceria com eles, em que partilhamos nas redes sociais esta parceria, porque os nossos alunos ganham X% de desconto e então, nós vamos fazendo este tipo de parcerias. Quando também é mais benéfico para os nossos estudantes, esta foi uma delas, porque foi possível ser feita, e então, os nossos estudantes recebem 10% de desconto na inscrição e podem ser pequenos workshops, formações que eles dão e nós partilhamos nas nossas redes sociais para fazer publicidade.
Envolvimento na comunidade académica	Tive um grande desenvolvimento aqui, a nível disto, também o facto da maneira como agora, percebo melhor, o lado do professor, do diretor, e acabamos por ter uma perceção, a maneira como vemos o outro naquele posto é diferente, a maneira como vemos, talvez, os serviços académicos, a maneira como vemos uma pessoa que trabalha reprograma, as pessoas que trabalham na cantina
Envolvimento na comunidade académica	Se nós estudantes queremos chegar lá, nós também temos que ir à procura e sim, principalmente da nossa direção, da atual também, tanto da passada como da atual, há a preocupação com os estudantes, e em perceber que é que se pode fazer, porque nós somos a ponte. Há preocupação em perceber realmente o que é que os estudantes querem, o que precisam, o que é que está bem, o que está mal para nós e então, neste momento tenho muito boa relação com a direção, em que há aquela preocupação, de facto, de nos ouvir, de reunir.

## Sinopse da entrevista realizada ao Manuel

categorias / Subcategorias	Excertos da entrevista realizada
Associação de estudantes \ Organização e estruturas	para a mesa da Assembleia, são quatro efetivos e pode ser até três suplentes. Para a direção, são três efetivos e podem ir até x suplentes. Então essas minutas também ajudam e mandei o plano de atividades, é o último plano de atividades, que nós temos aprovado. Nós, este ano, não fizemos eleições por causa da Covid, portanto, só vou fazer eleições em setembro, mas já vai contar como 2021/2022.
Associação de estudantes	termos do movimento associativo, dizer-te que a realidade de Leiria pode ser muito diferente e é certamente da realidade de outros sítios. Depois, também nós em Leiria, no movimento associativo de Leiria, nós não participamos ativamente nas atividades desportivas nacionais. Existe uma federação, que é a Federação Nacional do Desporto Universitário, as associações de estudantes é que costumam gerir toda a questão do desporto e inscrevem os alunos na FADU e levam os alunos às competições e tudo mais. Nós em Leiria não fazemos isso porque o Politécnico de Leiria, nos Serviços de Ação Social, tem um gabinete de desporto que faz isso, então, é uma ação que nós não temos. Mas que se fores a Setúbal, a Lisboa, se fores ao Minho, Aveiro, todos eles, Coimbra, todos eles têm, todos eles fazem.
Associação de estudantes	Cada associação acaba por ter um pouco a sua filosofia e a sua forma de estar, depende muito também das fontes de financiamento que têm. Nós, em Leiria, recebemos um subsídio por parte do Politécnico de Leiria, não é assim, nada de extraordinário. Devemos estar a falar, talvez, de trinta e seis a trinta e oito mil euros anuais para todas as associações de estudantes repartidas pelo número de estudantes, há associações que recebem dez vezes mais que nós. Depois há possibilidade de nos candidatar aos apoios do Instituto Português do Desporto e da Juventude para a realização de várias atividades. Nós, em Leiria, tipicamente, temo-nos candidatado mais para a semana académica e receção, que são os eventos académicos maiores e, até é a associação de estudantes [...] que faz esse pedido. Mas é para dizer que, a nossa realidade, não pode ser projetada para a realidade nacional, porque, depois há associações que fazem muita coisa diferente.
Associação de estudantes	de associação para associação, as realidades podem ser muito diferentes. Isso também acontece aqui no politécnico, a AE (...) acaba por ter uma maturidade diferente, porque nós também vamos chumbando mais e vamos para ficando mais tempo na estrutura e a experiência que nós vamos adquirindo vai..., é muito diferente do que estruturas como a da AE (...) ou da (...), em associações em que todos os anos podem mudar os órgãos sociais, porque é normal. Então nós temos uma posição, uma postura e também somos a escola maior, isso também tem um impacto. Nós temos uma postura e uma forma de estar no associativismo em Leiria, um bocadinho diferente das outras associações.

Associação de estudantes \Organização e estruturas	tipo de atividades é que nós podemos fazer, nós, à semelhança da associação da ESECS, temos uma reprografia, nós temos um funcionário, portanto, nós fazemos o pagamento dos salários. Nós fazemos o pagamento dos impostos. Nós fazemos a compra a fornecedores, os pagamentos a fornecedores, toda a questão da reprografia, que é explorada pela associação de estudantes, nós agimos como se fôssemos entidade patronal, porque, efetivamente, somos.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Nós somos 33 elementos, com os suplentes. Já não somos porque, entretanto alguns terminaram o curso. Mas quando faço a lista, faço com 33 elementos.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Se cada um dedicar uma hora, haverá alturas em há um pico de trabalho e outros em que, na altura das avaliações ninguém aparece aqui ou os que estão aqui na associação, estão a estudar, estão a dedicar-se a estudar. Se cada um dedicar uma hora por dia, em média, era espectacular, mudava ao mundo. Infelizmente nem todos participam da mesma forma, aquilo que eu sinto e que é mais frequente é, eu se pedir alguma coisa, eles fazem, a malta faz. Mas, o que eu precisava mesmo era que eles organizassem o trabalho deles e tomassem a iniciativa e fizessem que as coisas acontecessem. Chegassem aqui e dissessem, Joel, no dia x tive uma reunião com a pessoa e estamos a pensar, fazer este protocolo pode ser?, sim senhor, está assente.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	já tentamos muitos modelos de organização dentro da associação, para tentar que (...) o trabalho estivesse mais distribuído e de certa forma não estar tão dependente de mim. É o que eu acabo por sentir é que quem depois está neste cargo, é que tem que tomar estas decisões e tem de gerir os seus colegas, acaba por ter de despende mais tempo para a associação de estudantes pode ser uma forma de não participar tanto, que eu acho também é uma cultura do nosso politécnico.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	temos muitos momentos de avaliação, com muitas aulas, muitas horas de aulas, muito mais do que numas faculdades, algumas universidades. E isso prejudica-nos também em toda a participação, em todos os níveis. Nós podemos falar dos núcleos de curso da associação, também acontece em todos os níveis. Eu penso que isso traz uma grande quebra para nós, porque temos de dedicar muito tempo à escola.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Nós isso não temos, temos uma proposta de estatuto para fazer uma associação académica em Leiria, onde queremos começar a integrar isso.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	nós na associação temos os núcleos de curso, é um núcleo por cada licenciatura, estes núcleos integram também os estudantes dos TESP's e dos mestrados nas áreas científicas associadas a essa licenciatura, nós temos uma lista que vai variando. Os cursos TESP também vão variando, os mestrados, vão abrindo, vão fechando, portanto vai variando, as licenciaturas é que são coisas mais homogéneas. Pode ir até quinze elementos.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	núcleo faz parte da associação? (...) são estruturas da Associação de estudantes, somos nós que promovemos as eleições dos núcleos, depois também temos os núcleos temáticos, que são muito esporádicos, e tem um fim muito próprio, vamos imaginar, temos um grupo de alunos que quer promover um encontro ou uma atividade de Jogos de Tabuleiros, então vai à associação de estudantes, e nós criamos esse núcleo temático para esse fim.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	temos algumas entidades externas, como Erasmus Students Network, são externas à escola, têm as suas próprias estruturas, (...) depois internamente, se alguém dessa estrutura precisar de um auditório, o politécnico tem que cobrar o valor. Se nós fizermos um núcleo temático com os mesmos estudantes que estão nesse grupo, já é o núcleo da Associação de Estudantes, portanto, é como se fosse a associação de estudantes a fazer, e aí já pode ir de borla, é como, vamos imaginar, se a Erasmus Students Network precisar de uma sala para reunir com os estudantes internacionais, é com os nossos estudantes, mas como se fosse a estrutura externa, a escola legalmente não podia, como é um núcleo temático da associação, já pode
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Aquilo que nós temos na Associação Académica previsto, é permitir que os antigos estudantes continuem a fazer parte destas estruturas, porque só assim é que nós vamos conseguir implementar algumas coisas
Associação de estudantes \Motivação para participar	há um afastamento mesmo muito grande entre os estudantes de todo o movimento associativo é nacional. É uma das razões que está a levar as associações de estudantes a deixarem de ser associações, para serem académicas, têm menos estudantes, a representar mais estudantes e tem a ver com este afastamento.
Associação de estudantes \Motivação para participar	Faz parte da vida do estudante, [organizar as festas], faz parte da experiência enquanto estudo. Mas, aquilo que me apaixonava verdadeiramente, era resolver os problemas na sala de aula, toda a parte pedagógica

Associação de estudantes \Motivação para participar	a par da associação de estudantes, elaboramos listas ao conselho pedagógico da Escola, o Conselho Académico do Politécnico, por exemplo, onde nós vamos discutir os regulamentos de avaliação, nós vamos discutir os planos de estudos. Nós, muitas vezes, estamos aqui na associação de estudantes a emitir uma segunda opinião do assunto que já estivemos a discutir no atual e os membros da associação acabam por fazer parte destes órgãos.
Associação de estudantes \Motivação para participar	se perguntasse aqui aos meus colegas, uns diziam, porque me convidaste, e eu gostava de ver como é que funcionava, porque eu gostava de participar na organização da semana académica, outros diziam porque eu gostava mais da parte do emprego e do empreendedorismo, estou mais ligada à gestão e gostava muito da relação mais próxima com as empresas.
Associação de estudantes \Motivação para participar	O que nós sentimos é que os estudantes são cada vez mais individualistas, têm um bocadinho mais dificuldade nas relações pessoais, não compreendem as vantagens, ou melhor, não sei se é por eles não compreenderem a vantagem de estar numa associação e aquilo que pode fazer para a formação deles ou se eles acham que não tem capacidades para estar numa associação, às vezes acho que pensam, não sou capaz, aquela pessoa é que tem o perfil para...
Associação de estudantes \Motivação para participar	a grande vantagem, é fez a capacidade no telefone resolver um problema. Essa é maior delas todas.
Associação de estudantes \Motivação para participar	A grande desculpa é sempre isso dá demasiado trabalho e eu não tenho tempo. Estou focado no meu curso, e nós tentamos dizer não, isto dá para conciliar tudo. Então há pessoas que passam na associação e que passam pelo os órgãos todos e fazer o curso com altíssimas médias dentro do prazo, organizam as atividades na mesma, não tem a ver como isso. Eu sinto que realmente há menos disponibilidade dos estudantes em participar, porque há menos vontade em trabalhar num espírito coletivo.
Associação de estudantes \Motivação para participar	Também não é fácil estar num cargo e sermos suscetíveis a apontarem-nos o dedo, e a falar em nós, agora com as redes sociais, acontece mais a menos. Não sei, toda a gente, tem uma opinião, são qualquer coisa e nós somos alvos de críticas e nem toda a gente é capaz de lidar com isso e se sente confortável com isso.
Associação de estudantes \Motivação para participar	Na praxe pode ter reduzido um pouco, depois da questão do Meco. Mas, ainda assim, acho que há uma grande maioria que quer participar na nessas dinâmicas e nessas atividades. Agora depende do tipo de atividade. Se organizar um curso de formação sobre como fazer um CV, eu sei que vou ter pouca gente, se eu organizar um curso sobre como é que é a sua primeira reunião para o primeiro emprego, sei que vou ter pouca gente. Se eu tentar organizar o núcleo temático, esteja voltado para o voluntariado, e tudo mais, eu vou ter muito pouca gente, é difícil. Se for para um evento esporádico, com uma festa, uma coisa que, isto é o que eu acho que é grande diferença com os milleniums, com estas novas tecnologias, é que procuramos sempre aqueles eventos que nos tragam grandes sensações, naquele momento, vamos ter muita gente. E se nós organizarmos algo, seja uma festa, que seja aquele momento, nós vamos ter, há aquela questão, como é que é? é o medo de perder uma atividade, que tem um termo inglês, mas em que basicamente, é até se faz estudos que as pessoas terem medo de perder alguma coisa "fear of missing out".
Associação de estudantes \Motivação para participar	E quando nós passámos a ter as formações apenas a três anos, é um lusco fusco. Chegas, és caloiro, não conheces nada, nem ninguém, a tua última preocupação é participar numas coisas destas, chegas ao segundo ano, se não estiveres a pensar em ir de Erasmus, podes começar a envolver, no terceiro ano, já estás preocupado em acabar o curso, em acabar o estágio, estás preocupado com as cadeiras que deixaste para trás. Portanto, acaba por ser muito, muito difícil.
Associação de estudantes \Motivação para participar	há assuntos que são, são gatilhos e que fazem com que isto mude um bocadinho, há assuntos em que tu vês que a malta mexe mesmo com eles, por exemplo, as questões ambientais é um assunto que mexe, que promove o interesse na discussão, igualdade de género?, sim, identidade de género?, sim, orientação sexual?, sim, não tanto se calhar como na década de noventa. É mais agora a identidade de género, do que a orientação sexual. Mas, ou seja, às vezes é preciso na associação de estudantes, e eu já cá estou há alguns anos, portanto, também é ouvir a malta nova, é perceber o que é que interessa aos jovens. Claro que, assim que eu, aquilo que se calhar fazia sentido há cinco anos atrás já não é o mesmo de agora, a Greta veio mudar muita coisa, muitas mentalidades. E esta nova malta que vem, tem uma preocupação diferente nestes pontos.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	tipo de atividades é que nós podemos fazer, (...), temos uma reprografia, temos um funcionário, portanto, fazemos o pagamento dos salários, fazemos o pagamento dos impostos. Nós fazemos a compra a fornecedores, os pagamentos a fornecedores, toda a questão da reprografia, que é explorada pela associação de estudantes, nós agimos como se fôssemos entidade patronal, porque, efetivamente, somos. E depois tem toda a vertente da associação naquilo que é a responsabilidade da associação junto dos estudantes.

Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	é a organização das atividades lúdicas, tipicamente a semana académica, recepção e outras festas que a gente possa fazer, chegámos a organizar festas de recepção aos estudantes, aqui na escola. Já organizamos jogos de vídeo lá em baixo no Terreiro. Depois, temos a questão toda pedagógica, ou seja, tudo o que acontece numa sala de aula e que pode gerar um conflito entre um estudante e um docente, nós podemos ser chamados a intervir. que é a nossa principal ação, que é onde o estudante não consegue mesmo chegar e não consegue mesmo resolver.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Nós organizamos algumas atividades desportivas, o desporto de alta competição, está a cargo dos serviços de ação social, mas por exemplo, um torneio de matraquilhos, organizamos, setas ainda não organizamos, mas queremos, torneio de pingue pongue também queremos organizar, não organizámos por causa do COVID, já comprámos a mesa de pingue pongue (...), torneios de basquete, organizamos. Depois o Politécnico, no setor Desporto, organizam torneio dentro da instituição, escola contra escola e nós é que fazemos, digamos, as eliminatórias para levar a equipa que representar a nossa escola nesse torneio interno, e acaba por ser uma dinâmica muito nossa.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	quisemos inserir aquilo que era responsabilidade social e ambiental na escola, começamos a olhar para a escola, para a infraestrutura da escola. Temos uma direção que tem essa abertura e (...) promovemos uma reunião, foi a primeira reunião entre o Instituto Politécnico de Leiria, a escola e a Valorlis, que a entidade que faz a recolha dos resíduos aqui na região.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	todos os anos, organizamos alguma atividade de raiz social. Posso dizer, este ano, apesar de estarmos confinados, tivemos de pagar uma multa por causa da reprografia, por causa de umas cópias dos livros e deram-nos a escolher, pagaram a multa ou entregar a uma entidade ou IPSS. Nós escolhemos o Lar Santa Isabel, com quem trabalhamos e a quem nós fizemos esse donativo. O núcleo de curso de engenharia informática, todos os anos organiza uma Lan Party, nós colaboramos e juntamos sempre cerca de três toneladas de alimentos para dar ao centro de acolhimento de Leiria, que faz parte da Igreja, eles trabalham muito com os sem abrigos.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	há uns anos, a dois ou três anos, trabalhámos com a Caritas jovem, a Caritas jovem tinha um programa, onde davam explicações a crianças, um contexto muito especial, mesmo com crianças, que vinham, estavam nas residências que a Igreja tem dos refugiados. Nós como temos uma reprografia junto dos nossos fornecedores, compramos algum material escolar para estes jovens, depois chegámos junto à comunidade académica e dissemos, por cada cinco euros que juntarmos, nós conseguimos atribuir uma mochila, uns cadernos, umas canetas, uns lápis, umas borrachas, e umas afiadeiras, umas coisas assim e conseguimos dar condições para, mas uma criança do ensino primário de poder ir para a escola e estudar.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Nós também enquadrámos em tudo aquilo que é solicitado pela direção, a lei do associativismo, define algumas coisas, por exemplo, tudo que sejam planos de estudos que só foram alguma operação, nós emitimos parecer, tudo o que seja o regulamento da avaliação, nós emitimos parecer, relatórios de atividades à escola, nós emitimos parecer horários de funcionamento dos edifícios, horários das bibliotecas, todas as situações em que a direção da escola nos solicita o parecer, um calendário escolar. Nós acabamos por analisar essa documentação toda e também parecer sobre essas atividades e dinâmicas.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Ir a uma reunião, por exemplo, é uma reunião onde vai estar um presidente da Câmara, onde vai estar o Presidente do Politécnico, que tens de ir lá discutir o horário do funcionamento dos autocarros. Isso implica-te uma preparação, mas acima de tudo, aquele contacto, é deixar de ter o medo, depois de ter a experiência uma primeira vez, uma pessoa percebe que não é um bicho de sete cabeças, mas deixar de ter o medo de estar sentado com um presidente de Câmara, um Presidente de uma instituição pública e lidar com o problema, dizer não, este nosso problema com os horários dos autocarros
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Nós temos três associações de estudantes do ensino superior politécnico em Leiria, nós temos mais estudantes, nós temos cerca de seis mil estudantes, temos muito mais estudantes do que as outras escolas juntas, mas mesmo assim é muito difícil nós falarmos com propriedade, em representar os estudantes, porque existem outras duas escolas, existem outras duas associações de estudantes e eles também têm a mesma autoridade do que nós a representar os colegas deles. Se eu vou uma reunião de câmara, nunca posso falar pelos estudantes de leiria, falo pelos estudantes da minha escola! Isso também faz com que o nosso envolvimento seja sempre muito do género: - "Eu gostava de me comprometer, mas não posso comprometer ser forte nos
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	é de um apoio para criar atividades, criar dinâmicas que façam com que os alunos gastem energia. Porque ser jovem, com vinte anos, estar numa cidade, ter uma energia própria da juventude, e a única coisa que tu tens para fazer estressar com as aulas e estudar, a alternativa obviamente é ir para os copos à noite, porque a única coisa que há para fazer!
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Se nós estivermos a falar das atividades desportivas pode ser mais difícil? Sim, mas quando nós falamos atividades lúdicas, seja nas nossas festas, os nossos arrais, seja no âmbito da praxe, na semana académica, na recepção, nós temos, nós temos tido a mesma participação.

Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	associação desenvolver em termos atividades? para os estudantes que estão no último ano e precisam e vão para o mercado de trabalho, costumamos organizar com a Spark agency organizamos o pitch bootcamp, que é uma dinâmica vêm várias empresas, à escola e podem sentar à mesa com os alunos que estão inscritos e durante ali cinco minutos estão numa conversa, tem uma relação com a empresa, mas tem também uma oportunidade de receber um convite trabalhar.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	uma bolsa de emprego temporário, part time, para que os estudantes pudessem efetivamente ter algumas ofertas do trabalho, com alguns parceiros, conseguimos, por exemplo, com o MacDonalds, vão enviando, nós temos um placar aqui na escola e colocamos.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	na parte cultural nós já pensamos, e isto chegou até a ser aprovado, mas tarde e más horas. (...). A Camara aprovásse (...) na Assembleia Municipal, que os estudantes do Ensino Superior naquele ano, durante uma semana, por exemplo, não pagavam as idas aos museus aqui da cidade. É nós, gostávamos disso. Aliás, isso já tinha surgido numa reunião com ela, já tínhamos falado disso. Nós tínhamos todo o interesse, mas queremos que isso aconteça nas primeiras semanas de aulas, quando nós temos disponibilidade para levar os caloiros a conhecer estes espaços, fazemos um peddy papper pela cidade, e dizíamos assim: “- Olha, atenção que nos postos tens que dizer o que é que está no placar do Museu de Leiria, dizer o que é que está escrito na placa do Castelo de Leiria.”, e os alunos acabam por ir e acabam por conhecer.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	depende muito de quem vem para os órgãos sociais. Têm muitas sensibilidades, faço uma lista, trinta e três alunos, convido uma série deles, o que é que vocês gostavam de organizar depois, depende. Há vertentes que têm que estar, nós temos que continuar a gerir a associação, a reprografia, temos que continuar a organizar a semana académica e a receção ao caloiro, são os grandes eventos académicos. Tem um impacto muito grande na vida dos estudantes, marcam o início, marcam o fim do percurso académico. Temos que continuar a representar os estudantes naquilo que são os conflitos nas salas de aulas e naquilo que é toda a questão pedagógica, que pode ter um impacto brutal e o resto pode variar um pouco. o gabinete da sustentabilidade ambiental, pensámos(...) ter dispensadores de água na escola. Os estudantes podem encher as garrafas que trazem de casa, então chegamos ao pé da direção da Escola e a Associação de estudantes quer ter estas máquinas na escola, e a direção da escola: “Ótimo. Parece-nos uma boa ideia, gostamos tanto da ideia, que até é a própria direção da escola que vai oferecer a manutenção, as máquinas que nós temos é um aluguer com uma empresa.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	ter alguma relação com as empresas, querem fazer patrocínios, querem fazer descontos pelos produtos dos nossos estudantes. (...). Nós estamos disponíveis, fazemos essa publicidade junto dos estudantes. Definimos mais ou menos que tipo de produtos é que podem ter a um preço reduzido pelo estudante que achamos que faz sentido.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	temos participado na elaboração da legislação nacional. Vamos ao ENDA – Encontro Nacional de Direções Associativas, ontem estive na assembleia da Federação Nacional de Associações de Ensino Superior Politécnico, é uma federação que engloba as associações de estudantes dos politécnicos e nós emitimos parecer, ajudamos a elaborar as nossas propostas de leis e as nossas moções para os parlamentares, para o ministério, para o governo, para o CCISP, para o CRUP, para quem for, sobre situações que sejam muito próprias da vida estudantil. Bolsas, alojamento, alimentação, tudo, tudo.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Nós fazemos uma publicação a dizer: “- Olha, participa no ato eleitoral para Presidente da República” (...) fazemos é uma publicação a apelar ao voto, informar os estudantes que estão deslocados, como é que podem requerer o voto antecipado ou pelo correio? É essa a dinâmica que temos tido mais.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Temos um setor do desporto, então nós acabamos por ter uma relação próxima com estas várias entidades, também para nos facilitar na nossa dinâmica da associação, temos um estudante que é carenciado, um colega chega aqui a dizer que tem um amigo que anda a passar fome, para tudo, é prioritário
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Foram iniciativas que surgiram das reuniões que nós tivemos com o setor da alimentação, podemos procurar hábitos mais saudáveis no bar, comidas alternativas, começou a haver fruta laminada, haver sopa no bar. Portanto, são dinâmicas próprias que acabam por ser naturais da associação de estudantes. Então, acabamos por ter uma relação muito próxima com serviços de ação social.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	O desporto não é exceção, eu há pouco referia o torneio Interescolas é organizado pelo setor do desporto, mas nós aqui organizamos a as eliminatórias. Neste momento, estamos a colaborar com eles para criar uma dinâmica dos jogos online, já tivemos uma primeira reunião e então em setembro vamos começar a criar eliminatórias dentro das escolas, para depois fazermos uma equipa que represente o Politécnico de Leiria, nos campeonatos universitários, na FADU, e sempre em parceria com o setor do desporto, portanto, temos muito esta dinâmica com os SAS.

Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	temos relação mais com o Pró-Presidente que está mesmo destinado às associações estudantes e à relação com os estudantes que é o Doutor Miguel Jerónimo, que tem também a cargo o projeto 100% In, é um projeto que visa a inclusão dos estudantes, portanto também trabalhamos com ele nesse sentido, ainda esta semana, ontem, junto com o provedor do estudante, mandamos uma série de recomendações sobre os procedimentos para o estatuto de estudante com necessidades educativas especiais.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	também com os serviços académicos, porque há muita questão que passa pelos serviços académicos e nós temos que ter uma relação com eles, (...) nas matrículas, havia a modalidade de fazer as matrículas presenciais e a associação de estudantes da B lá estava, a apoiar os serviços académicos nas matrículas, (...), nós tínhamos três, quatro, cinco e seis membros da associação de estudantes a ajudar a preencher os inquéritos aos novos alunos, (...), que chegavam e tinham logo algum contacto com os estudantes mais velhos,
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	E o que é que o núcleo faz?, é um bocadinho o que a Associação de estudantes faz, mas muito ligado ao curso. Portanto, jantares de curso, alguns promovem a questão das batatas, nós estamos a falar, no [engenharia] ambiente nos laboratórios precisam, mecânica, nos laboratórios precisam, automóvel também precisa.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	olha, nós queremos avançar com uma atividade de voluntariado”, eles dizem, mas nós vamos fazer um compromisso com um lar de idosos, vocês percebem o choque que é para um idoso, se todas as semanas a terça-feira está com um jovem, e se de repente o jovem desaparece, o impacto que isso tem para essa pessoa, portanto mais vale nem sequer começar, se não houver um compromisso em que nos garantam durante seis meses, isto vai acontecer. E pronto, e são as dificuldades que a gente tem sentido com esta questão do compromisso, depois também, o que é que a gente sente muito aqui?
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	Nós agora estamos a organizar a bênção dos finalistas. Os estudantes sentem que têm o direito à bênção dos finalistas, mas ninguém sente que tem o direito de organizar, ela tem que acontecer, e alguém tem que fazer, milagrosamente ela tem que acontecer, pois..., e nós sentimos isso um bocadinho isso em tudo.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	Nós queríamos muito ter feito parte da organização do primeiro desfile pride em Leiria. Nós estávamos a tentar que a organização fizesse no início do ano letivo, mas queriam fazer no final de agosto, na primeira semana de setembro, se fosse na última semana de setembro, já os nossos estudantes podem participar.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	a grande vantagem, é ter a capacidade de pegar no telefone resolver um problema. Essa é maior delas todas. O facto de organizarmos atividades e de lidarmos com pessoas e termos aquele... Ir a uma reunião, por exemplo, é uma reunião onde vai estar um presidente da Câmara, onde vai estar o Presidente do Politécnico, que tens de ir lá discutir o horário do funcionamento dos autocarros. Isso implica-te uma preparação, mas acima de tudo, aquele contacto, é deixar de ter o medo, depois de ter a experiência uma primeira vez, uma pessoa percebe que não é um bicho de sete cabeças, mas deixar de ter o medo de estar sentado com um presidente de Câmara, um Presidente de uma instituição pública e lidar com o problema, dizer não, este nosso problema com os horários dos autocarros
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	[uma atividade] requer inscrições, obrigou a trabalhar em equipa, a ir procurar as soluções, o que já existe, a ter que inventar e relacionarem-se depois, com um terceiro, neste caso, com os bares para efetivamente negociarem a atividade. Isso dá uma dinâmica, para um estudante, pode ser uma mais valia para o mercado de trabalho, certamente que é, porque torna o estudante quando licenciado, muito mais disponível e já sem alguns medos que quem vai para um primeiro trabalho ainda tem.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	Este ano, tivemos elementos da associação de estudantes a apresentar duas propostas para o Orçamento Participativo Jovem, coisas que estão muito associadas aos estudantes do ensino Superior, são situações, uma delas tem a ver com uma proposta de criar uma sala de estudo na cidade que esteja aberta vinte e quatro horas, sete dias por semana. E a outra tem a ver com a instalação de iluminação pública junto das residências, dos estudantes que não existe. E são formas, nós também sentimos, podemos estar no município
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	Não envolvemos os estudantes, agora, também é um contexto complicado para nós, conseguirmos envolver os estudantes nesse aspeto, mas não os envolvemos, porque também nós tivemos conhecimento do Orçamento participativo, já estávamos numa fase muito próxima da entrega das propostas, então acabei por ser só eu, falei aqui com alguns colegas da direção e dos órgãos sociais, não só da direção sobre propostas possíveis. E chegámos a essas duas, que, são problemas já conhecidos, identificados pela Associação de estudantes.

Frequentar o Ensino superior	Passa por nós olharmos para a associação, não como algo que é passageira e só para as pessoas que estão aqui, mas que tenha um impacto diferente e também um impacto diferente na cidade, que é isso que nos falta muito aos estudantes do ensino superior. Estamos muito fechados nesta parte académica, saímos muito pouco para a cidade e quando saímos é só para ir beber uns copos aos bares, e somos acusados de fazer barulho e estamos associados a isso e tudo o resto parece que não existe, então é o nosso próximo desafio é esse.
Frequentar o Ensino superior	para alguém está a tentar descansar, para no dia a seguir, às nove da manhã. Estar a trabalhar não lhes interessa saber que ao final de um ano, os estudantes têm um impacto de noventa milhões de euros na economia local.
Frequentar o Ensino superior	é de um apoio para criar atividades, criar dinâmicas que façam com que os alunos gastem energia. Porque ser jovem, com vinte anos, estar numa cidade, ter uma energia própria da juventude, e a única coisa que tu tens para fazer estressar com as aulas e estudar, a alternativa obviamente é ir para os copos à noite, porque a única coisa que há para fazer!
Frequentar o Ensino superior	temos participado na elaboração da legislação nacional. Vamos ao ENDA – Encontro Nacional de Direções Associativas, ontem estive na assembleia da Federação Nacional de Associações de Ensino Superior Politécnico, é uma federação que engloba as associações de estudantes dos politécnicos e nós emitimos parecer, ajudamos a elaborar as nossas propostas de leis e as nossas moções para os parlamentares, para o ministério, para o governo, para o CCISP, para o CRUP, para quem for, sobre situações que sejam muito próprias da vida estudantil. Bolsas, alojamento, alimentação, tudo, tudo.
Frequentar o Ensino superior	Da parte para a sociedade, eu acho que quem passa pela associação, pelos órgãos sociais, tem uma aprendizagem nesse sentido. É inevitável, é inevitável, a não ser que a gente esteja mesmo muito fechado dentro da escola. É inevitável, acabar por haver uma relação com a sociedade, e com a cidade. Quem passa por aqui aprende que tem que pagar impostos, aprende o que é que são os impostos, aprende o que é o IVA. São coisas que fazem parte, quando nós estamos a realizar uma atividade essa parte, faz toda parte, e perceber que existe aquele Conselho, que existe o orçamento participativo, para nós chegarmos a este fim, temos que passar por estes passos todos, e temos que nos relacionar com esta entidade, com aquela entidade, queres organizar um arraial, tens de pedir um parecer à PSP, aliás, temos uma relação próxima com a polícia, por causa das atividades, das dinâmicas, e interessa-nos, eles é que sabem as queixas dos alunos, também perceber da parte deles, como é que as coisas estão. E quando nós temos alguma atividade, nós informamos. Quem acaba por estar nos órgãos sociais acaba por ter essa vertente.
Frequentar o Ensino superior	a nossa relação com o politécnico é a vários níveis. Nós temos que ter uma relação, para começar, com a direção da escola. Tem de ser, por causa de toda a dinâmica que acontece dentro da escola. Se houver algum problema numa sala, porque a sala está danificada, nós temos que falar com a direção da escola para reparar. Se os estudantes se queixarem de um professor, temos falar com a direção da escola. Temos uma aproximação muito grande pela escola,
Frequentar o Ensino superior	outro presidente acabava por ter uma relação próxima com o provedor do estudante, também tem como responsabilidade criar estes laços com as associações de estudantes. E o atual provedor conseguiu fazer isso, eu acho que ele foi o grande motivo para que as atuais associações se deem tão bem umas com as outras. Portanto, nós acabamos por ter uma relação muito próxima com ele, também na gestão daquilo que são os conflitos, que depois não conseguimos resolver com a direção da escola e temos que recorrer à instância superior.
Frequentar o Ensino superior	Foram iniciativas que surgiram das reuniões que nós tivemos com o setor da alimentação, podemos procurar hábitos mais saudáveis no bar, comidas alternativas, começou a haver fruta laminada, haver sopa no bar. Portanto, são dinâmicas próprias que acabam por ser naturais da associação de estudantes. Então, acabamos por ter uma relação muito próxima com serviços de ação social.
Frequentar o Ensino superior	também com os serviços académicos, porque há muita questão que passa pelos serviços académicos e nós temos que ter uma relação com eles, até porque agora, com isto, covid, não aconteceu, mas as matrículas, havia a modalidade de fazer as matrículas presenciais e a associação de estudantes da (...) lá estava, a apoiar os serviços académicos nas matrículas, eles assim conseguiam dispensar apenas um funcionário, nós tínhamos três, quatro, cinco e seis membros da associação de estudantes a ajudar a preencher os inquéritos aos novos alunos, o que era muito bom, para os novos alunos, que chegavam e tinham logo algum contacto com os estudantes mais velhos,

Frequentar o Ensino superior	E quando nós passámos a ter as formações apenas a três anos, é um lusco fusco. Chegas, és caloiro, não conheces nada, nem ninguém, a tua última preocupação é participar numas coisas destas, chegas ao segundo ano, se não estiveres a pensar em ir de Erasmus, podes começar a envolver, no terceiro ano, já estás preocupado em acabar o curso, em acabar o estágio, estás preocupado com as cadeiras que deixaste para trás. Portanto, acaba por ser muito, muito difícil.
Frequentar o Ensino superior	Nem precisas perguntar o resto. Sim, Sim, nós tínhamos uma prática de bacharelato mais licenciatura, cinco anos, ninguém fazia o curso em cinco, era sempre seis, sete, e isso fazia com que as pessoas se conhecessem, houvesse uma relação completamente diferente, e havia depois mais predisposição para participar nos órgãos associativos, precisamente pela diferença que isso fazia. Agora, como é tudo muito rápido, muito intenso, muito exigente também em termos académicos, e também a maturidade é diferente. Tenho um irmão mais velho, é seis anos mais velho do que eu, acho que a geração dele fazia tudo, andavam nas escolas básicas, e no quinto ano, no sexto ano tinham que ter a rádio da escola. E a minha geração já não foi tão assim, e as que vem agora são muito mais individualistas, mas pronto, há que ter esperança.
Envolvimento na comunidade académica	quisemos inserir aquilo que era responsabilidade social e ambiental na escola, começamos a olhar para a escola, para a infraestrutura da escola. Temos uma direção que tem essa abertura e começamos a pensar o que é que nós podemos fazer aqui para melhorar um bocadinho a condição ambiental do nosso planeta? Ainda esta semana promovemos uma reunião, foi a primeira reunião entre o Instituto Politécnico de Leiria, a escola e a Valorlis, que a entidade que faz a recolha dos resíduos aqui na região.
Envolvimento na comunidade académica	todos os anos, organizamos alguma atividade de raiz social. Posso dizer, este ano, apesar de estarmos confinados, tivemos de pagar uma multa por causa da reprografia, por causa de umas cópias dos livros e deram-nos a escolher, pagaram a multa ou entregar a uma entidade ou IPSS. Nós escolhemos o Lar Santa Isabel, com quem trabalhamos e a quem nós fizemos esse donativo. O núcleo de curso de engenharia informática, todos os anos organiza uma Lan Party, nós colaboramos e juntamos sempre cerca de três toneladas de alimentos para dar ao centro de acolhimento de Leiria, que faz parte da Igreja, eles trabalham muito com os sem abrigos.
Envolvimento na comunidade académica	Se nós estivermos a falar das atividades desportivas pode ser mais difícil? Sim, mas quando nós falamos atividades lúdicas, seja nas nossas festas, os nossos arrais, seja no âmbito da praxe, na semana académica, na receção, nós temos, nós temos tido a mesma participação.
Envolvimento na comunidade académica	Agora depende do tipo de atividade. Se organizar um curso de formação sobre como fazer um CV, eu sei que vou ter pouca gente, se eu organizar um curso sobre como é que é a sua primeira reunião para o primeiro emprego, sei que vou ter pouca gente. Se eu tentar organizar o núcleo temático, esteja voltado para o voluntariado, e tudo mais, eu vou ter muito pouca gente, é difícil. Se for para um evento esporádico, com uma festa, uma coisa que, isto é o que eu acho que é grande diferença com os milleniums, com estas novas tecnologias, é que procuramos sempre aqueles eventos que nos tragam grandes sensações, naquele momento, vamos ter muita gente. E se nós organizarmos algo, seja uma festa, que seja aquele momento, nós vamos ter, há aquela questão, como é que é? é o medo de perder uma atividade, que tem um termo inglês, mas em que basicamente, é até se faz estudos que as pessoas terem medo de perder alguma coisa "fear of missing out".
Envolvimento na comunidade académica	temos que continuar a gerir a associação, a reprografia, nós temos que continuar a organizar a semana académica e a receção ao caloiro, são os grandes eventos académicos. Tem um impacto muito grande na vida dos estudantes, marcam o início, marcam o fim do percurso académico. Temos que continuar a representar os estudantes naquilo que são os conflitos nas salas de aulas e naquilo que é toda a questão pedagógica, que pode ter um impacto brutal e o resto pode variar um pouco. (...) com a questão do gabinete da sustentabilidade ambiental, pensámos assim, uma das coisas que nós podemos fazer é ter dispensadores de água na escola. Os estudantes podem encher as garrafas que trazem de casa, então chegamos ao pé da direção da Escola e a Associação de estudantes quer ter estas máquinas na escola, e a direção da escola: "Ótimo. Parece-nos uma boa ideia, gostamos tanto da ideia, que até é a própria direção da escola que vai oferecer a manutenção, as máquinas que nós temos é um aluguer com uma empresa.
Envolvimento na comunidade académica	ter alguma relação com as empresas, querem fazer patrocínios, querem fazer descontos pelos produtos dos nossos estudantes. (...). Nós estamos disponíveis, fazemos essa publicidade junto dos estudantes. Definimos mais ou menos que tipo de produtos é que podem ter a um preço reduzido pelo estudante que achamos que faz sentido.
Envolvimento na comunidade académica	a nossa relação com o politécnico é a vários níveis. Nós temos que ter uma relação, para começar, com a direção da escola. Tem de ser, por causa de toda a dinâmica que acontece dentro da escola. Se houver algum problema numa sala, porque a sala está danificada, nós temos que falar com a direção da escola para reparar. Se os estudantes se queixarem de um professor, temos falar com a direção da escola.

Envolvimento na comunidade académica	O desporto não é exceção, eu há pouco referia o torneio Interescolas é organizado pelo setor do desporto, mas nós aqui organizamos a as eliminatórias. Neste momento, estamos a colaborar com eles para criar uma dinâmica dos jogos online, já tivemos uma primeira reunião e então em setembro vamos começar a criar eliminatórias dentro das escolas, para depois fazermos uma equipa que represente o Politécnico de Leiria, nos campeonatos universitários, na FADU, e sempre em parceria com o setor do desporto, portanto, temos muito esta dinâmica com os SAS.
Envolvimento na comunidade académica	temos relação com o presidente, mais com o Pró-Presidente que está mesmo destinado às associações estudantes e à relação com os estudantes que é o Doutor Miguel Jerónimo, que tem também a cargo o projeto 100% In, é um projeto que visa a inclusão dos estudantes, portanto também trabalhamos com ele nesse sentido, ainda esta semana, ontem, junto com o provedor do estudante, mandamos uma série de recomendações sobre os procedimentos para alteração do estatuto de estudante com necessidades educativas especiais.
Envolvimento na comunidade académica	também com os serviços académicos, porque há muita questão que passa pelos serviços académicos e nós temos que ter uma relação com eles, (...) nas matrículas, havia a modalidade de fazer as matrículas presenciais e a associação de estudantes da (...) lá estava, a apoiar os serviços académicos nas matrículas(...) tínhamos três, quatro, cinco e seis membros da associação de estudantes a ajudar a preencher os inquéritos aos novos alunos, o que era muito bom, para os novos alunos, que chegavam e tinham logo algum contacto com os estudantes mais velhos,
Envolvimento na comunidade académica	Nós queríamos muito ter feito parte da organização do primeiro desfile pride em Leiria. Era para ter sido o ano passado, mas com o COVID acabou por não acontecer. Nós estávamos a tentar que a organização fizesse no início do ano letivo, mas queriam fazer no final de agosto, na primeira semana de setembro, se fosse na última semana de setembro, já os nossos estudantes podem participar. Mesmo assim, eu, quando tiver a associação académica, a primeira coisa que vou fazer é por um núcleo temático dos direitos LGBT, porque faz todo sentido atualmente.
Atividades na comunidade local	todos os anos, organizamos alguma atividade de raiz social. (...) tivemos de pagar uma multa por causa da reprografia, por causa de umas cópias dos livros e deram-nos a escolher, pagaram a multa ou entregar a uma entidade ou IPSS. Nós escolhemos o Lar Santa Isabel, com quem trabalhamos e a quem nós fizemos esse donativo. O núcleo de curso de engenharia informática, todos os anos organiza uma Lan Party, nós colaboramos e juntamos sempre cerca de três toneladas de alimentos para dar ao centro de acolhimento de Leiria, que faz parte da Igreja, eles trabalham muito com os sem abrigos.
Atividades na comunidade local	há uns anos, a dois ou três anos, trabalharmos com a Caritas jovem, a Caritas jovem tinha um programa, onde davam explicações a crianças, um contexto muito especial, mesmo com crianças, que vinham, estavam nas residências que a Igreja tem dos refugiados. Então, o que é que nós fizemos? Nós como temos uma reprografia junto dos nossos fornecedores, compramos algum material escolar para estes jovens, depois chegámos junto à comunidade académica e dissemos, por cada cinco euros que juntarmos, nós conseguimos atribuir uma mochila, uns cadernos, umas canetas, uns lápis, umas borrachas, e umas afiadeiras, umas coisas assim e conseguimos dar condições para, mas uma criança do ensino primário de poder ir para a escola e estudar.
Atividades na comunidade local	Passa por nós olharmos para a associação, não como algo que é passageira e só para as pessoas que estão aqui, mas que tenha um impacto diferente e também um impacto diferente na cidade, que é isso que nos falta muito aos estudantes do ensino superior. Estamos muito fechados nesta parte académica, saímos muito pouco para a cidade e quando saímos é só para ir beber uns copos aos bares, e somos acusados de fazer barulho e estamos associados a isso e tudo o resto parece que não existe, então é o nosso próximo desafio é esse.
Atividades na comunidade local	aquilo que tem sido a prática usual, é não. Para semana académica e receção, porque estão abertos a todos, para toda a gente. E nós temos felizmente, alunos do secundário que vão aos nossos eventos e tudo mais. Eu tenho uma ambição diferente, nós, apesar de no Conselho Municipal da Juventude, participarmos nas assembleias com a Câmara e tudo mais, a nossa relação muito tem uma relação cordial, mas distante, porque não é fácil, não é fácil para quem está numa câmara ter oito mil estudantes na cidade, que às três e quatro da manhã, estão a fazer barulho à porta de um apartamento e pronto...
Atividades na comunidade local	para alguém está a tentar descansar, para no dia a seguir, às nove da manhã. Estar a trabalhar não lhes interessa saber que ao final de um ano, os estudantes têm um impacto de noventa milhões de euros na economia local.
Atividades na comunidade local	A Câmara também já teve alguma vontade fazer alguns programas, só que à boa maneira da função pública, as coisas demoram muito tempo, ou muitas vezes não descolam mesmo do papel.

Atividades na comunidade local	Nós temos três associações de estudantes do ensino superior politécnico (...) cerca de seis mil estudantes (...). Se eu vou uma reunião de câmara, nunca posso falar pelos estudantes de leiria, falo pelos estudantes da minha escola! Isso também faz com que o nosso envolvimento seja sempre muito do género: - “Eu gostava de me comprometer, mas não posso comprometer sem falar com os meus colegas [das outras associações de estudantes].
Atividades na comunidade local	tivemos elementos da associação de estudantes a apresentar duas propostas para o Orçamento Participativo Jovem, coisas que estão muito associadas aos estudantes do ensino Superior, são situações, uma delas tem a ver com uma proposta de criar uma sala de estudo na cidade que esteja aberta vinte e quatro horas, sete dias por semana. E a outra tem a ver com a instalação de iluminação pública junto das residências, dos estudantes que não existe.
Atividades na comunidade local	precisamos é de um apoio para criar atividades, criar dinâmicas que façam com que os alunos gastem energia. Porque ser jovem, com vinte anos, estar numa cidade, ter uma energia própria da juventude, e a única coisa que tu tens para fazer estressar com as aulas e estudar, a alternativa obviamente é ir para os copos à noite
Atividades na comunidade local	Os clubes da região estão todos voltados para os estudantes que estão no ensino básico, nas formações, e para os estudantes do ensino superior não existe nada para fazer na cidade. E quem está na Câmara também nunca teve essa preocupação, nem essa visão. Depois, obviamente, que chega ao fim de um dia e querem que os estudantes estejam em casa fechados, não, não vai acontecer, não vai acontecer. Temos aqui um problema, um conflito entre a cidade e os estudantes que já dura há muitos anos. Mas temos de cuidar e encontrar soluções.
Atividades na comunidade local	voluntariado, temos grandes dificuldades, se tivermos uma atividade de voluntariado para ir todas as semanas, durante cinco ou seis semanas a um lar de idosos, é muito difícil que exista o compromisso dos estudantes e que esses estudantes que se comprometeram continuem a ter a atividade até ao fim. É capaz de chegar ali ao primeiro fim de semana, e, depois, já se perdem.
Atividades na comunidade local	criar uma bolsa de emprego temporário, part time, para que os estudantes pudessem efetivamente ter algumas ofertas do trabalho, com alguns parceiros conseguimos, por exemplo, com o MacDonalds, vamos enviando, nós temos um placar aqui na escola, vamos colocando. Mas queríamos que isto estende-se a muitas outras entidades quando precisassem de um part time, nós tivéssemos essa oferta para os estudantes que precisam ou querem ganhar mais algum dinheiro enquanto estudam terem essa possibilidade.
Atividades na comunidade local	na parte cultural (...) chegou até a ser aprovado, (...) Camara aprovou em dois mil e [dezanove ou] vinte ali em outubro ou novembro, aprovou na Assembleia Municipal, que os estudantes do Ensino Superior naquele ano, durante uma semana, por exemplo, não pagavam as idas aos museus aqui da cidade. É nós, gostávamos disso. Aliás, isso já tinha surgido numa reunião com ela, já tínhamos falado disso. Nós tínhamos todo o interesse, mas que queremos que isso aconteça nas primeiras semanas de aulas, quando nós temos disponibilidade para os caloiros a conhecer estes espaços, fazemos um peddy papper pela cidade, e dizíamos assim: “- Olha, atenção que nos postos tens que dizer o que é que está no placar do Museu de Leiria, dizer o que é que está escrito na placa do Castelo de Leiria.”, e os alunos acabam por ir e acabam por conhecer.
Atividades na comunidade local	um passo ainda não conseguimos dar, foi aquilo que eu falei há pouco que é mudar um pouco a nossa relação académica, da academia, com a cidade, porque nós fazemos muitas coisas, só que como as coisas partem do Politécnico e das escolas, depois acabam por não associar aos estudantes. No dia da criança, nós temos os colegas da educação básica que fazem n atividades no Estádio e tudo mais, estão lá, perdem o dia para aquilo. Mas, é tudo muito ligado à escola e nós queremos criar uma dinâmica própria dos estudantes na cidade, e isso é que era aquilo que é o que eu gostava que fosse o próximo passo.
Atividades na comunidade local	olha, nós queremos avançar com uma atividade de voluntariado”, eles dizem, mas nós vamos fazer um compromisso com um lar de idosos, vocês percebem o choque que é para um idoso, se todas as semanas a terça-feira está com um jovem, e se de repente o jovem desaparece, o impacto que isso tem para essa pessoa, portanto mais vale nem sequer começar, se não houver um compromisso em que nos garantam durante seis meses, isto vai acontecer. E pronto, e são as dificuldades que a gente tem sentido com esta questão do compromisso

Sinopse da entrevista realizada a  
Clara da AE C

**Categorias / Subcategorias**      **Excertos da entrevista realizada**

Associação de estudantes \Organização e estruturas	A nossa associação é constituída pela Mesa da Assembleia, pela direção e pelo conselho fiscal. Cada um destes três órgãos tem um presidente, tem secretários e tem suplentes. Na mesa da Assembleia, são esses três cargos, o presidente, os secretários e os suplentes, no Conselho Fiscal temos um cargo de relator e depois dentro da direção temos a presidência, temos o tesoureiro, este ano também tivemos, vogal, mas penso que isso não é suposto haver um vogal, pelo menos nos estatutos a que eu tive acesso, não há um vogal, foi o primeiro ano que eu estou lá que há um vogal, temos três secretários na direção e depois é um vice presidente por cada curso e um suplente, de cada vice, para ajudar na gestão do curso.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	(...) temos vários departamentos e são os membros que constituem a associação de estudantes que vão estar a gerir esses departamentos, entre quatro a cinco estudantes por cada departamento. Agora, de cor, não sei o nome dos departamentos, mas temos o cultural, o de apoio ao estudante, o desportivo, são várias áreas, o de comunicação social, que é a parte da gestão das redes sociais
Associação de estudantes \Organização e estruturas	há um núcleo na escola, mas é apenas um
Associação de estudantes \Organização e estruturas	supostamente as reprografias são algo pertence às associações de estudantes, mas a nossa reprografia há uns anos atrás deixou ser nossa. os estudantes (...) não têm tanta disponibilidade para isso, como os dos outros cursos, porque nós temos estágio desde o primeiro ano até ao quarto, (...), e os estágios exigem muito de nós, enquanto estudantes, esperam que o estagiário seja quase um profissional e por esse motivo, deixamos a reprografia um pouco lado
Associação de estudantes \Motivação para participar	(...) maior dificuldade que existe, e agora com isto da pandemia, torna-se ainda mais difícil, é nós não conhecermos os novos estudantes. Porque o ano passado houve muitos membros que eram finalistas licenciados e saíram.
Associação de estudantes \Motivação para participar	quando entrei no primeiro ano eu queria fazer parte da associação e a forma que eu arranjei, foi falar com alguém que eu sabia que pertencia e depois essa pessoa passou a palavra a presidente na altura e a presidente, acabou por me chamar e preenchamos um Google forms e através disso, ela selecionou quem é que ia fazer parte da lista dela.
Associação de estudantes \Motivação para participar	vi que havia um trabalho por parte da Associação de estudantes muito ativo dentro da comunidade académica, a associação de estudantes estava nas semanas académicas e nas receções ao caloiro, ajudava quando havia jantar de tunas e eventos na escola. A associação de estudantes estava lá quando era para nos receber no início do ano, havia sempre uma palavra por parte da associação de estudantes também, depois aquela parte de fazer o fardamento, arranjar atividades para o curso, isto tudo a mim, foi o que me despertou interesse para querer fazer parte da associação de estudantes.
Associação de estudantes \Motivação para participar	o trabalho em equipa, é estar dentro de assuntos que nós não sabemos que existem, não fazemos ideia que se estão a passar. Fazer parte de uma associação é defender o interesse dos estudantes e se há pessoas que nos representam, é uma associação de estudantes e lutam por nós dentro da direção do politécnico e afins, para que nós tenhamos o que é justo, para nós, enquanto estudantes.
Associação de estudantes \Motivação para participar	e a parte do currículo, que também é importante, e há muitos estudantes que vão, entram por essa razão, mas depois ficam a gostar realmente da dinâmica que existe, as atividades que vão sendo feitas ao longo do ano. Eu acho que é muito gratificante chegar ao fim do evento e ver que as pessoas gostaram, e que realmente foi um momento bom para os estudantes ou quando conseguimos alguma coisa, que queríamos há muito tempo. Acho que isso é daquelas coisas pela vontade de fazer parte.
Associação de estudantes \Motivação para participar	é o tempo que a associação de estudantes ocupa. Ainda é bastante, dependendo também do cargo que a pessoa tem. (...) A questão não terem tempo para fazer parte de uma associação de estudantes, as pessoas sabem que requer tempo e é uma verdade, quem realmente coopera e tem vontade de fazer as coisas. O tempo é uma parte importante.
Associação de estudantes \Motivação para participar	(...) a maior desvantagem que apresentam, é mesmo a falta de tempo, os que também se não é para se envolverem, preferem não fazer parte e também para nós é importante ter pessoas que realmente tenham disponibilidade para fazer,
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	estava nas semanas académicas e nas receções ao caloiro, ajudava quando havia jantar de tunas e eventos na escola
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	havia sempre uma palavra por parte da associação de estudantes também, depois aquela parte de fazer o fardamento, arranjar atividades para o curso
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	O que me ocupou mais tempo no início foi mesmo a parte do fardamento, ter que entregar as fardas, experimentação, encomendar e pagamentos. Depois disso, eram os eventos: era a gala de Natal, era a semana académica e a receção ao caloiro

Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	temos uma máquina de setas, fazemos torneios de setas, também costumamos fazer torneio de matraquilhos, isto é algo que os estudantes costumam gostar bastante, mas por causa do COVID, agora não tem sido possível. Depois fazemos a nossa gala de Natal da AE C, eu penso que é a única associação de estudantes que faz Gala do Natal (...). Depois estamos presentes nas receções e nas semanas académicas, também fazemos a parte da entrega dos diplomas e das pastas
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	temos o desfile do caloiro e o Festival da cerveja, (...). Nesta fase de recolhimento, já pensamos também fazer palestras, tivemos umas atividades quando foi isto da quarentena no ano passado, vamos buscar profissionais para falar, ou para esclarecer os nossos estudantes em lives no nosso IG, foi uma das coisas que decidimos fazer. Acho que é muito isto, atividades que sejam relacionadas com o curso, mas também possam ser gerais e para os estudantes, falarem uns com os outros, e se conhecerem também de alguma forma.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	na entrega das pastas dos finalistas, todos vieram. Foi assim o evento maior que tivemos presencial, depois em on-line tivemos a gala de Natal, tivemos muita gente a assistir. Por que na altura foi em direto e houve muita gente a assistir. Os diretos que fizemos, também tivemos sempre muita adesão por parte dos estudantes, tínhamos noventa e tal a ver. E o ano passado, quando houve a gala natal presencial também tivemos muitos alunos, era paga e os estudantes pagaram para ir. Penso que fossem mais de cem pessoas, mesmos docentes e tudo acabam por ir.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	mas acho que se houvesse que os estudantes iriam aderir, mesmo que fosse voluntariado porque houve, fizemos uma parceria com a cruz vermelha para a doação de sangue e tivemos alguns estudantes a ir.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	entrega das pastas foi feita em colaboração das três associações estudantes. Foi tudo no mesmo dia, teve tudo organizado em conjunto.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	Temos uma parceria agora com uma no centro de formação, para os nossos estudantes poderem ter desconto. Portanto temos essa parceria também, e fizemos uma doação a um canil em Leiria
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	Sendo tesoureira, tenho que passar faturas, tenho que [gerir] a conta no banco, das transferências que são feitas, das compras que são feitas, tudo isto me ocupa mais tempo no dia a dia do que o cargo que eu tinha antes, que era vice-presidente do meu curso.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	(...) o que nós fazemos é, quando há atividades a decorrer no politécnico, alguma informação que seja relevante partilhar com os estudantes, o politécnico envia-nos e-mail, ou através do instagram envia-nos as publicações e o que nós fazemos é partilhar por e-mail para o estudante ou então através de nossas redes sociais
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	partilha nas redes sociais, da sensibilização, no fundo, nós fazemos isso, mas é muito nas redes sociais ou por e mail, quando porque achamos que é a melhor forma de chegar a todos os estudantes. E sabemos que, hoje em dia, toda a gente usa as redes sociais a toda a hora. Então, essa parte da sensibilização, para vários assuntos, e como somos uma escola de saúde, também para muita coisa relacionada com a saúde, tentamos sempre fazê-lo através das redes sociais ou do e-mail, porque não temos eventos em possamos chegar e falar, e dizer que se passa isto, ou isto. Mas tentamos sempre os estudantes votem, e quando há eleições, houve a eleição dos conselhos, agora, há pouco tempo também e nós tentamos partilhar para que os estudantes saibam que é importante ir votar. Ou no Conselho Geral e nós aí não podemos tirar partido, porque somos uma associação de estudantes, não podemos dizer votem nesta lista, votem na outra, mas dizer que estão a acontecer as eleições para Conselho Geral. Este Conselho representa isto, é importante que votem, é mais neste sentido geral. Porque enquanto associação tentamos não tirar partido nem de um, nem de outro, que ficamos ali que estamos a representar. Os que temos que nos lembrar, estamos a representar os estudantes e não podemos ter uma opinião enquanto Associação.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	Nós nunca tivemos assim nenhuma atividade desse tipo
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	Tivemos a ideia de realizar uma, sobre questões culturais, eles inscreviam-se e fazíamos um concurso para ver quem é que poderia ganhar. Mas depois acabamos por nunca chegar a dinamizar essa atividade, pensamos em algumas também em parcerias com a Câmara de Leiria, para tentar desmistificar um bocadinho a imagem dos estudantes, porque sentimos que em Leiria, os estudantes estão muito mal vistos por causa do barulho que há à noite.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	Nós estamos formados por defender os interesses dos estudantes aqui e, mas eu acho que são eventos interessantes e deveriam ser dinamizados.

Associação de estudantes Desenvolver competências de participação cívica	sim, acho que se aprende muita coisa. Há muita coisa que eu sei hoje, que não fazia ideia, se estivesse do lado de fora, a parte da cooperação, o envolvimento neste tipo de atividades e entre outras, na representação dos estudantes, nos nossos interesses. Se não for a associação a defendermos, a lutar por nós, sozinhos, não vamos a lado nenhum, mas é por aí também que vem a parte do associativismo, que juntos somos mais fortes.
Associação de estudantes Desenvolver competências de participação cívica	A associação tem um papel muito importante e devia ter ainda mais na vida de cada estudante, sobretudo na parte da participação cívica. Portanto, sim, eu claramente concordo com essa frase e para mim, estar na associação, tem sido um crescimento pessoal durante estes dois anos.
Frequentar o Ensino superior	(...) como somos uma escola de ..., também para muita coisa relacionada com a saúde, tentamos sempre fazê-lo através das redes sociais ou do e-mail, (...) tentamos sempre [que] os estudantes votem, e quando há eleições, houve a eleição dos conselhos, agora, há pouco tempo também e nós tentamos partilhar para que os estudantes saibam que é importante ir votar. Ou no Conselho Geral e nós aí não podemos tirar partido, porque somos uma associação de estudantes, não podemos dizer votem nesta lista, votem na outra, mas dizer que estão a acontecer as eleições para Conselho Geral. Este Conselho representa isto, é importante que votem, é mais neste sentido geral. Porque enquanto associação tentamos não tirar partido nem de um, nem de outro, que ficamos ali que estamos a representar.
Frequentar o Ensino superior	é uma parte muito importante da educação. A educação social é muito importante e há muita gente que não a tem e acho que isso é sempre relevante em crescimento pessoal, o respeito social, individual, tudo.
Frequentar o Ensino superior	Eu estive numa reunião com a presença do Politécnico, o ano passado, não acho que eles criem obstáculos. Mas também não acho que criem solução, porque as soluções que eles nos dão sejam as mais vantajosas. Acho que eles querem tentar encontrar um ponto de equilíbrio entre os estudantes e a Câmara de Leiria, que é quem nos pode ceder espaços ou o que for em Leiria.
Frequentar o Ensino superior	tentam não levantar muitas águas, tentam criar um ambiente tranquilo entre nós e a câmara, ser um mediador, para que as coisas se mantenham calmas, mas acho que nem sempre o Politécnico consegue ver os interesses dos estudantes, porque temos que saber ver que, nem sempre existe disponibilidade, por parte das empresas para, por exemplo, cederem um autocarro, de x em x horas, de forma gratuita para os nossos estudantes. Isso é algo que não fazem e, nós temos que tentar arranjar soluções para os estudantes que sejam realmente soluções.
Frequentar o Ensino superior	(politécnico) o papel deles é diferente do que quando envolve a cidade. Parece-me a mim que têm de manter o estatuto ou uma imagem, que não estão do lado dos estudantes, mas também não estão do lado da Câmara, ficam no meio. Mas agora este evento da entrega nas pastas, foi na escola, correu tudo super bem, deixaram-nos usar os chapéus de sol, foi pedido à câmara, grades para tapar a passagem e as grades estavam lá, cederam o espaço.
Frequentar o Ensino superior	há uma relação de muita proximidade entre o diretor, as subdiretoras, e nós, estudantes, e várias vezes que nos encontramos naquelas zonas, como as da associação de estudantes ou do bar, e conversamos e estão sempre disponíveis para nós. E se precisamos de alguma coisa, até o contato telefónico, pessoal nós temos uns dos outros. Portanto, acho que a parte da disponibilidade mesmo para os nossos eventos, só se for mesmo impossível, é que não fazem ou não participam, não se envolvem.
Frequentar o Ensino superior	sim, acho que se aprende muita coisa. Há muita coisa que eu sei hoje, que não fazia ideia, se estivesse do lado de fora, a parte da cooperação, o envolvimento neste tipo de atividades e entre outras, na representação dos estudantes, nos nossos interesses. Se não for a associação a defendermos, que é mesmo assim, a lutar por nós, sozinhos, não vamos a lado nenhum, mas é por aí também que vem a parte do associativismo, que juntos somos mais fortes.
Envolvimento na comunidade académica	Fazer parte de uma associação é defender o interesse dos estudantes e se há pessoas que nos representam, é uma associação de estudantes e lutam por nós dentro da direção do politécnico e afins,
Envolvimento na comunidade académica	e há muitos estudantes que vão, entram por essa razão, mas depois ficam a gostar realmente da dinâmica que existe, as atividades que vão sendo feitas ao longo do ano.
Envolvimento na comunidade académica	torneios de setas, tínhamos matraquilhos também costumamos fazer torneio de matraquilhos, isto é algo que os estudantes costumam gostar bastante,
Envolvimento na comunidade académica	tivemos umas atividades quando foi isto da quarentena no ano passado vamos buscar profissionais para falar, ou para esclarecer os nossos estudantes em lives no nosso IG, foi uma das coisas que decidimos fazer. Acho que é muito isto, atividades que sejam relacionadas com o curso, mas também possam ser gerais e para os estudantes, falarem uns com os outros, e se conhecerem também de alguma forma.

Envolvimento na comunidade académica	(...) quando há atividades a decorrer no politécnico, alguma informação que seja relevante partilhar com os estudantes, o politécnico envia-nos e-mail, ou através do instagram, envia-nos as publicações e o que nós fazemos é partilhar por e-mail para o estudante ou então através de nossas redes sociais,
Envolvimento na comunidade académica	Sim. A opinião que eu tenho, destes dois anos, acho que sim. (...) na entrega das pastas dos finalistas, todos vieram. Foi assim o evento maior que tivemos presencial, depois on-line tivemos a gala de Natal, tivemos muita gente a assistir. Por que na altura foi em direto e houve muita gente a assistir. Os diretos que fizemos, também tivemos sempre muita adesão por parte dos estudantes, tínhamos noventa e tal, ou se evitar pessoas a ver. E o ano passado, quando houve a gala natal presencial também tivemos muitos alunos, era paga e os estudantes pagaram para ir. Penso que fossem mais de cem pessoas, mesmos docentes e tudo acabam por ir.
Atividades na comunidade local	Tivemos a ideia de realizar uma, sobre questões culturais, inscreviam-se e fazíamos um concurso para ver quem é que poderia ganhar. Mas depois acabamos por nunca chegar a dinamizar essa atividade, pensamos em algumas também em parcerias com a Câmara de Leiria, para tentar desmistificar um bocadinho a imagem dos estudantes, porque sentimos que em Leiria, os estudantes estão muito mal vistos por causa do barulho que há à noite.
Atividades na comunidade local	uma cidade de estudantes, se há estudantes na rua, tem que haver um bocado de barulho, faz parte. Mas também perceberem que os estudantes não são só barulhentos, os estudantes aumentam a economia da cidade, os estudantes dão alegria a cidade, portanto, e queremos tentar fazer umas parcerias para que as pessoas ficassem mais recetivas aos estudantes
Atividades na comunidade local	mesmo que fosse voluntariado porque houve, fizemos uma parceria com a cruz vermelha para a doação de sangue e tivemos alguns estudantes a ir.
Atividades na comunidade local	Não, nunca acho que nunca nenhuma ideia dessas foi dada, ainda! (...) Foi uma ideia, um concurso de fotografia e a ideia era falar com a Câmara, para ter as fotografias expostas ao longo da cidade, mais além da zona do centro, onde acho que é Praça Rodrigues Lobo, de partilharmos as fotos aí, sendo um concurso da Associação de estudantes e arranjarmos alguma maneira das pessoas votar ainda fotografia que mais gostaram. Mas penso que esse foi, assim, a única ideia que houve de misturar a cidade com os estudantes, a associação com a Câmara.
Atividades na comunidade local	As parcerias que nós acabamos por ter dia nós acabamos por relacionar é na receção ao caloiro e na semana académica. Isso aí as associações, porque cada associação tem direito a uma barraca, e acaba por ser responsável pela parte da venda de bilhetes, de troca de bilhetes. E aí há uma cooperação entre as três, cá de Leiria
Atividades na comunidade local	tivemos essa com cruz vermelha (...) fizemos uma doação a um canil em Leiria
Atividades na comunidade local	(...)realmente acho que não há muita interação entre a cidade e os estudantes através de nós.
Atividades na comunidade local	não fiquei com uma ideia diferente depois de ser estudante,(...). Temos que ouvir os comentários das pessoas, porque faz parte e as pessoas já não tem a nossa idade, têm a idade delas e a opinião delas, se calhar algumas pessoas nem nunca foram para a faculdade, não sabem o que é que é viver isto e não percebem. Mas, continuo a gostar da cidade, mais ainda se calhar do que gostava antes, porque agora tenho memórias cá.
<b>Sinopse da entrevista realizada ao Bruno - AE D</b>	
<b>Categoria / Subcategoria</b>	<b>Excertos retirados da entrevista</b>
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Nós não temos o nosso próprio espaço, temos um espaço que é uma sala pequena, um gabinete, nós chamamos aquilo de bunker, não dá para abrir para a associação de estudantes porque é pequeno, não dá para arejar, por causa do covid19, e é um bocado impossível fazer atividades.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Somos vinte e duas pessoas, nós somos dez pessoas ativas, mas somos 22 pessoas.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Nós não temos núcleos, temos delegados. Nós queríamos avançar este ano, mas não conseguimos, era abrir núcleos de estudantes.
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Nós olhamos para associação de estudantes e nós não olhamos para o presidente, vice-presidente, secretário, vogais não, nós olhamos para cada pessoa na equipa como dirigente associativo, fazendo parte da associação de estudantes, mas que seja colaborador, é um dirigente associativo

Associação de estudantes \\Motivação para participar	uma parte da nossa equipa, estava sempre trabalhar e trabalhos finais e uma grande parte das pessoas que estão envolvidas na associação de estudantes, são pessoas novas, são pessoas que este foi o primeiro contacto político, ou provavelmente, o segundo contacto político que tiveram a sério, de trabalhar numa associação de estudantes, de trabalhar de uma forma coletiva, então houve muitas questões individualistas, mas nós não podemos censurar isso, (...), combater os tempos e a falta de tempo e o trabalho, porque a maioria de nós, somos estudantes (...).
Associação de estudantes \\Motivação para participar	temos os trabalhos, temos a vida associativa ou, alguns tem vida associativa, tem trabalho, depois chegam a casa, têm de fazer o jantar, tomar banho, lavar a loiça, então vai logo andar que cansa logo ao início, eu quando cheguei (...), é o meu primeiro ano, nos primeiros dois meses, balancei um bocado com esta rotina, e são muitos alunos novos, [com quem] nós estamos a trabalhar e fizemos poucas atividades.
Associação de estudantes \\Motivação para participar	Fizemos uma grande reunião de alunos, (...) Fizemos um movimento chamado D em luta, que reunia os principais problemas da D, tanto nível material como nível político, como a nível associativo.
Associação de estudantes \\Motivação para participar	Nós conseguimos, nós entramos em contacto, conseguimos ter a lista, conseguimos inscrever uma lista e foi essa reunião que marcou uma nova era da Associação de estudantes, foi ver alunos preocupados, a dizer o que é que eu faço? O que é que eu posso mudar? O que é que eu posso fazer para ajudar? E foi a partir daí que as coisas começaram.
	Agora dedico pouco, pelo menos duas horas por dia, e às vezes, um fim de semana dedicava, às vezes, mais de três ou quatros, dependendo se fossem coisas importantes, por isso, em média dedicava, sim, dez horas semanais, oito horas semanais.
	o tempo foi uma das coisas que muita gente, uma grande parte da equipa não era organizada, em termos pessoais. A mim, levou-me a fazer melhores horários, e a ter tempo para tudo. Era uma coisa que eu queria e consegui, a pessoa precisa ter um horário forte, estar estável, precisa de ter cabeça acima de tudo e ter muita organização, mas isso afastou muitos colegas, quase desistirem da associação de estudantes.
	Temos muita dificuldade em captar os estudantes, quando uma associação de estudantes fica desligada durante cinco, seis anos, é catástrofe total para que estudantes fiquem desligados da realidade, desligados da associação de estudantes. E existe, e isto aconteceu na D, estamos a tentar recuperar isso aos poucos. É um trabalho, um trabalho a fundo, mas já aconteceu em muitas faculdades, acontece, (...).
	Falta de tempo, que é a principal, sem dúvida é a falta de tempo. É relevante, porque todas as semanas temos de tirar, pelo menos, duas horas, do nosso tempo para uma reunião para discutir o que se está a fazer, no mínimo, mas isso só acontece e o tempo pode ser reduzido se mais gente entrar. E as coisas começam a ser mais descentralizadas, e todas as tarefas e atividades que temos para fazer forem bem planeadas, depois acabam por se fazer.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	nós tentámos reunir os alunos e tentar debater, discutir coisas que são muito importantes, como a luta nacional que houve contra a propina.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Envolveu várias instituições, estudantes e movimentos estudantis ao longo do país, (...), envolveu alguns movimentos estudantis que se reuniram e quiseram ver que era uma forma de andar e teve uma boa adesão. Estávamos à espera de mais, aqui na escola, (...), para o que trabalhamos, para o partilhámos, o que tentamos envolver os estudantes. Foi o resultado, ficou muito aquém do que se nós estávamos à espera, mas também nós fomos ver, e isto é a primeira manifestação em dez, doze anos (...).
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	fizemos poucas atividades, houve algumas coisas de artes, algumas coisas de arte online, tentámos envolvermos num desporto, mas foi uma tarefa muito difícil e este ano ficou mesmo muita coisa parada.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Existe uma coisa chamada Encontros Nacionais Dirigentes Associativos - os ENDAS, acontece de quatro em quatro meses, onde se discute o ensino superior e nós fomos ao último, estivemos presentes (...) e deu para ver que todas as associações de estudantes, associações académicas, nós temos uma grande crítica de também, muitas associações de estudantes não terem um papel ativo. E quando é para debater, há muitas associações que, ficam de olhos fechados nas coisas que passam nos ENDA, (...) não havia discussão, era só aprovar moções, as pessoas não discutiam as coisas, não debatiam ideias. Parecia que as pessoas queriam que aquilo acabasse o mais rápido possível, porque estavam completamente desmotivadas
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	É tudo mesmo novo e uma coisa positiva que nós fizemos este mandato, foi mais a nível político mesmo, tentámos politizar as pessoas: "O que é que se passa?; Por que é que a propina existe?; Porque é que existe tanto desinvestimento no ensino superior?". Tentamos sempre ser uma ponte entre o Politécnico de Leiria e [a escola], sobre as questões de pessoas a passarem fome, pessoas que não conseguiam, na parte social e na parte política estivemos muito ativos.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	sempre a debatermos com todos os problemas no ensino superior e foi, foram os mínimos que nós fizemos e tentamos fazer uma manifestação a nível nacional e reunir todas as associações de estudantes para reunir, pelo menos a nível online

Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	acima de todo, os problemas, os problemas que existem no ensino superior, ou na faculdade que a associação de estudantes tem. Isso é a primeira e acima de tudo, uma das primeiras, ou seja, tem de ser, politizar os estudantes, a associação de estudantes tem o dever assim, muito tem direito, mas tem o dever de politizar os estudantes e de trazer os estudantes para a política e para que as pessoas da nossa idade não sejam, não seja... um erro das próximas eleições, enquanto legislativas, e do órgão da democracia em Portugal. Têm direito de politizar, acima de tudo, mas também consciencializar os problemas e de mostrar aos estudantes que existem problemas. E que existe uma maneira de combatê-los, com uma forma coletiva de reunir os estudantes, ver que a associação de estudantes é o órgão, primeiro órgão representante dos estudantes, acima de tudo.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	claro que uma associação de estudantes não é só política (...). Tem de ter atividades culturais, desportivas, envolver estudantes na área desportiva, efetuar o desporto que uma coisa importantíssima. Efetuar cultura, é uma forma dos estudantes se expressarem, é claro que é preciso. Faz falta isso, mas se uma associação de estudantes estiver desligada a nível político, é a catástrofe total.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	problemas que havia nas residências, como na residência feminina, onde a caldeira falhou durante vários dias, estivemos lá, em peso, para saber quais eram os problemas dos estudantes. (...). Especialmente quando nós pusemos no instagram um artigo informativo a explicar o que é que era a propina, isso ganhou muita fama!
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	Voluntariado, não. Mas quando tivemos atividades na área cultural, há sempre mais estudantes a participar, (...), seria estranho se não houvesse.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	queremos desenvolver no próximo ano é um convívio. (...) faz falta outra vez, um convívio académico, como deve ser, com música, com pessoas a cantarem.. As festas são importantes. São mesmo, muito importante, principalmente agora, fazem uma falta tremenda e dá para perceber.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	É uma coisa que nós queremos aprofundar, e também queríamos aprofundar, a nível ambiental. É preciso ir mais longe a nível ambiental, sim
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	E vegana. Sim, quando nós tentamos, nós queremos isso. Nós queremos que os alunos sejam bem alimentados e acima de tudo, haja alternativa para tudo.
Associação de estudantes \\Atividade desenvolvida pela AE	uma grande parte das pessoas que estão na associação de estudantes são mulheres, e nós temos um grande contacto próximo com o movimento democrático das mulheres e esse movimento já fez imensas parcerias e imensos programas e workshops sobre igualdade da mulher, sobre a prostituição, sobre todos os temas e sobre todas as temáticas que envolvem a igualdade. E nós até estivemos, quando houve o dia da mulher, elas fizeram uma manifestação em Lisboa e nós, a associação de estudantes, estivemos lá presentes.
Associação de estudantes \\Desenvolver competências de participação cívica	Envolveu várias instituições, estudantes e movimentos estudantis ao longo do país, (...) e teve uma boa adesão. Estávamos à espera de mais, aqui na escola, (...) estava à espera de mais, para o que trabalhamos, para o partilhámos, o que tentamos envolver os estudantes. Foi o resultado, ficou muito aquém do que se nós estávamos à espera, mas também nós fomos ver, e isto é a primeira manifestação em dez, doze anos (...).
Associação de estudantes \\Desenvolver competências de participação cívica	Não, não vêm do mandato anterior, são todos, tudo novo. É tudo mesmo novo e uma coisa positiva que nós fizemos este mandato, foi mais a nível político mesmo, tentámos politizar as pessoas: "O que é que se passa?; Por que é que a propina existe?; Porque é que existe tanto desinvestimento no ensino superior?". Tentamos sempre ser uma ponte entre o Politécnico de Leiria e Caldas da Rainha, sobre as questões de pessoas a passarem fome, pessoas que não conseguiam, na parte social e na parte política estivemos muito ativos.
Associação de estudantes \\Desenvolver competências de participação cívica	As eleições não eram democráticas, eram um pequeno papelinho escondido numa das salas e nós tivemos de ir quase à procura como se fosse uma caça ao tesouro. Uma das coisas que nós reunimos, é que os alunos não tinham direito à palavra da associação de estudantes, era quase impossível e mesmo quando acontecer o próximo mandato, aconteça o que acontecer, nós garantiremos que as eleições sejam efetivamente democráticas e que toda a gente saiba que está a acontecer as eleições e que toda a gente saiba que pode ter uma palavra para eleger a associação de estudantes, e para eleger a equipa que está lá para defender os estudantes, mesmo que seja uma lista de outra.
Associação de estudantes \\Desenvolver competências de participação cívica	Consideras que o é uma escola para a participação cívica, quando se fala em participação cívica, política, sente que é uma escola para esse caminho? Bruno: Sim, sem dúvida
Associação de estudantes \\Desenvolver competências de participação cívica	uma grande parte das pessoas que estão na associação de estudantes são mulheres, e nós temos um grande contacto próximo com o movimento democrático das mulheres e esse movimento já fez imensas parcerias e imensos programas e workshops sobre igualdade da mulher, sobre a prostituição, (...) sobre todas as temáticas que envolvem a igualdade. E nós até estivemos, quando houve o dia da mulher, elas fizeram uma manifestação em Lisboa e nós, a associação de estudantes, estivemos lá presentes.

Frequentar o Ensino superior	tentámos reunir os alunos e tentar debater, discutir coisas que são muito importantes, como a luta nacional que houve contra a propina, envolveu várias associações de estudantes e movimentos estudantis ao longo do país, envolveu alguns movimentos estudantis que se reuniram e (...) teve uma boa adesão. Estávamos à espera de mais, aqui na escola, para o que trabalhamos, para o que partilhámos, o que tentamos envolver os estudantes. Foi o resultado, ficou muito aquém do que se nós estávamos à espera, mas (...) é a primeira manifestação em dez, doze anos (...).
Frequentar o Ensino superior	Existe uma coisa chamada Encontros Nacionais Dirigentes Associativos - os ENDAS, acontece de quatro em quatro meses, onde se discute o ensino superior e nós fomos ao último, estivemos presentes no último ENDA e deu para ver que todas as associações de estudantes, associações académicas,(...) quando é para debater sobre os estudantes, há muitas associações que ficam de olhos fechados nas coisas que passam nos ENDA, vemos no ENDA que não havia discussão, era só aprovar moções, as pessoas não discutiam as coisas, não debatiam ideias.
Frequentar o Ensino superior	É tudo mesmo novo e uma coisa positiva que fizemos este mandato, foi mais a nível político, tentámos politizar as pessoas: "O que é que se passa?; Por que é que a propina existe?; Porque é que existe tanto desinvestimento no ensino superior?". Tentamos sempre ser uma ponte entre o Politécnico de Leiria e a Escola, sobre as questões de pessoas a passarem fome, pessoas que não conseguiam, na parte social e na parte política estivemos muito ativos.
Frequentar o Ensino superior	O Politécnico, não ajuda, não está presente, tenta sempre excluir-nos quando são as coisas importantes, tentam sempre excluir-nos das atividades mais importantes, e uma coisa que culpo um bocado o Politécnico, é quando é para questões eleitorais, mandou sempre os documentos para todos os alunos, com uma ata, mas os alunos vão olhar para aquilo, [vão perguntar]: "O que é isto?", e vão eliminar, e às vezes o Politécnico de Leiria tem o dever de informar e parece que não informa e quando informa, informa muito mal.
Frequentar o Ensino superior	Não temos nenhum lugar [nenhum estudante da AE eleito nos órgãos], o que é estranho. Mas é porque também porque as eleições para o conselho pedagógico e de representante ainda vão acontecer.
Frequentar o Ensino superior	Temos uma relação próxima, de entreaajuda dos diretores. São muito simpáticos, (...), muito sinceras. E dá para falar de tudo, dá para chegar à direção e dizer: "Olha, isto está-se a passar. O que é que podemos fazer para ajudar?". E é isso.
Envolvimento na comunidade académica	Temos muita dificuldade em captar os estudantes. Quando uma associação de estudantes fica desligada durante cinco, seis anos, é que catástrofe total para que estudantes fiquem desligados da realidade, desligados da associação de estudantes.E isso aconteceu aqui, estamos a tentar recuperar isso aos poucos. É um trabalho, um trabalho a fundo, mas já aconteceu em muitas faculdades, e está a acontecer em várias faculdades importantes e faz com que os estudantes fiquem desligados da realidade.
Atividades na comunidade local	Sobre envolvermos na comunidade DA, nós tentamos, mas o nosso lugar de pertença é na D, onde nós trabalhamos e onde faz sentido divulgar as coisas.
Atividades na comunidade local	Nós queríamos fazer uma feira, onde as pessoas podiam vender as artes. Fazer isso tanto na D como na Praça, onde as pessoas podiam expor a sua arte. mas isso caiu um bocado por terra. Depois também com o confinamento (...) todas as ideias que nós tínhamos foram um bocado difíceis de executar.
Atividades na comunidade local	Queremos voltar a ter ter uma ajuda e um ponto de palavra (...) festivais que envolvem a D, e alunos de som e imagem, teatro e design e envolvem a escola inteira na comunidade da DA e acho que a associação de estudantes tem de voltar a participar, não participámos, porque tínhamos muita coisa, mas queremos participar para o ano.

Sinopse da entrevista a  
Pedro da AE E

<b>Categoria / subcategorias</b>	<b>Excertos da entrevista realizada</b>
Associação de estudantes \Organização e estruturas	está dividida por direção, Assembleia Geral e Conselho Fiscal. A nossa associação de estudantes, isso vai dar no plano de atividades, penso eu, que temos lá esta sequência, mesmo com o número de pessoas. Consigo dizer que somos cerca de dezoito, dezanove pessoas,
Associação de estudantes \Organização e estruturas	Alguns dos departamentos mais ligados à comunicação e ao marketing, tentámos investir mais este ano, trabalhando com designer profissional da área, depois temos outras partes que são subdivididas, tais como partes de eventos, partes de logísticas, partes, mais de reuniões para agendar (...) também não conseguimos criar mais cargos porque também não havia presencialmente (...).

Associação de estudantes \Motivação para participar	(...) o poder estar mais próximo, de algo que englobe tanto a escola como os estudantes, fazer algo de importante não só estar na escola (...). Todos sabemos que escola existe para estudar e para conseguimos fazer os nossos objetivos em curso, mas também para poder dar, oferecer mais algo, oferecer mais que seja recursos humanos de ajudas (...).
Associação de estudantes \Motivação para participar	para currículos (...) pode sempre ser uma mais valia também, ou até é mesmo quem só pretende estar em eventos, ajudar, também conheço várias pessoas que se candidataram à associação de estudantes, porque adoram fazer eventos. Adoram organizar (...).
Associação de estudantes \Motivação para participar	é o tempo que leva, não terem tempo, ou não se interessarem o suficiente, pelo que a associação de estudantes faz, para não estarem na associação de estudantes, acho que são estas as duas características que afastam mais as pessoas de se juntarem.
Associação de estudantes \Motivação para participar	Mas em termos de direção de presidência, sei que um presidente ainda despende de grande tempo para a associações estudantes, não querendo mentir, mas se calhar uma horinha por dia, para tratar de assuntos relacionados como e-mails, como as reuniões, com burocracia de documentos,
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	tivemos vários eventos, por exemplo, do stand up que tivemos com Diogo Bataguas e Franco Bastos. Evento que tivemos de fazer mais reuniões referente à realização em logística do evento
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	é a interligação entre os estudantes e entre os estudantes e as escolas, é um papel muito importante que nós tentamos sempre (...) Penso que esse será o ponto mais importante tentar juntar a escola e dinamizar para os estudantes. Também criar várias situações para os estudantes, para o novo estudante, para o caloiro tentar se integrar mais na escola, acho que seria, e é um dos pontos que a associação de estudantes, se devia dedicar mais.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	Prioritárias para uma associação é a receção do caloiro, da venda de kits e a semana académica, isto na visão de estudantes. Acho que é os eventos e as situações mais importantes que a associação de estudantes faz e que organiza para dar aos estudantes.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	acho que é muito importante, ainda por cima nesta altura, que é dos únicos eventos que conseguimos fazer na escola, com vários adiamentos, com várias medidas de proteção com todas as pessoas, tanto núcleo e algumas da associação de estudantes também ajudarem, do núcleo, estou a falar do Núcleo de Gestão de Eventos, que foi uma parceria entre o núcleo e a associação estudantes
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	os eventos culturais têm forte impacto, tanto aos estudantes (...). Mas, acho cada vez mais parte cultural vai integrar os planos de atividades de associações de estudantes, não só por causa do covid, mas sabemos que é uma parte interessante, uma parte integral, a meu ver.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	queremos apoiar e temos várias promoções de apoio, limpezas de praia, várias situações de reciclagem e penso que essa parte seria fulcral, pelo menos, da nossa escola, a prestar mais em termos de ambiente e a parte ecológica.
Associação de estudantes \Atividade desenvolvida pela AE	A propria associação de estudantes, não desenvolveu nenhuma atividade, simplesmente apoia outras instituições que fazem essas tais limpezas de praia e as limpezas dos resíduos e também apoia, penso que foi um dos núcleos que lançou uma ação dessas e a associação de estudantes apoiou tanto com promoção, tanto com o membros a ajudar também na atividade.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	quando foi agora as eleições para presidente da República, tentamos que os estudantes que não pudessem ir ao concelho deles votar, que pudessem votar em Peniche, fizemos: "Como é que poderiam ter mobilidade de conseguirem votar em Peniche", até mesmo estudantes dos Açores, que não conseguem posições para votar tentarmos também integrar essa parte e tentamos sempre ajudar os estudantes.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	se aprende muito partes que não se aprendem simplesmente, a frequentar um curso. Acho que temos partes burocráticas que conseguimos aprender algumas coisas. Não tanto nas partes burocráticas, mas também de contabilidade, de saber gerir pessoal, saber gerir várias situações. Penso que ali, um meio forte entre um curso e entre um trabalho que não é realmente um trabalho, é uma associação, mas conseguimos aqui ter algumas partes iguais de uma empresa. E acho que como também em termos dever cívico, acho que é um grande, uma grande ajuda fazer parte associações de estudantes que vai libertar em nós algo positivo relacionado com o dever cívico também.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	a AE já se insere neste plano, (...) a parte ambiental e a parte ecológica, que vem sendo uma escola que lida muito com o mar também temos essa vertente queremos apoiar e temos várias promoções de apoio, limpezas de praia, de reciclagem e penso que essa parte seria fulcral, pelo menos, da nossa escola, a prestar mais em termos de ambiente e a parte ecológica.
Associação de estudantes \Desenvolver competências de participação cívica	Como associação de estudantes, isso não foi pensado, mas acho que isso também teria de vir um pouco mais de cima. (...) teria de vir algum apoio da parte da escola para conseguirmos realizar ações de cidadania ou uma aula de cidadania ou um workshop da educação cívica, algo que teria de vir de cima para conseguirmos fazer isso.

Frequentar o Ensino superior	Eu acho que sim. Eu acho que se aprende muito partes que não se aprendem, simplesmente, a frequentar um curso. Acho que temos partes burocráticas que conseguimos aprender algumas coisas. Não tanto nas partes burocráticas, mas também parte de contabilidades, em parte, de saber gerir pessoal, saber gerir várias situações. Penso que ali, um meio forte entre um curso e entre um trabalho que não é realmente um trabalho, é uma associação, mas conseguimos aqui ter algumas partes iguais de para uma empresa. E acho que como também em termos de dever cívico, acho que é um grande, uma grande ajuda fazer parte associações de estudantes que vai que vai libertar em nós algo positivo relacionado com o dever cívico também.
Frequentar o Ensino superior	penso que em termos da nossa associação nunca tivemos qualquer tipo de problema, até porque temos outras entidades, tal como a comissão praxe e até mesmo os núcleos, que nos ajudam em tentarmos integrar toda a escola e todos os alunos para as atividades, e nunca tivemos problemas de não conseguiram ter gente suficiente para algo ou alguma incapacidade de promover algo. Não, sempre estivemos uma grande ligação também com as outras entidades. Coisas mudaram nesse processo. Eu acho que essa situação do associativismo ter descido um número de envolvidos ao número de pessoas interessadas, estará mesmo em, por exemplo, as associações que não provoquem nos jovens a ambição de quererem pertencer ou quererem fazer algo pela associação e não tanto pelas associações de estudantes dos politécnicos
Frequentar o Ensino superior	a escola ajuda-nos e tenta sempre facilitar ao máximo as nossas atividades. Então sempre algo que precisemos, estão ao nosso lado para nos ajudar, seja em termos de licenciamento, em termos de material, requerimentos tentam ajudar ao máximo os alunos. Como IPL, não consigo dizer grande coisa, só ser mesmo falando mesmo da ....
Frequentar o Ensino superior	Como associação de estudantes, isso não foi pensado, mas acho que isso também teria de vir um pouco mais de cima. Ou seja, estamos a falar da ..., porque não sei se conseguiríamos só como associação de estudantes ter alguma, nós teríamos, nós teríamos alguma força nos estudantes para essas situações, mas teria de vir algum apoio da parte da ESTM para conseguirmos dar, realizar ações de cidadania ou uma aula de cidadania ou um workshop da educação cívica, algo que teria de vir de cima para conseguirmos fazer isso.
Frequentar o Ensino superior	.... é uma grande cidade, com um povo muito belo, mas há algumas pessoas que não aceitam os estudantes, vamos pôr assim, como se calhar acontecem em todo o lado, penso eu. Como associação de estudantes, tentamos muitas vezes haver interligação entre as pessoas de .... e a própria universidade de várias ações de ajuda. Por exemplo, uma associação de peniche. Houve um eventos que foi realizado pelo Núcleo de Gestão de Eventos de Solidariedade para ajuda, por exemplo, dessa mesma associação, e nós também tentamos integrar em todos os eventos que fazemos, o povo, o povo de ....
Frequentar o Ensino superior	Acho que não acho que simplesmente devia de haver um contacto mais fácil se calhar com as partes da escola para facilitarem para facilitar esse processo, esses das atividades (de educação cívica) que eu acho que é importante para cada um de nós.
Envolvimento na comunidade académica	como associação de estudantes, quando foi agora as eleições para presidente da República, tentamos com que os estudantes que não pudessem ir ao concelho deles votar, que pudessem votar em ...., fizemos do: "Como é que poderiam ter mobilidade de conseguirem votar em ....", até mesmo estudantes dos Açores, que não conseguirem posições para votar tentamos também integrar essa parte e tentamos sempre ajudar os estudantes.
Envolvimento na comunidade académica	penso que em termos da nossa associação nunca tivemos qualquer tipo de problema, até porque temos outras entidades, tal como a comissão praxe e até mesmo os núcleos, que nos ajudam em tentarmos integrar toda a escola e todos os alunos para as atividades, e nunca tivemos problemas de não conseguiram ter gente suficiente para algo ou alguma incapacidade de promover algo. Não, sempre estivemos uma grande ligação também com as outras entidades. (...) essa situação do associativismo ter descido um número de envolvidos ao número de pessoas interessadas, estará mesmo em, por exemplo, as associações que não provoquem nos jovens a ambição de quererem pertencer ou quererem fazer algo pela associação e não tanto pelas associações de estudantes dos politécnicos
Envolvimento na comunidade académica	os eventos culturais têm forte impacto, tanto aos estudantes que neste ano não tiveram nada, nem de eventos, nem de partes para poderem desanuviar e pensarem outra coisa sem ser só estudo ou no seu curso.
Envolvimento na comunidade académica	a AE já se insere neste plano, mas acho que seria melhor dar outra vida, outra reformulação, digamos assim, que seria a parte ambiental e a parte ecológica, que vem sendo uma escola que lida muito com o mar também temos essa vertente queremos apoiar e temos várias promoções de apoio, limpezas de praia, várias situações de reciclagem e penso que essa parte seria fulcral, pelo menos, da nossa escola, a prestar mais em termos de ambiente e a parte ecológica.
Envolvimento na comunidade académica	A própria associação de estudantes, não desenvolveu nenhuma atividade, simplesmente apoia outras instituições que fazem essas tais limpezas de praia e as limpezas dos resíduos e também apoia, penso que foi um dos núcleos, não lhe quero mentir os aspetos, os núcleos também lançou uma ação dessas e a associação de estudantes apoiou tanto com promoção, tanto com o membros a ajudar também na atividade.
Envolvimento na comunidade académica	estamos a falar de uma percentagem baixa, mas penso que há também uma grande consideração dos estudantes, saberem que a escola onde estão, é relacionada com o mar em conta da sua, digamos, atmosfera, sim, e tentam também integrar que, como é lógico, todas as possibilidades que têm.

Atividades na comunidade local	a AE já se insere neste plano, (...) a parte ambiental e a parte ecológica, que vem sendo uma escola que lida muito com o mar também temos essa vertente queremos apoiar e temos várias promoções de apoio, limpezas de praia, várias situações de reciclagem (...)
Atividades na comunidade local	Peniche é uma grande cidade, com um povo muito belo, mas há algumas pessoas que não aceitam os estudantes, (...). Como associação de estudantes, tentamos muitas vezes haver interligação entre as pessoas de Peniche e a própria universidade de várias ações de ajuda. Por exemplo, houve um evento que foi realizado pelo Núcleo de Gestão de Eventos de Solidariedade para ajuda, por exemplo, dessa mesma associação, e nós também tentamos integrar em todos os eventos que fazemos, o povo, o povo de Peniche.
Atividades na comunidade local	apenas os estudantes podem participar, como foi o caso, vários eventos: como bailes de gala, festas exclusivas para estudantes, mas mesmo em todos os nossos eventos maiores, tais como se mais acadêmicas, recepções, festas de cursos, tentamos também integrar a parte de Peniche.
Atividades na comunidade local	Acho que não tive assim uma grande mudança de reconhecimento do povo de peniche. Penso que posso ter conhecido algumas partes que não conhecia até lá, tais como entidades e associações, que contactamos.
Atividades na comunidade local	voluntariado, apoio para eventos no recinto dos bombeiros, que quando estávamos para com uma parceria de troca de espaço para realizações de eventos, seria também em situações de pessoas com maiores problemas, fazemos ações de banco alimentar para essas pessoas e de cabazes de Natal, é mais nesse sentido.

## O Papel das Associações de Estudantes do Ensino Superior na promoção da participação cívica

Este questionário insere-se no projeto final do Mestrado em Ciências da Educação: Especialização em Educação e Desenvolvimento Comunitário. O objetivo é analisar o papel das Associações de Estudantes do ensino superior, na promoção de uma cultura de participação cívica entre os seus membros e perceber se influencia o seu envolvimento na comunidade académica e local, através do estudo das AE do Politécnico de Leiria.

Este questionário é anónimo e confidencial e será exclusivamente usado para este estudo. Desde já agradeço a sua colaboração.

---

**\*Obrigatório**

1. Compreendo os objetivos desta pesquisa e a natureza das questões apresentadas. Concordo responder a este questionário para partilhar a minha opinião, experiências e ideias. A minha participação é voluntária. \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

O Papel das Associações de Estudantes do Ensino Superior na promoção da participação cívica

2. Compreendo os objetivos desta pesquisa e a natureza das questões apresentadas. Concordo responder a este questionário para partilhar a minha opinião, experiências e ideias. A minha participação é voluntária. \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Associação de Estudantes

3. 1. Usando a escala de 1 a 3, em que 1 corresponde a "menos importante" e 3 a "mais importante", classifique as afirmações seguintes, relativamente aos motivos de entrada na Associação de Estudantes (AE)? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	1	2	3	Não se aplica
É uma forma de conviver e de conhecer novas pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de prestar um serviço aos outros estudantes e à comunidade académica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de me enriquecer pessoalmente e de adquirir novas experiências e competências	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de poder contribuir para a melhoria da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de os estudantes se fazerem ouvir	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. 2. Como estabeleceu o primeiro contacto com a AE? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Fui convidad@ por um membro da associação
- Procurei os membros com a intenção de aderir
- Não me lembro

5. 3. Para além de participar na AE, participa noutras associações? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

Associações em que participa:

6. 3.1 Se respondeu Sim, selecione quais, das seguintes?

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Associações religiosas ou de Igreja/paroquiais
- Associações culturais ou artísticas (música, dança, teatro)
- Partidos políticos / juventudes partidárias
- Associações para a proteção da natureza, dos animais ou do ambiente.
- Associações de consumidores
- Associações/clubes em torno de um interesse específico ou de um hobby (coleccionadores, clubes de aeromodelismo, etc.)
- Sindicatos / Associações profissionais
- Associações de juventude
- Movimento ou organizações de direitos humanos
- Associações/clubes desportivos
- Associações comunitárias ou de assistência social

Outra:  \_\_\_\_\_

#### Associação de Estudantes

7. 4. Em relação à AE, com que frequência participa nas atividades realizadas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Com muita frequência (mais de 80% das atividades realizadas)
- Com alguma frequência (entre 40% a 80% das atividades realizadas)
- Raramente (menos de 40% das atividades realizadas)
- Nunca
- Não responde

8. 5. Das seguintes atividades, indique cinco que devem ser prioritárias, num plano de atividades da AE? \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Atividades lúdicas
- Atividades de defesa dos direitos dos estudantes junto de professores e Direção
- Elo de ligação aos serviços sociais (alojamento, alimentação, bolsas)
- Atividades de informação sobre os direitos e deveres dos estudantes
- Atividades desportivas
- Atividades culturais e artísticas
- Atividades promovidas pela Escola
- Atividades de educação para a cidadania
- Atividades voluntárias em prol da comunidade local
- Atividades de intervenção política

Outra:  \_\_\_\_\_

9. 6. Usando a escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "Discorda Totalmente" e 5 a "Concorda Totalmente", classifique as afirmações seguintes: \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	1	2	3	4	5
Fazer parte da AE permite aprender a intervir melhor na sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A AE deve promover espaços de conversa sobre cidadania (política, participação em eleições, apresentar propostas junto dos órgãos de soberania, entre outros).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A AE tem a obrigação de estimular a participação cívica dos estudantes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Ensino Superior

10. 7. Antes de ingressar no ensino superior, fazia parte de alguma(s) associação? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

11. 7.1. Indique o grau de concordância com a afirmação seguinte: Entrar no ensino superior teve influência na decisão de fazer parte de uma associação, neste caso, da AE.

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda totalmente
- Concorda
- não concorda nem discorda
- Discorda
- discorda totalmente

## Ensino Superior

12. 8. Indique o grau de concordância com a afirmação seguinte: Frequentar o ensino superior fez-me perceber que posso ser mais ativo na sociedade. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda Totalmente
- Concorda
- Não concorda nem discorda
- Discorda
- Discorda totalmente

13. 9. Na sua opinião, as atividades da AE são apoiadas pela direção da Escola? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

14. 10. Na sua opinião, os estudantes têm uma representação adequada nos órgãos do Politécnico de Leiria? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

15. 11. A Direção da Escola envolve a AE nas atividades extracurriculares que promove para a comunidade académica e local? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

#### Envolvimento na Comunidade Académica

16. 12. A comunidade académica (estudantes, docentes, técnicos e administrativos) participa nas atividades da AE?

*Marcar apenas uma oval.*

- Com muita frequência (mais de 80% das atividades realizadas)
- Com alguma frequência (entre 40% a 80% das atividades realizadas)
- Raramente (menos de 40% das atividades realizadas)
- Nunca
- Não sabe

17. 13. Tendo em conta as seguintes afirmações, dê a sua opinião. \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Sim	Não	Não sabe	Não responde
Os estudantes procuram a AE para apoio na resolução de problemas com os docentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes procuram a AE para apoio na resolução de problemas com os serviços de ação social?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes procuram a AE para propor atividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É difícil motivar os estudantes do ensino superior a pertencer à AE.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os docentes procuram a AE para propor atividades pedagógicas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os docentes procuram a AE para propor atividades extracurriculares?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. 14. Na sua opinião, a AE deve fazer parte de uma estratégia do Politécnico de Leiria que impulse a educação para a cidadania junto dos estudantes? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

Comunidade Local

19. 15. Indique o grau de concordância com a afirmação seguinte: O facto de pertencer à AE mudou a visão que tinha da comunidade local (cidade)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda totalmente
- Concorda
- não concorda nem discorda
- Discorda
- discorda totalmente

#### Comunidade Local

20. 15.1 No caso de ter respondido CONCORDA TOTALMENTE ou CONCORDA, explique em poucas palavras como mudou a forma de visão que tinha da comunidade local? \*

---

#### Comunidade Local

21. 16. A AE prepara atividades também para a comunidade local onde está inserida a Escola?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei

22. 17. Na sua opinião, o único impacto dos estudantes do ensino superior, na cidade onde estudam, é a nível financeiro? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda totalmente
- Concorda
- Não concorda nem discorda
- Discorda
- Discorda totalmente

## Impacto na Comunidade Local

23. 17.1. No caso de ter respondido que DISCORDA ou DISCORDA TOTALMENTE, explique em poucas palavras de que forma os estudantes têm impacto na cidade onde se insere a Escola onde estudam.

---

---

---

---

---

## Comunidade Local

24. 18. A AE procura fazer parcerias com associações, entidades privadas que funcionam na cidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei

## Dados

25. Escola \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Escola Superior de Tecnologia e Gestão
- Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
- Escola Superior de Saúde
- Escola Superior de Artes e Design
- Escola Superior de Turismo e Tecnologias do Mar

26. Género \*

Marcar apenas uma oval.

- Masculino  
 Feminino  
 Não binário  
 Não respondo

27. Idade \*

---

28. N.º de anos a frequentar o Ensino Superior \*

---

Secção sem título

Associação de Estudantes

29. 1. Usando a escala de 1 a 3, em que 1 corresponde a "menos importante" e 3 a "mais importante", classifique as afirmações seguintes, relativamente aos motivos de entrada na Associação de Estudantes (AE)? \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	Não se aplica
É uma forma de conviver e de conhecer novas pessoas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de prestar um serviço aos outros estudantes e à comunidade académica.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de me enriquecer pessoalmente e de adquirir novas experiências e competências	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de poder contribuir para a melhoria da escola	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É uma forma de os estudantes se fazerem ouvir	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

30. 2. Como estabeleceu o primeiro contacto com a AE? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Fui convidad@ por um membro da associação
- Procurei os membros com a intenção de aderir
- Não me lembro

31. 3. Para além de participar na AE, participa noutras associações? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim      *Avançar para a pergunta 32*
- Não      *Avançar para a pergunta 33*

Associações em que participa:

32. 3.1 Se respondeu Sim, selecione quais, das seguintes?

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Associações religiosas ou de Igreja/paroquiais
- Associações culturais ou artísticas (música, dança, teatro)
- Partidos políticos / juventudes partidárias
- Associações para a proteção da natureza, dos animais ou do ambiente.
- Associações de consumidores
- Associações/clubes em torno de um interesse específico ou de um hobby (coleccionadores, clubes de aeromodelismo, etc.)
- Sindicatos / Associações profissionais
- Associações de juventude
- Movimento ou organizações de direitos humanos
- Associações/clubes desportivos
- Associações comunitárias ou de assistência social

Outra:  \_\_\_\_\_

Associação de Estudantes

33. 4. Em relação à AE, com que frequência participa nas atividades realizadas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Com muita frequência (mais de 80% das atividades realizadas)
- Com alguma frequência (entre 40% a 80% das atividades realizadas)
- Raramente (menos de 40% das atividades realizadas)
- Nunca
- Não responde

34. 5. Das seguintes atividades, indique cinco que devem ser prioritárias, num plano de atividades da AE? \*

*Marcar tudo o que for aplicável.*

- Atividades lúdicas
- Atividades de defesa dos direitos dos estudantes junto de professores e Direção
- Elo de ligação aos serviços sociais (alojamento, alimentação, bolsas)
- Atividades de informação sobre os direitos e deveres dos estudantes
- Atividades desportivas
- Atividades culturais e artísticas
- Atividades promovidas pela Escola
- Atividades de educação para a cidadania
- Atividades voluntárias em prol da comunidade local
- Atividades de intervenção política

Outra:  \_\_\_\_\_

35. 6. Usando a escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "Discorda Totalmente" e 5 a "Concorda Totalmente", classifique as afirmações seguintes: \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	1	2	3	4	5
Fazer parte da AE permite aprender a intervir melhor na sociedade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A AE deve promover espaços de conversa sobre cidadania (política, participação em eleições, apresentar propostas junto dos órgãos de soberania, entre outros).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A AE tem a obrigação de estimular a participação cívica dos estudantes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## Ensino Superior

36. 7. Antes de ingressar no ensino superior, fazia parte de alguma(s) associação? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim     *Avançar para a pergunta 38*
- Não     *Avançar para a pergunta 37*

## Ensino Superior e Associativismo

37. 7.1. Indique o grau de concordância com a afirmação seguinte: Entrar no ensino superior teve influência na decisão de fazer parte de uma associação, neste caso, da AE.

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda totalmente
- Concorda
- não concorda nem discorda
- Discorda
- discorda totalmente

## Ensino Superior

38. 8. Indique o grau de concordância com a afirmação seguinte: Frequentar o ensino superior fez-me perceber que posso ser mais ativo na sociedade. \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda Totalmente
- Concorda
- Não concorda nem discorda
- Discorda
- Discorda totalmente

39. 9. Na sua opinião, as atividades da AE são apoiadas pela direção da Escola? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

40. 10. Na sua opinião, os estudantes têm uma representação adequada nos órgãos do Politécnico de Leiria? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

41. 11. A Direção da Escola envolve a AE nas atividades extracurriculares que promove para a comunidade académica e local? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

Envolvimento na Comunidade Académica

42. 12. A comunidade académica (estudantes, docentes, técnicos e administrativos) participa nas atividades da AE?

*Marcar apenas uma oval.*

- Com muita frequência (mais de 80% das atividades realizadas)
- Com alguma frequência (entre 40% a 80% das atividades realizadas)
- Raramente (menos de 40% das atividades realizadas)
- Nunca
- Não sabe

43. 13. Tendo em conta as seguintes afirmações, dê a sua opinião. \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Sim	Não	Não sabe	Não responde
Os estudantes procuram a AE para apoio na resolução de problemas com os docentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes procuram a AE para apoio na resolução de problemas com os serviços de ação social?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os estudantes procuram a AE para propor atividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É difícil motivar os estudantes do ensino superior a pertencer à AE.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os docentes procuram a AE para propor atividades pedagógicas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os docentes procuram a AE para propor atividades extracurriculares?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

44. 14. Na sua opinião, a AE deve fazer parte de uma estratégia do Politécnico de Leiria que impulse a educação para a cidadania junto dos estudantes? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei
- Não respondo

## Comunidade Local

45. 15. Indique o grau de concordância com a afirmação seguinte: O facto de pertencer à AE mudou a visão que tinha da comunidade local (cidade)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda totalmente    *Avançar para a pergunta 46*
- Concorda    *Avançar para a pergunta 46*
- não concorda nem discorda    *Avançar para a pergunta 47*
- Discorda    *Avançar para a pergunta 47*
- discorda totalmente    *Avançar para a pergunta 47*

## Comunidade Local

46. 15.1 No caso de ter respondido CONCORDA TOTALMENTE ou CONCORDA, explique em poucas palavras como mudou a forma de visão que tinha da comunidade local? \*

---

## Comunidade Local

47. 16. A AE prepara atividades também para a comunidade local onde está inserida a Escola?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei

48. 17. Na sua opinião, o único impacto dos estudantes do ensino superior, na cidade onde estudam, é a nível financeiro? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Concorda totalmente    *Avançar para a pergunta 50*
- Concorda    *Avançar para a pergunta 50*
- Não concorda nem discorda    *Avançar para a pergunta 50*
- Discorda    *Avançar para a pergunta 49*
- Discorda totalmente    *Avançar para a pergunta 49*

### Impacto na Comunidade Local

49. 17.1. No caso de ter respondido que DISCORDA ou DISCORDA TOTALMENTE, explique em poucas palavras de que forma os estudantes têm impacto na cidade onde se insere a Escola onde estudam.

---

---

---

---

---

### Comunidade Local

50. 18. A AE procura fazer parcerias com associações, entidades privadas que funcionam na cidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Não sei

### Dados

51. Escola \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Escola Superior de Tecnologia e Gestão
- Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
- Escola Superior de Saúde
- Escola Superior de Artes e Design
- Escola Superior de Turismo e Tecnologias do Mar

52. Género \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Masculino
- Feminino
- Não binário
- Não respondo

53. Idade \*

---

54. N.º de anos a frequentar o Ensino Superior \*

---

Secção sem título

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários